

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

TALES AUGUSTO WALLAUER DE LEÃO

**A BATALHA DE VUKOVAR E A GUERRA DE INDEPENDÊNCIA DA CROÁCIA:
UMA ANÁLISE A PARTIR DOS NÍVEIS DA GUERRA**

Porto Alegre

2024

TALES AUGUSTO WALLAUER DE LEÃO

**A BATALHA DE VUKOVAR E A GUERRA DE INDEPENDÊNCIA DA CROÁCIA:
UMA ANÁLISE A PARTIR DOS NÍVEIS DA GUERRA**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Leão, Tales Augusto Wallauer de
A Batalha de Vukovar e a Guerra de Independência da
Croácia: uma análise a partir dos níveis da guerra /
Tales Augusto Wallauer de Leão. -- 2024.
95 f.
Orientador: José Miguel Quedi Martins.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Ciências Econômicas, Curso de Relações
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Iugoslávia. 2. Guerra de Independência da
Croácia. 3. Batalha de Vukovar. 4. Clausewitz. 5.
Níveis da guerra. I. Martins, José Miguel Quedi,
orient. II. Título.

TALES AUGUSTO WALLAUER DE LEÃO

**A BATALHA DE VUKOVAR E A GUERRA DE INDEPENDÊNCIA DA CROÁCIA:
UMA ANÁLISE A PARTIR DOS NÍVEIS DA GUERRA**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, ____ de ____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins – Orientador

UFRGS

Prof. Dr. Érico Esteves Duarte

UFRGS

Prof. Dr. Guilherme Paiva Stamm Thudium

UnB

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e àqueles que a compõem pela possibilidade de cursar o ensino superior. Minha experiência acadêmica, até aqui, fez mais sentido para mim do que eu esperava. E isso me alegrou.

Agradeço à Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS que tornou possíveis espaços como a Oficina de Estudos Estratégicos, de onde surgiu o debate central desta pesquisa. Também agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul que possibilitou que avançasse no campo da pesquisa.

Agradeço aos que me guiaram na busca constante de conhecer melhor as coisas que me cercam e, por isso, figuram em uma posição distinta e destacada no meu caminho: os professores e as professoras. Nominalmente, agradeço aos professores doutores Fabiano Mielniczuk, Hynek Melichar, Marco Cepik — com os quais pude desenvolver a gana pela pesquisa —, Érico Duarte, Guilherme Thudium — os quais aceitaram avaliar criticamente esta monografia — e José Miguel Quedi Martins — que me orientou, fazendo este trabalho ser possível.

Agradeço a outros dois indivíduos que dedicaram parte de sua vida à docência e são — como acredito que serão eternamente — meus principais professores. Patrícia Silvana Wallauer e Loivo César de Leão, minha mãe e meu pai, possibilitaram não só que existisse, como garantiram a permanência de minha existência.

Agradeço à Isabelle Benetti, pessoa que foi central em toda a minha graduação, traçando meu caminho comigo por direções nunca antes trilhadas, mas muito bem-vindas. Contigo pude ser quem era e agora posso ser quem sou.

Por fim, agradeço a todos aqueles que me acompanharam durante essa etapa do meu desenvolvimento. Aos meus familiares, que foram fadados a constituírem parte central da minha vida — o que muito me agrada. E aos meus amigos, do interior e da capital, que teriam a possibilidade de decidir diferente, mas que seguem convivendo comigo e constituindo quem sou.

“[...] denn so wie manche Pflanzen nur Früchte tragen, wenn sie nicht zu hoch in den Stengel schießen, so müssen in praktischen Künsten die theoretischen Blätter und Blumen nicht zu hoch getrieben, sondern der Erfahrung, ihrem eigentümlichen Boden, nahegehalten werden.”

Carl von Clausewitz

“Whoever it is that ends up governing this country, might well keep this town the way it is, just as it is today, totally demolished, totally devastated, as a monument [...]”

Michael Nicholson

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar se a Batalha de Vukovar, desde o nível da tática, teve impacto positivo para a Croácia no resultado político da Guerra de Independência da Croácia. A Batalha de Vukovar ocorreu entre agosto e novembro de 1991 no leste da Croácia. Dentro da cidade, cerca de 2.000 croatas a defendiam, enquanto cerca de 40.000 tropas iugoslavas e sérvias atacaram-na por três meses até a sua capitulação. Na literatura sobre a Guerra da Croácia e na memória popular desse país, Vukovar, apesar de perdida, é considerada essencial para a vitória croata. Ainda assim, essa perspectiva, contra-intuitiva e ousada, carece de explicação devida. Para averiguar a conexão entre a Batalha de Vukovar e o resultado da guerra, o trabalho emprega as categorias analíticas dos níveis da guerra derivados de Clausewitz. A partir dos níveis tático (relacionado ao emprego das forças para vitória no combate), estratégico (no qual vitórias tática são utilizadas na busca dos objetivos político) e político (onde os objetivos da guerra se formam e onde ela é gerida) é possível estabelecer uma conexão entre o combate e a política. No nível tático, as forças croatas, em pouca quantidade e parcamente armadas, conseguiram resistir por três meses ao ataque planejado para durar dias. Isso foi possível devido ao terreno urbano que destacou a vantagem da defesa em relação ao ataque na medida em que: a estrutura de comando e controle iugoslava tornou-se inefetiva no ambiente complexo da cidade; a técnica das operações de ataque iugoslavas não seguiam uma forma eficiente para uma cidade, permitindo que operações de defesa ativa croata causassem fortes danos; o emprego de armas combinadas iugoslavas não foi realizado a contento, preterindo a infantaria e utilizando blindados e artilharia sem a organização e precisão devidas; a moral e disciplina das forças sérvias e iugoslavas mostraram-se fracas, afetando a efetividade do combate; o treinamento das forças atacantes não era suficientemente especializado para permitir a organização de um ataque a meio urbano; e a logística do cerco afetou o avanço das forças iugoslavas e sérvias. No nível estratégico, a Batalha de Vukovar atrasou o ataque iugoslavo, permitindo que as forças croatas estruturassem-se e armassem-se, levou a altos custos físicos e morais e fez as perspectivas iugoslavas tornarem-se menos positivas na guerra. Assim, o avanço iugoslavo chegou em seu ponto culminante, sendo preferível seguir a negociação política. No nível político, foi selado o Plano Vance, que finalizou a primeira fase da guerra concedendo independência à Croácia. A integridade territorial croata seria conquistada na segunda fase da guerra, que só foi possível com a sua independência, com a

estruturação de suas forças armadas e com o apoio internacional que conseguiu na primeira fase da guerra. Dessa forma, desde o nível tático a Batalha de Vukovar, mesmo tendo sido uma derrota tática, representou um incremento no plano estratégico que levou à negociação política positiva para a Croácia que conseguiu atingir seus objetivos de independência e integridade territorial.

Palavras-chave: Iugoslávia. Guerra de Independência da Croácia. Batalha de Vukovar. Clausewitz. Níveis da Guerra.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze whether the Battle of Vukovar, from a tactical level, had an positive impact for Croatia on the political outcome of the Croatian War of Independence. The Battle of Vukovar took place between August and November 1991 in eastern Croatia. Inside the city, around 2,000 Croats defended it, whereas around 40,000 Yugoslav and Serb troops attacked it for three months until its capitulation. In literature about the Croatian War and in that country's popular memory, Vukovar, although lost, is considered essential to the Croatian victory. This counterintuitive and bold perspective lacks due explanation. To ascertain the connection between the Battle of Vukovar and the outcome of the war, the research employs the analytical categories of levels of war derived from Clausewitz. From the tactical levels (related to the use of forces to win in combat), strategic (in which tactical victories are used in the pursuit of political objectives) and political (in which the objectives of war are formed and where it is managed), it is possible to establish a connection between combat and politics. At the tactical level, Croatian forces, in small numbers and poorly armed, managed to resist the attack planned to last for days for three months. It was possible due to the urban terrain which highlighted the advantage of defense over attack to the extent that: the Yugoslav command and control structure became ineffective in the complex environment of the city; the technique of Yugoslav attack operations did not follow an efficient form for a city, allowing Croatian active defense operations to cause heavy damage; the use of Yugoslav combined arms was not carried out satisfactorily, neglecting infantry and using armor and artillery without due organization and precision; the morale and discipline of the Serbian and Yugoslav forces proved to be weak, affecting the effectiveness of the combat; the training of the attacking forces was not specialized enough to allow the organization of an attack in an urban environment; and the logistics of the siege affected the advance of Yugoslav and Serbian forces. At the strategic level, the Battle of Vukovar delayed the Yugoslav attack, allowed Croatian forces to structure and arm themselves, led to high physical and moral costs, and made Yugoslav prospects less positive in the war. Thus, the Yugoslav advance reached its culmination, and it was preferable to continue political negotiation. At the political level, the Vance Plan was accepted, which ended the first phase of the war by granting independence to Croatia. Croatian territorial integrity would be achieved in the second phase of the war, which was only possible with its independence, the structuring of its armed forces and the international support it achieved in the

first phase of the war. Thus, from a tactical level, the Battle of Vukovar, even though it was a tactical defeat, represented an increase in the strategic plan that led to positive political negotiations for Croatia, which managed to achieve its objectives of independence and territorial integrity.

Keywords: Yugoslavia. Croatia War of Independence. Battle of Vukovar. Clausewitz. Levels of war.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CLAUSEWITZ, OS NÍVEIS DA GUERRA E O COMBATE URBANO	15
2.1 APLICABILIDADE DE CLAUSEWITZ AO TEMA	15
2.2 TEORIA DA GUERRA DE CLAUSEWITZ: UM RESUMO ORIENTADO À PESQUISA	17
2.3 OS NÍVEIS DA GUERRA ENQUANTO CATEGORIAS ANALÍTICAS	23
2.4 COMBATE URBANO E A SUPERIORIDADE DA DEFESA	27
2.5 OPERACIONALIZAÇÃO DA TEORIA	28
3 A DISSOLUÇÃO DA IUGOSLÁVIA E A GUERRA DA CROÁCIA	30
3.1 A DISSOLUÇÃO DA IUGOSLÁVIA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	30
3.2 A GUERRA DA CROÁCIA	36
3.2.1 Contexto	37
3.2.2 Primeira fase da Guerra	40
3.2.3 Segunda fase da Guerra	50
3.2.4 Resultado da Guerra	55
4 A BATALHA DE VUKOVAR	58
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO: A CIDADE, OS ANTECEDENTES E AS FORÇAS	59
4.2 ANÁLISE DOS FINS: A IMPORTÂNCIA DA CIDADE PARA A GUERRA	61
4.3 ANÁLISE DOS MEIOS: A BATALHA	62
4.4 AVALIAÇÃO: O COMBATE URBANO, A VITÓRIA PÍRRICA E OS OBJETIVOS DA GUERRA	69
4.4.1 O nível tático: combate urbano	70
4.4.2 O nível estratégico: vitória pírrica	74
4.4.3 O nível político: objetivos da guerra	78
5 CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	88

1 INTRODUÇÃO

Se é possível destacar uma batalha decisiva na Guerra de Independência da Croácia (1991-1995), essa pode ser a Batalha de Vukovar, conforme aponta Norman Cigar (1997, p. 35). Marijan (2002, p. 401) descreve a mesma batalha como o evento militar mais importante da guerra, enquanto Hoffman (1999, p. 8) aponta que ela seria o ponto de viragem do conflito armado em favor da Croácia. A cidade de Vukovar teria sido assim a “heroína” que possibilitou a independência do país (Živić; Degmečić, 2016, p. 184-189).

Ao ler essas afirmações sobre a Batalha de Vukovar (1991), pode-se pensar que se trata de uma grande disputa entre as forças independentistas croatas contra as forças do Exército Popular da Iugoslávia (JNA) e sérvias, com uma vitória impositiva daquelas sobre estas. Surpreende e intriga o pesquisador ao aprofundar-se na temática, a descoberta de que Vukovar trata-se de uma cidade de médio porte, localizada no extremo leste croata, às margens do Danúbio, e que defendida por uma força de aproximadamente só 2.000 croatas, não resistiu ao ataque sérvio-iugoslavo, e caiu em novembro de 1991 após os três meses do cerco imposto (CIA, 2003).

Mesmo não questionando diretamente a veracidade das citações do primeiro parágrafo, que engrandecem a relevância de Vukovar, a ideia de uma batalha perdida influenciar a vitória em uma guerra é no mínimo contra-intuitiva. Também pode ser considerada ousada, na medida em que conecta um evento do campo de batalha a um resultado do campo político. Nesse sentido, o presente trabalho tem como ignitor a busca por entender essa relação contraintuitiva, até então não explorada com o foco e a abordagem proposta. O objetivo geral da pesquisa, é compreender se a Batalha de Vukovar, desde o nível da tática, teve impacto positivo para a Croácia no resultado político da Guerra de Independência da Croácia.

Partindo do trabalho fundamental de autores que já debruçaram-se sobre a Batalha de Vukovar, como Cigar (1993), Sebetovsky (2002) e Ferreira (2012), a hipótese que guiou a realização dessa pesquisa é positiva: sim, a Batalha de Vukovar teve impacto positivo no resultado da Guerra da Croácia¹, que pode ser compreendido ao relacionar os níveis da guerra. Apesar de ter sido uma derrota no nível tático para os croatas, a forma com que ela foi lutada devido ao seu terreno urbano, fez com que ela fosse estrategicamente bem-sucedida, levando a

¹ Utiliza-se neste trabalho, para facilitar tanto a escrita como a leitura, os termos “Guerra de Independência da Croácia” e “Guerra da Croácia” de forma intercambiável.

um avanço no nível político da guerra que possibilitou um cessar-fogo visto como uma vitória para a Croácia.

Para averiguar essa hipótese, este trabalho conta com três objetivos específicos. Primeiro: entender a Guerra da Croácia enquanto evento político e militar, traçando os objetivos que levaram à guerra, seu desenvolvimento e os seus resultados. Segundo: traçar uma análise em profundidade da Batalha de Vukovar, para entender seus antecedentes, os objetivos que estavam ligados à ela, a forma como foi lutada, seu resultado e seu impacto no contexto militar e político em que se inseriu. Terceiro: conectar a batalha à guerra de forma a constatar ou não a sua relevância daquela para esta.

Para contextualizar a pesquisa que segue exposta nos próximos capítulos e compreender se a hipótese inicial estava correta, faz-se necessário discorrer sobre duas questões. A primeira, que conecta-se ao tema geral da pesquisa, diz respeito à Guerra da Croácia. A segunda, que remete ao enquadramento metodológico da pesquisa, é referente à definição dos “níveis da guerra”.

A Guerra de Independência da Croácia, foi um dos conflitos que compõem o processo da dissolução da Iugoslávia nos anos 1990. Formada inicialmente após a Primeira Guerra Mundial enquanto um reino, a Iugoslávia sofreu com a invasão dos países do Eixo durante a Segunda Guerra ao mesmo tempo que internamente grupos étnicos que compunham o país voltavam-se uns contra os outros (Graaff, 2005, p. 161). No pós-guerra, o líder dos socialistas do país, Josip Broz Tito, reunificou-o sob a República Socialista Federativa da Iugoslávia, que iria se beneficiar do contexto da Guerra Fria para estabelecer-se enquanto país independente, economicamente ativo e militarmente forte (Severo, 2011, p. 70-78).

O fim da bipolaridade sistêmica, porém, contribuiu para a crise que se instalara no país desde a morte de Tito em 1980. Endividada externamente, com a perda da autoridade central e a constatação de uma institucionalidade incapaz de resolver disputas entre as repúblicas da confederação, a federação viu as tensões políticas passarem aos campos de batalha (Woodward, 1995, p. 20). Após a rápida guerra de independência da Eslovênia, a Guerra de Independência da Croácia mostrou-se longa, contrapondo as forças dos secessionistas croatas às forças da Iugoslávia e da população sérvia dentro da Croácia. A primeira fase do conflito finalizou-se no início de 1992 (Baker, 2015, p. 53), com os croatas garantindo sua independência, mas sua

integridade territorial só seria totalmente adquirida ao fim da segunda fase, que durou até 1995 (Tatalović, 1996).

A guerra descrita acima de forma resumida é apresentada de forma detalhada no capítulo terceiro deste trabalho. Mas para isso, é necessário considerar algum método que permita compreender a guerra de forma a responder se a Batalha de Vukovar teve impacto nela. Para isso decidiu-se considerar o arcabouço teórico elaborado por Carl von Clausewitz em seu tratado “Da Guerra”. Propondo que a guerra é um instrumento para a busca de objetivos políticos por meio da violência, na qual o combate é o elemento empírico central, Clausewitz traz à baila ideias preciosas para compreender o papel de Vukovar na Guerra da Croácia. A mais relevante sendo a concepção dos níveis da guerra enquanto categorias analíticas, que possibilitam a articulação causal entre o emaranhado de causas e efeitos que compõem as guerras, conectando o combate ao objetivo político (Garard, 2016, p. 4). Esses níveis podem ser descritos como: o nível tático — no qual se analisam os combates em si e as decisões que os cercam —, o nível estratégico — em que se busca articular os resultados táticos a fim de atingir os objetivos da guerra — e o nível político — no qual são formados os objetivos (Duarte, 2013a, p. 74).

A obra de Clausewitz também dá base para a metodologia da presente pesquisa. As etapas da análise crítica proposta pelo teórico consideradas no capítulo quarto deste trabalho, compreendem: a contextualização da batalha, na qual avalia-se seus antecedentes e o perfil das forças envolvidas; a análise dos fins, em que se identificam os objetivos que geraram a Batalha de Vukovar; a análise dos meios, na qual apresenta-se o desenvolvimento do combate na batalha; e a avaliação, na qual busca-se estabelecer conexões entre os eventos desde o nível tático da Batalha de Vukovar até o nível político. A metodologia de análise crítica das informações sobre a guerra, será baseada em uma metodologia de coleta de dados a partir da revisão de literatura especializada principalmente de fotos secundárias (acadêmicas e profissionais), tendo em vista a falta de documentos primários de acesso possível. Consideraram-se para a presente pesquisa artigos de periódicos, artigos de revista, notícias, livros, dissertações, teses acadêmicas, e relatórios técnicos². A partir dessas fontes e de uma abordagem nova dentro do tema, apresenta-se um trabalho que se justifica academicamente pela sua autenticidade.

Para além da autenticidade, a pesquisa ganha relevância por três nexos presentes em seu desenvolvimento, mesmo que não centrais. O primeiro diz respeito à conexão da Guerra da

² Elaborados por autores não nomeados da *Central Intelligence Agency* estadunidense (CIA) e publicados em dois volumes, ver CIA (2002) e CIA (2003).

Croácia, a partir da dissolução da Iugoslávia, a um processo de configuração sistêmica. Para além de ser um elemento explicativo para a crise que levou à dissolução da Iugoslávia (Woodward, 1995), o sistema internacional também foi informado por ela. Em um momento em que a unipolaridade americana era estabelecida no pós Guerra Fria, a forma como este único pólo hegemônico de poder iria relacionar-se com outros entes relevantes — a polarização sistêmica — carecia de delimitação. Nesse ínterim, as guerras iugoslavas podem ser tomadas como símbolos do processo que determinou a posição subalterna da União Europeia em sua relação com os Estados Unidos (Martins, 2004, p. 130-134), que como um poder hegemônico, viria a intervir em regiões alheias às suas de forma direta, e delineando assim um cenário de tensões com a recém formada Rússia (Simic, 2001; Vizentini, 1999a). Dessa forma, o processo da dissolução da Iugoslávia, é estruturante da forma que o sistema internacional se organizou no pós-Guerra Fria, e, acreditando que o estudo das pequenas etapas que levaram a essa dissolução permite evoluir a compreensão desse grande processo, o presente trabalho busca, ao entender como a Batalha de Vukovar levou ao resultado que teve a Guerra da Croácia, avançar a compreensão desse processo sistêmico — mesmo que de forma distante.

O segundo nexos que dá relevância a esta pesquisa dentro do campo de Relações Internacionais (RI), é tratar de um evento fundamental a ele: guerra. O evento fundador das relações internacionais ao fim da Guerra dos Trinta anos, a formação no campo de RI após a Primeira Guerra Mundial, e mesmo o seu desenvolvimento durante a Guerra Fria não possibilitam reconhecer a relevância interna e externa que o fenômeno da guerra tem para o campo (Pecequillo, 2004; Castro, 2012). Assim sendo, o presente trabalho busca avançar o conhecimento sobre a guerra, replicando o método de análise crítica de Clausewitz para analisar um conflito que carece de estudos. Se a aplicação do arcabouço clausewitziano para analisar as guerras da Iugoslávia mostrasse mais comum, a Guerra da Croácia ainda carece de pesquisas que se proponham a compreender o confronto de uma forma metódica e não-enviesada, mesmo compreendendo as dificuldades inerentes a essa tarefa (Bjelajac; Žunec, 2009).

A terceira forma de justificar este trabalho diz respeito à opção de entender a batalha em desde seu nível tático. O principal determinante da forma que a Batalha de Vukovar foi lutada, nas bem sucedidas ações de defesa e nas malogradas tentativas de ataque, foi seu terreno urbano. Cidades são, cada vez mais, o ambiente natural do ser humano e, são pontos centrais da vida política (Sullivan e Elkus, 2011). Se desde a antiguidade as cidades foram centros relevantes

para as guerras (DiMarco, 2017; King, 2021), atualmente entender a forma que o combate é travada em tal terreno é essencial, na medida em que exemplos da Guerra na Ucrânia — Bakhmut, Mariupol e até mesmo Kiev — e do conflito Israel-Hamas — em Gaza — trazem à tona os sofrimentos e as dificuldades de tais embates.

Por fim, o conteúdo que segue esta introdução, capítulo primeiro do trabalho, é dividido em três outros para além da conclusão. O capítulo segundo busca estabelecer a base metodológica do trabalho, apresentando de forma resumida e orientada o pensamento de Clausewitz, sua aplicabilidade, sua concepção dos níveis da guerra e as formas como seu constructo teórico pode ajudar a entender as peculiaridades do combate urbano. O capítulo terceiro apresenta como o processo de dissolução da Iugoslávia conecta-se com as dinâmicas do sistema internacional; e nesse ínterim, analisa a Guerra da Croácia, o contexto em que ela se deu, o seu desenvolvimento e o seu resultado. Neste capítulo é possível compreender o papel dos líderes croata e sérvio para o desenrolar da guerra, como também os objetivos, perfis de força e estratégias adotadas. O capítulo quarto é o capítulo central do trabalho, no qual a atenção é voltada para a Batalha de Vukovar em si buscando responder à pergunta de pesquisa. Inicia-se a análise da batalha com a contextualização da cidade, os antecedentes e as forças envolvidas. Então traça-se uma análise dos fins da batalha, ou seja, quais os objetivos que as forças militares tinham com Vukovar. Em seguida, na análise dos meios é apresentado o desenvolvimento da batalha, suas etapas e suas principais características, para poder compreender como ela foi lutada e qual foi seu resultado. A seção final do capítulo quarto apresenta uma avaliação da batalha a partir da compreensão e conexão dos níveis tático, estratégico e político. Ao fim do trabalho, o capítulo de conclusão compreende um resumo dos resultados obtidos, bem como apresenta formas de avançar o estudo e ensinamentos derivados dele.

2 CLAUSEWITZ, OS NÍVEIS DA GUERRA E O COMBATE URBANO

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e debater a abordagem teórica/metodológica que dá base para a pesquisa aqui apresentada. Na primeira seção, faz-se a apreciação da aplicabilidade do pensamento do teórico e militar prussiano Carl Von Clausewitz (1780-1831) ao tema da presente pesquisa. Na segunda seção há um resumo de partes centrais de sua teoria da guerra. Na terceira, apresenta-se a elaboração de Clausewitz sobre os níveis da guerra enquanto categorias analíticas. Na quarta seção do capítulo, é feita uma análise sobre o combate urbano — ou “*urban warfare*” —, considerando para isso não só literaturas que buscam traçar padrões de reconhecimento entre os fenômenos belicosos em ambiente urbano, mas também considerações teóricas de Clausewitz que servirão para estruturar estes padrões. Concluídas estas etapas, na quinta seção, é apresentado o desenho teórico utilizado no decorrer do trabalho.

2.1 APLICABILIDADE DE CLAUSEWITZ AO TEMA

A aplicabilidade da estrutura teórica considerada para a resolução do problema de pesquisa do presente trabalho fazer-se-á clara — em sua adequação ou em sua não-adequação — somente a partir da avaliação crítica da totalidade do trabalho. Ainda assim, considera-se necessário, já de início, levantar o debate sobre a aplicabilidade da abordagem clausewitziana ao contexto das guerras de dissolução da Iugoslávia e, mais precisamente, à Batalha de Vukovar na Guerra da Croácia. Isso se dá, pois, apesar de Clausewitz ser considerado um dos mais proeminentes pensadores da guerra e de sua obra seminal — “Da Guerra” (*Vom Kriege*) — ser até hoje utilizada, ela conta com uma data de publicação quase duplamente centenária: 1832. Considerando as mudanças características da realidade humana onde se situa o fenômeno da guerra, muitos já questionaram a manutenção da aplicabilidade do pensamento de Clausewitz.

No século XX, por exemplo, com as guerras contra a colonização europeia, e os movimentos revolucionários de esquerda como na China de Mao Tse-tung e na Cuba de Fidel, houve a ascensão de conceitos como a “guerra revolucionária” e a “guerra de guerrilha”. Nesse contexto, alguns teóricos, como apontado por Smith (2005), desafiaram a teoria clausewitziana, considerando-a desatualizada e prejudicial, incapaz de compreender uma suposta nova era de

conflitos na qual a natureza da guerra já não era mais a mesma que no período analisado por Clausewitz, contando com diferentes agentes, cenários e táticas. Dentre vários outros críticos que na década de 1990 voltaram-se para o fenômeno das guerras irregulares, Kaldor (1999) foi um dos que rejeitou a abordagem clausewitziana, propagando o conceito de “novas guerras”, as quais seriam caracterizadas por menor participação de agentes estatais e maior atuação de entes privados nos conflitos, tornando assim o arcabouço teórico de Clausewitz inadequado para análise desses conflitos.

É válido notar que as próprias guerras de dissolução da Iugoslávia foram apontadas como correndo em paralelo ao que poderia ser considerado uma “guerra típica”. Smith (2005, p. 38) aponta que autores, como John Keegan, retratavam as guerras em questão como “antigas em origem”, sendo exemplos de “guerra primitiva”, caracterizadas por lutas guerrilheiras, métodos paramilitares e distanciamento de uma racionalidade belicosa.

No entanto, autores como Ferreira (2012) argumentam que, apesar das transformações, os princípios fundamentais do tratado sobre a guerra de Clausewitz permanecem relevantes para a compreensão desse fenômeno, desafiando as perspectivas, como a de Kaldor, que negam sua aplicabilidade. Segundo Smith (2005, p. 29), as lentes conceituais fornecidas por Clausewitz continuam sendo a única maneira apropriada de entender os fenômenos de guerra, sejam elas revolucionárias, de guerrilha ou de qualquer intensidade, tendo em vista que os conceitos apresentados pelo prussiano são devidamente maleáveis para abarcar a pluralidade de características da guerra, que mesmo mudando em sua forma, não mudaria em natureza. Considerar que a natureza do fenômeno bélico é alterado somente pelas formas como os combates são levados a cabo, seria um erro de contextualização que não só não melhoraria a capacidade analítica, mas também poderia empobrecer o entendimento da guerra (Smith, 2005, p. 36-37).

Enquanto alguns autores apontam uma suposta irracionalidade e a ausência do Estado nos conflitos iugoslavos, outros debatem em oposição, buscando mostrar como essas guerras podem ser analisadas como quaisquer outras. Angstrom (2005, p. 10), destaca que o comportamento dos envolvidos durante as guerras iugoslavas seguiu, mesmo que de forma diferente de padrões anteriores, preceitos racionais na busca de implementar gradualmente seus objetivos de guerra. Bob de Graaff (2005) aponta que as perspectivas anti-clausewitzianas de “novas guerras” sem a presença da figura estatal não seriam cabíveis para as guerras de dissolução da Iugoslávia,

mostrando como agentes estatais — consolidados ou em consolidação — foram centrais no decorrer desses conflitos. Portanto, a noção de que eles não seguiram um padrão “normal” de guerra, e por isso não poderiam ser devidamente analisados, faz-se inaplicável. Ainda assim, não se nega aqui que cada conflito conta com suas peculiaridades, sendo justamente por isso que uma análise clausewitziana, caracterizada pela capacidade de absorver as contingências da guerra, não se faz somente possível, mas também necessária (Smith, 2005, p. 50).

A oposição à abordagem de “novas guerras” e de outras perspectivas que apontam a teoria clausewitziana como incapaz de abordar as guerras do período da dissolução da Iugoslávia, como exposto, não é uma novidade deste trabalho, nem mesmo quando trata-se da Guerra da Croácia e da Batalha de Vukovar em específico. Ferreira (2012), por exemplo, ao tratar da Batalha de Vukovar como um exemplo do conceito de guerra irregular complexa — prévia aos conflitos em geral considerados inauguradores do fenômeno —, mobiliza o arcabouço teórico de Clausewitz, inclusive os níveis da guerra, mostrando como ele é aplicável nestes contextos. Já Sebetovsky (2002), utiliza a categoria do nível tático como parte central do seu trabalho expositivo. Por fim, Cigar (1993), ao analisar a Guerra da Croácia na busca por identificar o momento decisivo da guerra até o momento em que escrevia, mobiliza conceitos clausewitzianos como o “ponto culminante” para desenvolver seu argumento.

Como proposto por Duarte e Mendes (2016, p. 135), seguir uma pesquisa baseada em Clausewitz possibilita abranger um amplo espectro de fenômenos sociais nos quais a força é utilizada para fins políticos, permitindo analisar qualquer “fato novo” decomponível em considerações táticas, estratégicas e políticas. Nesse sentido, o presente trabalho utiliza-se do arcabouço analítico de Clausewitz de forma a esclarecer a pergunta de pesquisa. Por isso, na seção que segue será apresentado um resumo da teoria da guerra de Clausewitz.

2.2 TEORIA DA GUERRA DE CLAUSEWITZ: UM RESUMO ORIENTADO À PESQUISA

Para compreender a teoria da guerra de Clausewitz, é necessário primeiro explicitar o que ela não é: um fim em si mesma. Na realidade, ela se constitui com uma parte servidora de um método para avançar a compreensão da guerra. A proposta de Clausewitz é uma resposta ao desafio de entender até que ponto é possível compreender a guerra e como esse conhecimento pode ser prático e útil (Duarte, 2013a, p. 67). O propósito fundamental de qualquer teoria na

compreensão do prussiano, seria elucidar conceitos e ideias que se tornaram controvertidos, para assim progredir de maneira clara e simples no inquérito de questões sobre a guerra (Duarte, 2013a, p. 68). É o caso aqui, das categorias analíticas dos níveis da guerra, que possibilitam a operacionalização do estudo da Batalha de Vukovar e de sua relação com a Guerra da Croácia.

O arcabouço proposto por Clausewitz, busca estabelecer conceitos, determinar relações entre conceitos e possibilitar tanto a avaliação da realidade quanto a avaliação de si mesma, sendo dessa forma uma teoria universal para entender o fenômeno da guerra, mesmo tendo de ser, para isso, uma teoria inerentemente mutável e adaptável (Duarte, 2013, p. 68; Guha, 2011). É nesse sentido que, para diferenciar de abordagens que buscam uma delimitação rígida, baseada em leis e axiomas imutáveis, que utiliza-se neste trabalho preferencialmente a grafia de “teoria da guerra” com minúscula, ou então refere-se ao arcabouço teórico de Clausewitz como “tratado sobre a guerra” ou “pensamento de Clausewitz”.

Para possibilitar uma compreensão breve do pensamento de Clausewitz, cabe apresentar alguns dos elementos centrais da teoria da guerra. Como base central para os cinco elementos aqui apresentados, foi considerado o trabalho de desenho de um programa de pesquisa científica clausewitziano realizado por Duarte e Mendes (2016, p. 95-135).

A natureza guerra é o primeiro elemento essencial da teoria de Clausewitz que necessita ser aqui explicitado. “A guerra nada mais é que um duelo em larga escala [...] um ato de violência para compelir nosso inimigo a fazer a nossa vontade” (Clausewitz, 1976, p. 75, tradução própria)³. A guerra, assim, tenderia ao extremo da violência concentrando-se no tempo e no espaço em um único ato decisivo. Porém, essa concepção absoluta da guerra não resiste às fricções que são características do combate real, levando o conflito a ser constituído por combates espalhados nos quais os meios das forças combatentes são distribuídas. E dessa forma, a política e sua lógica própria adentram interconectam-se com o fenômeno da guerra podendo ela objetivar não apenas a completa submissão do adversário, mas também a mudança das relações entre os beligerantes (Clausewitz, 1976, p. 91; Smith, 1990, p. 52).

O segundo elemento essencial da teoria da guerra é a relação entre guerra e política. Para além da famosa concepção de que a guerra é continuação da política por outros meios, em Clausewitz, aquela é subordinada a esta, sendo

³ No original: War is nothing but a duel on a larger scale. [...] War is thus an act of force to compel our enemy to do our will.

[...] que a guerra nunca deveria ser pensada como algo autônomo, mas sempre como um instrumento da política [...] (Clausewitz, 1976, p. 88, tradução própria)⁴

Smith (2005, p. 39) reforça a ideia de que a guerra é um instrumento argumentando que ela segue a lógica política, não possuindo lógica própria, mesmo com sua própria gramática. Por fim, Sharma (2015, p. 327) ressalta que em Clausewitz a guerra não pode ser separada da vida política e as conexões entre esses dois elementos não podem ser destruídas, sendo que se isso ocorrer a análise do evento militar se torna algo sem sentido.

Além disso, reside na relação com a política a determinação do tipo de guerra. Em Clausewitz, a guerra absoluta, uma manifestação de violência desconectada do espaço político, não é possível na realidade (Smith, 2005, p. 39). Dessa forma, surgem duas classificações de guerra, as quais dependem do objetivo político — os fins — que leva a elas. A guerra ilimitada: acontece quando os objetivos de ambos os lados são opostos e por isso não há possibilidade de negociação de paz ou *status quo* aceitável por ambos os lados, por esse motivo é necessário empregar todos os meios para que o outro lado seja incapacitado física ou moralmente de se opor a uma solução. E a guerra limitada: acontece quando os objetivos dos beligerantes não são totalmente mutuamente exclusivos, e assim há uma maior consideração por ambas as partes de qual nível de custos será empregado na busca dos objetivos, havendo possibilidade de negociação para chegar a um resultado que agrada ambos os lados a partir do momento em que os desenvolvimentos da guerra tornem opções de manutenção do conflito mais custosos (Duarte, 2013b, p. 36). Quando os objetivos de uma determinada guerra, como a Croácia, não são claramente apresentados, a definição dela enquanto ilimitada ou limitada pode tornar-se difícil, mas a forma como ela desenvolve-se pode ajudar a fazer essa definição, como se vê na segunda seção do terceiro capítulo deste trabalho.

O terceiro elemento a ser compreendido é a centralidade do combate na concepção de Clausewitz sobre a guerra. A definição da guerra como um ato de força para obrigar o inimigo a fazer a sua vontade conduz à conclusão lógica de que, na guerra, tudo está vinculado ao combate (Duarte e Mendes, 2016, p. 134). Para Clausewitz, os combates são os elementos constituintes que informam a tática e a estratégia.

⁴ No original: First, therefore, it is clear that war should never be thought of as something autonomous but always as an instrument of policy; otherwise the entire history of war would contradict us

Por mais formas que o combate assuma, por mais que possa ser afastado da descarga bruta de ódio e inimizade de um encontro físico, por mais que se intrometam muitas forças que não fazem parte da luta, é inerente ao próprio conceito de guerra que tudo o que ocorre deve originalmente derivar do combate (Clausewitz, 1976, p. 95, tradução própria)⁵.

É interessante levantar a distinção feita por Clausewitz entre duas formas de combate, bem descritas por Friedman (2021): o combate cerrado (*close combat*) e o combate à distância (*fire combat*). O combate cerrado diz respeito ao choque direto entre grupamentos combatentes em uma batalha, sendo caracterizado por um padrão de “certeza”, no qual o resultado de qualquer escaramuça pode ser identificado claramente. Já o combate à distância seria aquele que diz respeito ao uso de artilharia — que evoluiu em grande medida desde os tempos de Clausewitz, mas ainda pode ser considerada dentro de seu pensamento —, por exemplo com o bombardeamento de posições inimigas antes de um ataque direto. Esta forma de combate seria caracterizada não pela “certeza” mas pela “probabilidade”, afinal, em um ataque à distância, o resultado não é claro: não é possível entender o quanto um ataque aéreo causou de baixas do lado inimigo. Nesse sentido, a utilização dos dois modos de combate em conjunto — armas combinadas — seria mais poderosa do que o uso em separado de cada uma (Friedman, 2021, p. xv). Esta distinção é relevante para o estudo de Vukovar, na medida em que a não utilização das armas combinadas de forma organizada dificultou o avanço das forças iugoslavas e sérvias.

O quarto elemento central a ser considerado é a superioridade intrínseca da defesa sobre o ataque, que torna a guerra real diferente da guerra absoluta, na medida em que o lado atacante tem, intrinsecamente, uma desvantagem, tornando irracional o ato de violência extrema unificada no tempo. Apesar dessa superioridade, é importante entender que a natureza pura da defesa segundo Clausewitz é marcada por um propósito negativo, de preservação, enquanto o ataque puro possuiria um propósito positivo de conquista, e por isso a defesa deve incorporar elementos ofensivos, sendo o contra-ataque uma tendência inerente à defesa e o momento de maior oportunidade para o lado defensor (Gat, 1988, p. 20-21).

Quanto à razão da superioridade da defesa em relação ao ataque, Clausewitz (1976, p. 360), destaca que três razões dão vantagem no nível tático do combate: “a surpresa, a vantagem

⁵ No original: However many forms combat takes, however far it may be removed from the brute discharge of hatred and enmity of a physical encounter, however many forces may intrude which themselves are not part of fighting, it is inherent in the very concept of war that everything that occurs must originally derive from combat.

do terreno e o ataque concêntrico”⁶; sendo os dois primeiros mais facilmente empregados pelo lado defensor. No nível estratégico, elementos de vantagem citados são: terreno, surpresa, ataque concêntrico, fortalecimento do teatro de operações por meio de fortalezas, apoio popular e exploração de fatores morais; os quais, novamente, são mais facilmente explorados pelo lado defensor (Clausewitz, 1976, p. 363-366).

Nesse sentido, o terreno é enfatizado como um elemento crucial na vantagem do lado defensor (Gar, 1988, p. 23), oferecendo não somente simples obstáculos a um ataque, como também a possibilidade de ocupar posições ocultas — força física — e de contar com apoio da população — força moral — (Clausewitz, 1976, p. 360). Essa superioridade da defesa em relação ao ataque, condicionada pelo terreno, é um dos pontos centrais presentes na análise tática da Batalha de Vukovar, na medida em que em grande medida, foi a incapacidade do JNA de lidar com o terreno urbano que frustrou por três meses o ataque iugoslavo a Vukovar.

Resultante dessa superioridade da defesa sobre o ataque enquanto forma de combate é o conceito de ponto culminante, apresentado por Clausewitz no sétimo livro de sua obra. A superioridade de força — moral e física —, central na explicação do êxito nos combates, tende a diminuir na parte atacante durante o decorrer dos conflitos. Dessa forma, as vitórias em combate, mesmo resultando em vantagens para as negociações de paz, podem custar caro e, assim, a superioridade do lado atacante pode não ser suficiente para avançar em novos ataques. A partir desse ponto, mesmo sem obter os resultados desejados, seria racional para a força atacante voltar-se para defender o território que obteve, pois a vantagem pode passar para o lado defensor inicialmente mais fraco (Clausewitz, 1976, p. 528-529).

Claramente, o avanço de uma força combatente também pode aumentar a sua superioridade, como nos casos de: os defensores sofrerem perdas mais pesadas em homens, perdas em instalações fixas, perda de terreno e seus recursos, possibilidade do atacante manter-se às custas dos recursos do defensor, perda de coesão interna do defensor, perda de aliados por parte do lado sendo atacado, e, por fim, o defensor pode perder todo seu ânimo. Mas é mais comum que o lado atacante veja sua força diminuída ao longo do tempo; isso acontece quando ele: tiver de empregar muitas forças ao sitiá-la, tiver que empregar forças para controlar os territórios tomados, acabar afastando-se de suas linhas de suprimento, levar aliados do defensor a mobilizarem-se por ele, ou ainda quando o lado defensor mobilizar maior

⁶ No original: Only three things seem to us to produce decisive advantages: surprise, the benefit of terrain, and concentric attack.

esforço pelo sentido da defesa (Clausewitz, 1976, p. 566-573). Como descrito à frente, o caso de Vukovar é mais um daqueles nos quais os fatores que diminuem as forças do lado atacante em relação às do defensor foram mais impactantes, mudando a perspectiva de forças da guerra.

O quinto elemento a ser levado em consideração, por fim, é a “Trindade” (*Wunderliche Dreifaltigkeit*). Essa trindade estabelece uma correspondência entre os fundamentos da guerra apresentados como paixões, probabilidade/acaso e razão, e o entendimento da guerra na realidade nas figuras, respectivamente, do povo, do comandante militar/forças combatentes e do governo (Duarte, 2013a, p. 71). Assim, a Trindade auxilia na operacionalização da teoria, tanto na exploração lógica dos fundamentos da guerra quanto na formulação do entendimento da guerra na realidade. Apesar de não ser analisada em algum capítulo específico, a trindade guia a análise deste trabalho na medida em que ele foca no povo, nas forças de combate e nos políticos como agentes centrais da guerra.

A coesão em um sistema teórico dos cinco elementos apresentados acima é possível a partir da utilização de um instrumento metodológico desenvolvido por Clausewitz para fazer sentido do fenômeno da guerra: o método da Análise Crítica. Conforme apresentado por Duarte e Mendes (2016, p. 137), o método em questão implica uma investigação das principais relações causais entre decisões políticas e estratégicas, a disponibilidade de meios de combate e as interações entre oponentes, proporcionando uma análise aprofundada e abrangente de estudos de caso. O método da Análise Crítica, portanto, emerge como uma ferramenta fundamental na obra de Clausewitz, orientando a análise para uma compreensão mais profunda e eficaz dos fenômenos da guerra.

A realização de uma análise crítica pode ser desenhada em quatro etapas fundamentais. A primeira caracteriza-se pela contextualização e a apresentação dos dados históricos do evento bélico a ser analisado, tais como: os antecedentes políticos, o caráter das lideranças e das instituições políticas envolvidas, o caráter da população e das instituições sociais, o caráter dos comandantes e o número de forças combatentes envolvidas (Duarte, 2013a, p. 71-79). A segunda etapa diz respeito à análise dos fins, ou seja, dos objetivos políticos que permeiam o evento analisado e que definem o tipo de guerra que está se tratando: se limitada ou se ilimitada (Duarte e Mendes, 2016, p. 137-138). A etapa terceira, por sua vez, caracteriza-se pela análise dos meios, buscando compreender como o emprego das forças combatentes foi feito em consonância ou não com os objetivos previamente definidos; para isso considera-se os efetivos, as dimensões táticas e

logísticas da guerra e os desenvolvimentos militares em campo (Duarte, 2013a, p. 80). Finalmente, a quarta etapa é aquela na qual o analista avalia criticamente a forma que os meios foram empregados na busca dos fins políticos, considerando para isso a utilização de contrafactuais e de construções causais (Duarte, 2013a, p. 77). É dentro da etapa de avaliação que a resposta para a pergunta desta pesquisa se constrói, na medida em que se realiza o caminho do nível tático da batalha até o nível político da guerra.

2.3 OS NÍVEIS DA GUERRA ENQUANTO CATEGORIAS ANALÍTICAS

Para amparar o analista na busca pela articulação das complexas relações causais que constituem a guerra, são consideradas as categorias analíticas — descritas aqui como níveis da guerra. São elas originalmente: a tática, a estratégia e a política; que possibilitam analisar as manifestações do fenômeno da guerra a partir da conexão entre o combate, a meta bélica e o objetivo político respectivamente (Duarte, 2013a, p. 74).

O nível tático refere-se às considerações e decisões relacionadas ao emprego das forças no campo de batalha para fins de combate, como enfatizado por Duarte (2013a, p. 74-75), ou nas palavras de Clausewitz, “a tática ensina o emprego das forças armadas no combate” (1976, p. 128, tradução própria)⁷. Esse nível envolve a capacidade dos comandantes em decidir o uso sucessivo ou simultâneo de suas forças, levando em consideração a sua taxa de perda e a sua coesão. A decisão abrange a escolha entre formas de combate cerrado e combate à distância, além de determinar o tempo de cada um dos movimentos militares. Garard (2016, p. 5) complementa que, no contexto tático, os meios são as forças militares, e o objetivo é a vitória no combate, uma concepção simples e fundamental que decorre da própria definição de tática.

O nível estratégico, na concepção de Clausewitz, envolve “o uso dos combates para os objetivos da guerra” (1976, p. 128, tradução própria)⁸. Os comandantes, ao avaliarem as capacidades relativas das forças e os enfrentamentos anteriores, decidem quais confrontos travar e com que quantidade de força em busca do sucesso na guerra e na realização dos objetivos políticos desejados (Duarte, 2013a, p. 74-75). Garard (2016, p. 6) destaca que, de acordo com Clausewitz, a estratégia é mais complexa do que a tática, sendo a vitória tática o meio para alcançar os objetivos estratégicos designados para o combate.

⁷ No original: [...] tactics teaches the use of armed forces in the engagement.

⁸ No original: [...] the use of engagements for the object of the war.

Por fim, o nível político, segundo Duarte (2013a, p. 74-75), engloba as considerações e decisões relativas ao uso da guerra para propósitos políticos e à natureza da guerra em questão. Após cada confronto, as lideranças políticas devem reavaliar os objetivos à luz de sua importância, dos sacrifícios feitos e dos sacrifícios previstos, decidindo se vale à pena persistir nos objetivos políticos ou se é mais prudente modificá-los ou abandoná-los. Nesse contexto, a política relaciona-se à utilidade da guerra e às consequências em termos de recursos e repercussões internacionais, ou seja, tanto no âmbito físico quanto no âmbito moral. Essas considerações políticas moldam a estratégia militar e influenciam as decisões subsequentes em outros níveis, destacando a interconexão intrínseca entre a guerra e a política.

Para além dos três níveis centrais no trabalho de Clausewitz, outros dois que são debatidos na literatura especializada têm de ser apresentados. O primeiro, diz respeito ao nível operacional, que segundo Paret e Moran (1984) é descrito no Livro Cinco, Capítulo Dois de “Da Guerra”. Segundo os autores, ele relaciona os elementos de espaço, massa e tempo ao teatro de operações, ao exército e à campanha. Apesar de reconhecer os três níveis da guerra, Clausewitz utiliza predominantemente o termo “estratégia” para abranger o nível operacional, afirmam Paret e Moran (1984). Nesse sentido, o nível operacional, como apresentado pelos autores, classificado em medidas temporais e espaciais que não necessariamente incorporam um papel próprio no encadeamento lógico das categorias analíticas da guerra, diluindo-se entre o nível tático e o nível estratégico, não colabora para o trabalho aqui proposto e não será considerado.

Proença e Duarte (2005), por sua vez, argumentam em favor de uma quarta categoria analítica no pensamento de Clausewitz: a logística. Esse, segundo os autores, refere-se a todas as atividades na guerra que são necessárias para que as forças de combate possam ser consideradas dadas, uma categoria que permanece sem nome no trabalho de Clausewitz. Ele abrange a criação, movimentação e manutenção das forças de combate, sendo condição essencial para a condução da guerra. A logística torna-se uma preocupação tática ou estratégica na medida em que afeta o engajamento ou o uso dos resultados dos engajamentos na guerra (Proença e Duarte, 2005). Por não apresentar-se entre os três níveis centrais, mas sim como categoria analítica paralela, o qual tem natureza de condição de possibilidade, considera-se aqui possível e profícua sua utilização para a análise da Batalha de Vukovar

A apresentação da logística enquanto categoria analítica, traz à baila a necessidade de pensar-se sobre a relação entre os níveis da guerra, para estabelecer as relações causais. A

logística, de acordo com (Proença e Duarte, 2005, p. 646), seria a condição de possibilidade para a guerra, assim sendo, seria a base para a estratégia e a tática estabelecerem-se e assim derivarem a política.

Clausewitz esclarece a intrincada relação entre tática e estratégia, definindo-as como atividades distintas, porém interdependentes. Segundo ele:

Tática e estratégia são duas atividades que se permeiam no tempo e no espaço, mas que são essencialmente diferentes (Clausewitz, 1976, p. 132, tradução própria)⁹

A tática, voltada para os combates e sua execução, envolve o uso de forças treinadas para o combate, tendo a vitória como objetivo final. Já a estratégia abrange a coordenação desses combates para alcançar os objetivos mais amplos da guerra. Portanto, a importância de uma vitória reside não nela mesma, mas é um meio para atingir um fim político, seja a destruição total do estado inimigo ou o estabelecimento de termos de paz alinhados com as exigências políticas (Howard, 2002).

Clausewitz delinea uma relação crucial entre os níveis estratégico e político, concebendo a estratégia como uma ponte entre a política e as táticas. Ele explora essa interconexão, teorizando a prática estratégica como um elo entre o propósito global da guerra e a conduta real no campo de batalha (Kornberger e Engberg-Pedersen, 2021). Destaca-se assim a função reguladora da estratégia sobre as táticas, fundamental para atingir os objetivos da guerra (Friedman, 2021). Friedman também ressalta a necessidade de considerações estratégicas ao conduzir táticas, indicando que, embora uma abordagem implacável possa fazer sentido taticamente, como perseguir vigorosamente as forças inimigas, isso pode ser contraproducente estrategicamente e podendo gerar repercussões políticas negativas (Friedman, 2021); essa relação é sentida no caso da Batalha de Vukovar na qual, como se vê no capítulo quarto, a excessiva destruição da cidade causou um impacto político negativo para as forças iugoslavas.

Considerando uma figura imagética, o nível tático seria aquele mais baixo, que surge próximo da empiria do combate em si; acima dele encontraria-se o nível estratégico, conectando ao nível superior político; perpassando todos os três níveis, poder-se-ia identificar o papel da logística. Para conectar os pensamentos dos níveis da guerra de Clausewitz ao campo das Relações Internacionais é necessário considerar, acima do nível político ou na parte superior do nível

⁹ No original: Tactics and strategy are two activities that permeate one another in time and space but are nevertheless essentially different.

político, o nível sistêmico, este funcionando como um espaço no qual os diferentes agentes agiriam na busca de seus interesses próprios. Apesar de não considerar o conceito de “sistema internacional” Clausewitz (1976, p. 373) desenvolve comentários sobre um “equilíbrio de poder”, não regulado e formado a partir de pontos de intersecção dos interesses políticos que figuram então certa coesão ao todo — ou seja, um sistema formado por unidades políticas em interação na busca por seus objetivos e sem uma regulação definida — o que poderia assemelhar-se a um sistema internacional (SI) anárquico do realismo das RI. Nesse sentido, é válido tomar para o desenvolvimento desta pesquisa, os conceitos de anarquia sistêmica e autoajuda que são base para o pensamento realista ofensivo de Mearsheimer (2001) como conectores do pensamento sobre a guerra com o campo de polaridades e polarizações sistêmicas da relações internacionais. Esses conceitos serão relevantes ao entender a conexão da dissolução da Iugoslávia com o plano internacional.

Vale, por fim, considerar uma possível discordância sobre a relação da tática com a estratégia e também daquela com a política. Garard (2016, p. 6) apresenta a visão de que tática só importa para a estratégia de forma dicotômica: se houve vitória ou se houve derrota. O nível tático seria comprimido no espaço e no tempo no que tange os pensamentos estratégicos, e por isso, os desenvolvimentos da atividade do combate seriam desconsiderados. Este pensamento, porém, aparenta ir de encontro à já exposta relevância do tempo e do espaço enquanto características relevantes da guerra uma vez que não absoluta, ou seja, uma vez que real. Kornberger e Engberg-Pedersen (2021, p. 6), por sua vez, trazem uma análise mais pertinente ao presente trabalho e de aparente maior fixação com o pensamento geral de Clausewitz. Para os autores, vitória ou derrota não seriam sinais binários para o pensamento estratégico, sendo necessário interpretar estes dois resultados táticos de forma a serem empregados em busca de um sucesso no âmbito da busca dos objetivos políticos. Não só isso, o nível tático seria um limitador do que é imaginado como possível até mesmo no nível político, dessa forma, sendo possível entender um contato, se não direto, coincidente, entre os desenvolvimentos das batalhas e as decisões no nível político. Este novamente é o caso do que ocorreu em Vukovar, em que uma vitória iugoslava no nível tático não representou uma vitória estratégica. Em grande parte, o motivo para isso foi a grande dificuldade que o JNA teve de atingir seus objetivos dentro do terreno no qual a batalha se deu. O combate em meio urbano, como vê-se na seção que segue, favorece ainda mais a defesa em relação ao ataque.

2.4 COMBATE URBANO E A SUPERIORIDADE DA DEFESA

O combate urbano, característica marcante da Batalha de Vukovar, ganha uma relevância crucial à luz das transformações na distribuição espacial de poder e na demografia mundial. A definição de guerra por Carl von Clausewitz como a busca pelos objetivos políticos por outros meios ressoa na importância das cidades (*polis*), onde os assuntos políticos, conforme a etimologia da palavra, têm lugar (DiMarco, 2012, p. 16).

Ao longo da história, vários centros urbanos figuram como pontos determinantes de guerras, como foi a tomada de Nínive na queda do antigo império Assírio, o cerco de Viena na resistência europeia contra o avanço otomano, as batalhas Stalingrado e Aachen no combate aliado contra o eixo na Segunda Guerra Mundial ou então as Batalhas de Grozny na Guerra da Chechênia (DiMarco, 2012; King, 2021). Com mais da metade da população mundial já residindo em áreas urbanas em 2008, e projeções indicando que até 2050, cerca de sete em cada dez habitantes do planeta estarão em centros urbanos, a centralidade das cidades faz-se mais evidente (Sullivan e Elkus, 2011, p. 1).

A relevância das cidades na guerra é multifacetada, com razões que vão desde as perspectivas políticas até motivações estratégicas. Atacar uma cidade muitas vezes se justifica pela intenção de capturar o centro político, econômico ou cultural do inimigo, visando minar sua moral, sua capacidade de sustentar a guerra e sua habilidade de governar (DiMarco, 2012, p. 16). Além disso, a necessidade estratégica militar também motiva o ataque a áreas urbanas, seja para destruir forças inimigas lá estacionadas ou devido à sua localização que figura como nodo de conexão terrestre (DiMarco, 2012, p. 17).

Apesar de conflitos dentro do meio urbano terem suas características próprias, abordagem teóricas que buscaram entender a guerra a partir de sua geografia mostram-se pouco produtivas (Sullivan e Elkus, 2011, p. 1-2). Nesse sentido, traçar uma oposição direta entre combates urbanos e não-urbanos pode ser errôneo, sendo mais interessante buscar padrões de reconhecimento sobre os combates travados em ambientes urbanizados e considerá-los dentro de uma perspectiva teórica já estruturada, como é o caso da teoria da guerra de Clausewitz — a qual, como apreciado anteriormente, levanta o terreno como elemento central em sua análise sobre a superioridade da defesa em relação ao ataque enquanto forma de combate.

A defesa se beneficia significativamente do meio urbano, podendo um beligerante em posição defensiva utilizar o seu terreno para compensar desvantagens numéricas e neutralizar outras vantagens do inimigo (DiMarco, 2012, p. 18). As operações em zonas urbanas apresentam diferenças táticas em comparação com outros cenários, demandando assim tanto preparação e treinamento — logística — para permitir o emprego mais eficaz das forças combatentes no meio tático como também o processo decisório estratégico sobre os locais e os momentos desse emprego. Por exemplo, a fragmentação no comando e controle, a importância acentuada de táticas de pequenas unidades e o uso não convencional de armas e poder aéreo são cruciais para a dominação militar nesse ambiente (Sullivan e Elkus, 2011, p. 5-6). O combate em Vukovar trouxe à tona esses padrões táticos, na medida em que as forças croatas conseguiram tirar vantagem do terreno para conter o avanço iugoslavo.

2.5 OPERACIONALIZAÇÃO DA TEORIA

Considerando o acima exposto e buscando entender a relevância da Batalha de Vukovar para a Guerra da Croácia, apresenta-se aqui uma operacionalização da teoria da guerra de Clausewitz que tenha capacidade de resolver o problema desta pesquisa, considerando também suas limitações. Seguindo análise crítica, o presente trabalho buscará apresentar:

- a. A contextualização da Batalha de Vukovar: antecedentes políticos e número de forças;
- b. A análise dos fins: serão levantadas as considerações políticas, estratégicas e logísticas que caracterizam os objetivos em torno da Batalha de Vukovar no contexto da Guerra da Croácia;
- c. A análise dos meios: com apresentação do cenário tático da Batalha, com foco no desenvolvimento da batalha no que tange o emprego das forças combatentes.
- d. A avaliação: com foco no estabelecimento de conexões causais entre os eventos desde o nível tático da Batalha de Vukovar até o nível político, passando para isso para o nível intermediador (estratégico) e tendo como um nível paralelo de análise o logístico.

Essas quatro etapas centrais do trabalho são apresentadas no capítulo quarto, focado na Batalha de Vukovar. Mas antes disso, é importante entender tanto o contexto político geral da

dissolução da Iugoslávia e sua conexão com o sistema internacional e quanto a Guerra da Croácia em específico, tal como é feito no capítulo que segue.

3 A DISSOLUÇÃO DA IUGOSLÁVIA E A GUERRA DA CROÁCIA

Para contextualizar politicamente a Batalha de Vukovar faz-se necessário apresentar a Guerra de Independência da Croácia. Para compreender as motivações político-econômicas, sociais e militares que levaram a tal guerra, faz-se também relevante um resumo da dissolução da Iugoslávia e como esse processo político conecta-se às relações internacionais. Dessa forma, o presente capítulo apresenta o desenvolvimento da Iugoslávia enquanto Estado; a forma que ela dissolveu-se a partir de guerras; a conexão desse processo regional ao âmbito mais amplo das relações internacionais; para então apresentar a Guerra de Independência da Croácia, seu contexto, suas duas fases e seu resultado.

3.1 A DISSOLUÇÃO DA IUGOSLÁVIA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A constituição da primeira versão da Iugoslávia deu-se no contexto da queda dos impérios Austro-Húngaro e Otomano em razão da Primeira Guerra Mundial, que teve um de seus estopins na região. O então Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, estabelecido em 1919 e nomeado Iugoslávia em 1924, foi uma monarquia constitucional liderada pela família real sérvia. O debate político que se deu dentro desse país, focado na disputa entre visões federadas e unitárias de Estado, seria uma nota duradoura em sua história (Baker, 2015, p. 15; Severo, 2011, p. 59-62).

A Segunda Guerra Mundial, com a ocupação dos países do Eixo na região e o estabelecimento de governos colaboracionistas, trouxe para a Iugoslávia um período sangrento, no qual ocorria uma luta tripartida pelo controle do poder interno. O colaboracionista nazista Estado Independente da Croácia (NDH) buscava uma Croácia sem minorias étnicas, sendo que para isso, os paramilitares da Ustasha não deixaram de cometer atos de limpeza étnica. Os chetniks, liderados por Draža Mihailović, visavam restaurar a dinastia sérvia em uma Iugoslávia homogênea e centralizada; e também foram responsáveis por massacres contra outras etnias. Por fim, os partisanos, do Partido Comunista da Iugoslávia, liderados por Josip Broz Tito, iniciaram uma insurgência em 1941, estabelecendo estruturas estatais comunistas sob seu controle (Baker, 2015, p. 17).

Foram Tito e seus partisanos os que tiveram maior importância para a libertação da Iugoslava das forças do Eixo, e que formaram a segunda entidade estatal iugoslava, a República

Socialista Federativa da Iugoslávia (Severo, 2011, p. 68). O governo baseado em uma república federativa foi acertado na medida em que permitiu algum grau de autonomia para as seis repúblicas que a compunham: Bósnia e Herzegovina, Croácia, Macedônia, Montenegro, Sérvia e Eslovênia. As tensões que surgiram entre as repúblicas e seus representantes eram dirimidas pela figura de liderança vitalícia de Tito, que ficou conhecido por ter estancado as tensões sociais e políticas entre os grupos etnicamente diversos. Em parte, o motivo dessa estabilidade foi o modelo econômico iugoslavo, que seguiu caminho próprio, um socialismo de autogestão, acompanhado de algumas medidas liberalizantes, que permitiram considerável crescimento econômico (Graaff, 2005, p. 160; Baker, 2015, p. 19).

Nesse ínterim, a Iugoslávia foi mantida fora do bloco soviético, tanto por tensões entre Stalin e Tito devido a busca de uma forma própria de socialismo por parte de iugoslavo, quanto pelo seu ímpeto de posicionar-se de forma independente no plano internacional, sem vincular-se automaticamente à União Soviética (URSS). Fundadora do Movimento dos Não-Alinhados, a Iugoslávia beneficiou-se de sua posição ímpar entre os blocos soviético e ocidental capitalista, recebendo renome diplomático e repasses econômicos por isso (Severo, 2011, p. 70-72; Ferreira, 2012, p. 41-42; Vizentini, 1999a, p. 125).

A morte de Tito em 1980 foi um prenúncio de duas décadas de instabilidade econômica, social e política crescentes, que culminaram em conflitos militares (Ferreira, 2012, p. 43). A dependência econômica iugoslava de empréstimos estrangeiros fez-se sentir principalmente a partir da década de 1970 e em 1979 o país foi declarado falido. O fim da Guerra Fria e do perigo soviético fez os Estados Unidos (EUA) diminuírem seu apoio financeiro ao país, enquanto a crise do petróleo dos anos setenta fazia com que o peso da dívida externa aumentasse, em um momento em que o fluxo de moeda forte da Europa Ocidental para o país diminuía. O desequilíbrio econômico externo afetou o interno, aumentando as diferenças entre as repúblicas, e levando as mais ricas a buscarem maior autonomia em relação aos países mais pobres da federação. Foi nesse cenário que Croácia e Eslovênia elegeram governos nacionalistas nas eleições multipartidárias que marcaram o início da década de 1990 (Graaff, 2005, p. 160; Baker, 2015, p. 25; Severo, 2011, p. 77).

A falta de Tito fez-se sentir na medida em que a política federal perdia a autoridade perante às repúblicas e mostrava-se ineficiente como espaço para resolução de animosidades (Woodward, 1995, p. 20). A forte defesa da manutenção da centralização de poder feita pela

Sérvia do eleito Slobodan Milosevic, e a oposição eslovena e croata não pôde ser resolvida na esfera política e, então, rumou para o campo militar (Baker, 2015, p. 38-40). A declaração de independência da Eslovênia em 1991 suscitou o início do primeiro conflito armado da dissolução da Iugoslávia. Seguido pela Croácia no mesmo ano, então pela Bósnia em 1992 e pelo Kosovo no final da década (Ferreira, 2012, p. 43; Severo, 2011, p. 122). Cada uma das guerras suscitadas pelas independências contou com antecedentes internos e externos próprios, mas a linha comum da busca por autonomia por parte das repúblicas cessionárias conectava os conflitos que opunham de forma geral as novas forças dos independentistas de um lado e o Exército Popular da Iugoslávia apoiado por forças sérvias locais do outro.

Para além de ser relevante elemento explicativo para a crise que levou à dissolução da Iugoslávia, o sistema internacional também foi informado pelos desenvolvimentos sociais, políticos e militares nos Bálcãs em guerras (Woodward, 1995; Vizontini, 1999a; Vizontini, 1999b). Em um momento em que a unipolaridade americana era estabelecida no pós Guerra Fria, a forma como este único pólo hegemônico iria relacionar-se com outros entes relevantes — a polarização sistêmica — carecia de delimitação. Nesse ínterim, as guerras iugoslavas relacionaram-se e podem ser tomadas como símbolos do processo que: determinou a posição subalterna da União Europeia dentro da aliança euro-atlântica, não conseguindo organizar-se eficientemente como agente uno na política internacional; estabeleceu os Estados Unidos como um poder hegemônico que viria a intervir em regiões alheias às suas de forma direta; e foi espaço para a mudança de atitude da enfraquecida herdeira da URSS, a Rússia, em relação ao ocidente.

Ao início da crise, tanto a Europa, quanto os EUA e a Rússia não tinham políticas definidas de como lidar com o que ocorria na Iugoslávia, a grande ameaça comunista do leste havia se desfeito em pouco tempo e o continente europeu parecia contar com uma maior possibilidade de unidade (Hadžić, 2003, p. 59). A União Europeia (UE) foi o agente internacional, junto com as Nações Unidas (ONU), que mostrou-se mais presente na tentativa inicial de resolução do conflito, que a interessava na medida em que se dava às franjas de sua extensão, em uma região economicamente cliente sua. Esse primeiro momento mostrou a UE como um agente autônomo e capaz no sistema internacional, conseguindo costurar o Tratado de Brioni, que finalizou a disputa na Eslovênia e organizou as declarações de independência dela e da Croácia (Coggins, 2014, p. 136). Foi na eclosão da guerra croata, que a ação europeia começou a mostrar-se menos efetiva e uníssona, com uma disputa interna sobre o

reconhecimento da Croácia enquanto Estado independente (Cepik, 2004, p. 167; Thumann, 1997, p. 575).

A Alemanha, apresentou-se como principal agente da ação europeia na fase inicial do conflito, tendo causado tensões com a França e o Reino Unido na sua busca de acelerar o reconhecimento croata, o que era visto como precipitado e informado pela opinião pública interna alemã pelos seus colegas da UE (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 257; Tanner, 2001, p. 272-273). A Alemanha, dentro da Europa, representava historicamente o ponto de contato com os territórios eslavos e as tensões nos balcãs fizeram o país reforçar suas considerações securitárias para a região (Thudium, 2018, p. 53). Porém, a preponderância que a Alemanha buscava, e que fazia outros europeus recearem, mostrou-se fadada com a sua ação letárgica em outros conflitos da região. Diplomáticamente, em meio às tensões internas e incapacidades externas, a UE viu-se perdendo a posição de destaque no acordo do Plano Vance, que finalizou a primeira fase da Guerra da Croácia em 1992, e presenciou a ascensão dos EUA na elaboração do Acordo de Erdut de 1995, que finalizou a sua segunda fase, acabando com a disputa (Thumann, 1997, p. 575-584).

Os Estados Unidos, ainda sem uma orientação clara de como agir em um sistema no qual se via como único pólo hegemônico de poder, posicionou-se de forma cautelosa no início dos conflitos na Iugoslávia, primeiro defendendo a integridade da federação, para só após maior definição dos conflitos armados agir em favor das repúblicas independentistas (Hadžić, 2003, p. 59). Como descrito acima, a atuação estadunidense cresceu entre a primeira e a segunda fase da guerra na Croácia, tendo isso ocorrido principalmente em outro conflito que iniciou nesse período: a Guerra na Bósnia. Em 1993, com a Operação *Deny Flight*, os EUA marcaram sua presença a partir da atuação da OTAN, que criou um embargo aéreo no território bósnio, contrariando assim os ataques sérvios-iugoslavos. Então em 1994 o país interveio diretamente no conflito, finalizando as animosidades entre os bósnios-croatas e os bosníacos e unindo-os contra as forças sérvias, a partir do acordo do Acordo de Washington (Ferreira, 2012, p. 48-49). O Acordo de Dayton de 1995, que finalizou a guerra, criando a Bósnia-Herzegovina como um Estado dividido entre bosníacos e croatas de um lado e sérvios de outro, foi fruto da mediação do presidente Clinton e só pode ser firmado devido ao apoio aéreo da OTAN contra as forças sérvias (Bulau, 2015; Ferreira, 2012, p. 51).

Mas foi na Guerra de Kosovo que os EUA mostraram-se de fato agentes centrais e também superiores aos seus parceiros europeus dentro da aliança ocidental. A intensificação do

conflito no Kosovo, em 1996, se deu em grande parte devido ao apoio dado pelos EUA às forças do Exército de Libertação de Kosovo (UÇK), grupo de origem albanesa que buscava a independência da província kosovar em relação à Sérvia iugoslava (Ferreira, 2012, p. 52). Uma vez que as forças iugoslavas responderam aos ataques dos rebeldes, as forças da OTAN liderada pelos EUA intensificaram sua atuação por meio de bombardeios constantes aos sérvios na região, mesmo sem a aprovação do Conselho de Segurança da ONU (CSNU), causando diversas baixas de soldados e civis. “A guerra da OTAN contra a Iugoslávia” como descreve Vizentini (1999b) viria a findar em meados de 1999, com um acordo que previa a manutenção da província na Sérvia, mas também a retirada das forças iugoslavas e a entrada de forças da OTAN e da ONU, que administraria a província.

Os objetivos dos EUA com os conflitos na Iugoslávia, diferente do que ocorre com a Europa — vizinha e ligada economicamente com os Bálcãs — poderiam parecer menos claros. Krasner (1999) argumenta que existe uma “hipocrisia organizada” no sistema internacional moderno, que deriva da contradição inerente entre os princípios de autoajuda e defesa dos interesses próprios de cada Estado, e o conceito de soberania territorial. Essa contradição se mostrou evidente na ação dos EUA — como também da Europa — na Iugoslávia, onde a soberania territorial da Iugoslávia não foi respeitada na medida em que agentes estrangeiros intervieram para apoiar forças separatistas. Ficaria ainda em aberto a compreensão dos interesses que os EUA tinham nas guerras na região dos Bálcãs. À época esses objetivos foram pintados em tintas de defesa dos valores democráticos e dos direitos humanos, mas considerando os imperativos de uma visão realista das Relações Internacionais, porém, outros três objetivos mais pragmáticos dos EUA são notados pela literatura (Nogueira, 2000, p. 144; Faria; Cepik, 2004, p. 138; Vizentini, 1999a).

O primeiro diz respeito à expansão da projeção de poder ocidental para o leste, com o posicionamento de tropas da OTAN na Iugoslávia — estabelecendo uma ligação terrestre entre seus membros na região, desde a Hungria até a Grécia — e a futura expansão desta para os países que compunham a dissoluta entidade — com a adesão da Eslovênia em 2004, da Croácia em 2009, de Montenegro em 2017 e da Macedônia do Norte em 2020 (Faria; Cepik, 2004, p. 140; NATO, 2023, Vizentini, 1999a). O segundo, que deriva do primeiro, está ligado com a busca de manter a unipolaridade do sistema a partir da contenção da Rússia em uma posição de fraqueza, na medida em que frustrava os objetivos desta em uma região essencial para sua política externa

Faria; Cepik, 2004, p. 140; Vizentini, 1999a, p. 131). O terceiro objetivo estadunidense derivado das guerras na Iugoslávia, seria a busca por primazia dentro do bloco euro-atlântico. Nesse sentido, viu-se uma mudança de um padrão de interação no qual os EUA mesmo sendo o pólo hegemônico de poder respeitava uma cooperação com os países europeus e com entes multilaterais como a ONU, para outro no qual os objetivos estadunidenses começaram a ser buscados de forma autônoma e alheia a outros atores, inclusive à figura do Conselho de Segurança da ONU (Martins, 2004, p. 130; Vizentini, 1999a, p. 132).

A Rússia, por vez, também iniciou sua interação com os conflitos na Iugoslávia de forma passiva, como os EUA, ainda buscando entender sua posição no SI e dando espaço para a UE atuar. Porém, diferente das estadunidenses, as condições políticas, econômicas e militares russas eram menos favoráveis, uma vez que o país passava pela crise da dissolução de sua antecessora política, a URSS. O seu interesse na região, que remonta desde o período do Império Russo, era tanto baseado em considerações securitárias e econômicas ligadas ao acesso da região ao mar Adriático — com relevantes instalações marítimas como a base naval da Baía de Kotor e o porto de Bar, ambos em Montenegro (Simic, 2001, p. 98; *The Economist*, 2015) — quanto em questões de influência política e cultural russa sobre a região.

Dessa forma, a Rússia não poderia ser completamente alheia ao que ocorria no Balcãs, iniciando sua atuação de maneira discreta e alinhada com o posicionamento ocidental, com o objetivo de manter aberta a relação com o ocidente, tendo valor diplomático. Esse posicionamento alterou-se na medida em que os EUA começaram a intervir mais diretamente no conflito da Bósnia, pois a ação estadunidense cada vez mais unilateral tanto ia contra os interesses russos na região, como também indicava um caminho pelo qual a importância da Rússia na resolução dos conflitos era diminuída. Nesse sentido, a Rússia interveio de forma direta pela primeira vez ao colocar dois batalhões entre as forças em conflito na Bósnia, marcando a sua atuação mais presente e não alinhada aos EUA (Simic, 2001, p. 96-107). Essa oposição se tornaria exacerbada durante a Guerra do Kosovo, na qual pela primeira vez desde o fim da Guerra Fria, a Rússia e a OTAN colocavam-se em lados opostos de um conflito, na medida em que a Rússia defendia a posição de seu aliado sérvio-iugoslavo (Cepik, 2004, p. 166). Dessa forma, o conflito na Iugoslávia, ilustrou o processo de mudança de interação da Rússia com o Ocidente — principalmente os EUA — que foi de uma busca por aproximação, para a abertura clara de uma

oposição no plano internacional, com a Rússia em uma posição enfraquecida, tendo falhado em defender seus interesses e seu aliado na região (Simic, 2001, p. 96-107).

Desta forma, expõe-se como a dissolução da Iugoslávia se deu a partir de uma limitação da autoridade política interna e da interferência de fatores exógenos sistêmicos — fim da Guerra Fria. Igualmente, espera-se ter mostrado a conexão entre a queda da Iugoslávia e a configuração do sistema internacional, sendo ela um espaço para o delinear de disputas de polaridade — com EUA buscando manter a Rússia como potência inferior — e de polarização — com a mudança na forma como os EUA interagem com seus pares. Para conectar, agora, a dissolução da Iugoslávia com a Batalha de Vukovar, parte-se para a análise da Guerra de Independência da Croácia.

3.2 A GUERRA DA CROÁCIA

O estudo da Guerra da Croácia conta com uma série de desafios específicos para além das dificuldades comuns associadas à reconstrução histórica de conflitos armados. Em primeiro lugar, alguns dos desenvolvimentos militares mais relevantes do conflito carecem de registros, tanto por decisões terem sido tomadas sem parte escrita como terem sido tomadas por diferentes agentes não estatais. Em segundo lugar, muitos dos documentos existentes foram perdidos ou ainda deliberadamente destruídos durante e após o conflito. Terceiro, dos eventos documentados que não tiveram seus registros destruídos, alguns seguem disponíveis de forma limitada, sendo parte de arquivos privados. Em quarto lugar, a produção atual de conteúdo acaba sendo desestimulada devido às perspectivas de judicialização. Por fim, a questão geral de fontes para a história recente traz riscos associados à confiabilidade dos dados disponíveis em fontes abertas (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 241-243).

Esses desafios contribuem para a complexidade do estudo da Guerra da Croácia, mas não o impossibilita, destacando a necessidade de uma abordagem cuidadosa e crítica ao examiná-la. Outro desafio apresentado por Bjelajac e Žunec, porém, tornaria o estudo presente sobre o conflito e sua conexão com a Batalha de Vukovar menos propício: a ideia de que o conflito teria um caráter único e por vezes não poderia “ser explicado pela usual lógica da história ou ciência social” (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 243, tradução própria)¹⁰. Neste trabalho, a perspectiva tomada é que sim o conflito pode ser analisado a partir de um empreendimento lógico, mesmo que com

¹⁰ No original: [...] the conduct of the war in Croatia had many peculiarities that cannot be explained by the usual logic of history or social science.

maiores complexidades, por isso faz-se a seguir uma contextualização da guerra para entender o momento político em que o conflito se deu, conhecer alguns de seus personagens centrais e definir seus antecedentes.

3.2.1 Contexto

As eleições croatas de abril de 1990 se deram no contexto da desintegração da autoridade da federação e da ordem política Iugoslava, devido às instabilidade econômicas, mudanças no sistema de poder internacional e incapacidade da estrutura iugoslava de adaptar-se às novas demandas de um período de transição (Woodward, 1995). Nesse momento de instabilidade e incerteza política, o partido abertamente nacionalista União Democrática Croata (HDZ), de Franjo Tudjman, venceu as eleições (Baker, 2015, p. 40), sendo empossado no mês seguinte como governo oficial da República da Croácia, com 60% do parlamento croata — mesmo tendo contado com somente 42% dos votos. Essa maioria significativa permitiu que o HDZ prosseguisse com sua agenda sem depender de outros partidos políticos para apoio, tornando o nacionalismo croata a ideologia dominante na república (Horncastle, 2015, p. 745). Em paralelo, na Sérvia, fora eleito Slobodan Milosevic, que não aceitaria as perspectivas eslovenas e croatas de maior autonomia (Baker, 2015, p. 40).

Franjo Tudjman, que fundou o HDZ em 1989, foi figura central na crise Iugoslava, colocando-se como opositor de Milosevic, mobilizando a política croata com discursos independentistas para o futuro e revisionista sobre o passado. Defendido como mal interpretado por seus apoiadores, o anticomunista Tudjman buscava revisar o passado da Ustasha, relativizando os atos de limpeza étnica cometidos durante a Segunda Guerra contra populações não-croatas (Baker, 2015, p. 42; Horncastle, 2015, p. 747). Dessa forma, quando em maio de 1990, seu governo apresentou uma nova Constituição, na qual, dentre uma série de mudanças políticas, econômicas e sociais, alterava-se o status dos sérvios, de povo constituinte para minoria dentro da Croácia, a população sérvio-croata sentiu-se ameaçada (Severo, 2011, p. 119-120).

A visão de que Milosevic, a partir de Belgrado, desencadeou o movimento dos sérvios dentro da Croácia, é baseada principalmente na perspectiva da “Grande Sérvia”, que seria um ideal de estabelecer um país no qual todos os sérvios deveriam viver, isso devendo ser buscado a partir de uma expansão territorial sérvia. Essa perspectiva é normalmente traçada a partir do

“Memorando Sérvio” de 1986, lançado pela Academia Sérvia de Artes e Ciências, que teria endossado o movimento, estabelecendo as bases psicológicas para posição mais agressiva da Sérvia na Iugoslávia.

Nesse sentido, o apoio prestado pelas forças sérvias aos sérvios-croatas seria um caminho para a separação de parte do território da Croácia, que seria parte de uma futura “Grande Sérvia” (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 246; Hoffmann, 1999, p. 2; Horncastle, 2015, p. 745). Sendo essa perspectiva real ou não, é certo que o fortalecimento da posição de Milosevic em busca de maior preponderância da Sérvia na Iugoslávia deu base para a argumentação nacionalista de Tudjman; o qual, com suas ações dentro da Croácia, incentivou a movimentação dos sérvios-croatas em busca de desanexação do território sob seu mando (Horncastle, 2015, p. 745).

No que tange ao posicionamento em relação à Iugoslávia, apesar de claramente separatista, o líder croata, inicialmente adotou uma abordagem reformista. Sua intenção não era ser forçado à secessão, mas sim utilizar o sistema de rotação entre as repúblicas para cargos nas instituições federais para promover a agenda croata por meio de canais políticos. Porém, em maio de 1991, a tentativa de Stipe Mesic, representante da Croácia no governo federal, de assumir a presidência conforme a tradição do sistema, foi bloqueada pelos sérvios, causando um impasse na Presidência Federal (Graaff, 2005, p. 163).

Em 19 de maio de 1991, então, a Croácia realizou seu referendo de independência, que apesar de receber 93% de apoio, foi baseado em uma pergunta estruturada de forma ambígua quanto ao futuro do país, buscando obter o máximo de apoio possível (Baker, 2015, p. 50; Horncastle, 2015, p. 749). O que gerou o efeito desejado e, em 25 de junho de 1991, a Croácia declarou sua independência (Graaff, 2005, p. 163).

O referendo, porém, fora boicotado pelos sérvios-croatas (Severo, 2011, p. 124), que estavam se associando para proteger seus interesses, refletindo a insatisfação com os resultados eleitorais e as políticas de Tudjman. Essa organização inicial evoluiu, principalmente dentro do Partido Democrático Sérvio (SDS) na Krajina — sul da Croácia —, com Milan Babic emergindo como seu líder (Horncastle, 2015, p. 746). Ainda em 19 de agosto de 1990 ele planejou e realizou um referendo visando conceder autonomia às regiões habitadas por sérvios-croatas em relação à Croácia, que buscou interromper o referendo, mas foi impedida pelo JNA. O referendo passou por uma margem esmagadora, consolidando a divisão do estado, com a criação da Região

Autônoma da Krajina Sérvia proclamada por Babić, que liderou as milícias apoiadas pela JNA em confronto com a Croácia (Horncastle, 2015, p. 746; Ferreira, 2012, p. 44; Baker, 2015, p. 49).

Durante 1991, o SDS na Croácia buscou militarmente assumir o controle de cidades ao redor da Croácia, em regiões com população sérvia, com o JNA tomando partido nessa situação (Baker, 2015, p. 41). O SDS e seu movimento se espalhava pela Croácia e em agosto de 1991, três distritos da Eslavônia Ocidental e dois da Eslavônia Oriental declararam independência, estabelecendo a Região Autônoma da Eslavônia Ocidental, e a Região Autônoma da Eslavônia Oriental. Em dezembro, as três regiões autônomas uniram-se para formar a República da Krajina Sérvia (RSK) (Baker, 2015, p. 49; Ferreira, 2012, p. 44).

A população sérvia na Croácia via com otimismo a possibilidade de resistir ao governo do recém-eleito de Tudjman, devido ao apoio recebido da JNA, que desde 1990 desviava armamento e material bélico da Força de Defesa Territorial (TO)¹¹ croata para os sérvios. A SDS, juntamente com suas milícias, permaneceu militar e economicamente dependente da Sérvia de Milosevic ao longo da guerra na Croácia. Apesar dessa dependência, é importante destacar que a visão deles não era homogênea, e a relação não pode ser simplificada como meramente manipulação (Ferreira, 2012, p. 45; Baker, 2015, p. 49).

A partir da formação da Região Autônoma da Krajina Sérvia, antes mesmo da declaração de independência da Croácia, emergiram focos de violência dentro do país. O conflito começou a tornar-se mais intenso em Borovo Selo, um subúrbio industrial de Vukovar, que contava com maioria sérvia e era considerado um recanto de atividades de movimentos chetniks sérvios (Tanner, 2001, p. 246). Em 1º de maio de 1991, os residentes da aldeia hastearam bandeiras iugoslavas no lugar de bandeiras croatas. Com isso, quatro policiais croatas entraram na vila para substituir a bandeira. Os policiais foram recebidos a tiros, resultando na captura de dois deles. No dia seguinte, um comboio policial croata entrou em Borovo Selo para libertar os prisioneiros, mas caiu em uma emboscada que matou doze policiais. A JNA interveio com uma unidade blindada e resgatou o destacamento policial croata preso no centro da vila, levando-os em segurança para fora da localidade (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 257-258; Tanner, 2001, p. 246).

¹¹ As forças de Forças de Defesa Territorial (TOs) eram forças distribuídas no território iugoslavo ao nível das municipalidades (Baker, 2015, p. 47). Essas estruturas derivam da política de defesa croata chamada Defesa Nacional Total (TND), elaborada no contexto da Guerra Fria a partir da percepção de que a Iugoslávia não conseguiria evitar uma invasão por potências externas de forma convencional. Tendo o JNA as forças mecanizadas, as TOs contariam com infantaria leve distribuída por todo o território e dessa forma, uma invasão por qualquer local seria custosa para o invasor na medida que ele teria que lidar com vários confrontos de guerrilha ao longo de seu deslocamento (Horncastle, 2015, p. 744).

Após o conflito em Borovo Selo, com a declaração de independência croata, a Presidência da Iugoslávia ordenou o deslocamento do JNA para todas as áreas com maioria sérvia na Croácia, a fim de conter os conflitos. Essa decisão política permitiu que as forças sérvio-iugoslavas se envolvessem em novas provocações e ataques contra as forças croatas. A JNA iniciou sua incursão, complementada por unidades paramilitares sérvias como os Tigres de Arkan, na Croácia em julho de 1991, primeiro na Eslavônia Oriental e, em seguida, abrindo uma segunda frente na Krajina (Baker, 2015, p. 51; Tatalović, 1996, p. 179).

Vukovar, na Eslavônia Oriental, tornou-se o primeiro grande confronto no qual a JNA se envolveu diretamente. A cidade foi cercada no final de julho, e os ataques começaram no final de agosto, com reforços de voluntários paramilitares das TOs sérvias (Severo, 2011, p. 125). A Batalha de Vukovar, inicialmente considerada fácil pelo JNA, duraria três meses, drenaria as forças sérvio-iugoslavas e permitiria que os croatas reestruturarem suas defesas, constituindo ponto central para o final da primeira fase da guerra, que é descrita na próxima subseção.

3.2.2 Primeira fase da Guerra

Com o aumento das tensões entre as forças do governo croata e os independentistas sérvios-croatas¹², cada vez mais apoiados pelo governo sérvio e pelo JNA, a situação ao leste e ao sul da recentemente auto-declarada independente República da Croácia evoluiu para uma guerra de fato. A primeira fase desse conflito iniciou em meados de 1991 e decorreu até janeiro de 1992, quando foi assinado um cessar-fogo a partir do qual as fronteiras disputadas foram congeladas, contando com a presença de forças da ONU, e a Croácia recebeu o reconhecimento internacional que buscava. Como apontado anteriormente, o conflito perdurou até 1995, sendo assim, o cessar-fogo não foi totalmente efetivo; de qualquer forma marcou uma delimitação entre as duas fases da guerra e estabeleceu-se como um de seus marcos. Nesta subseção buscar-se-á apresentar os objetivos políticos de cada um dos lados, bem como suas forças, para então entender o decorrer dos combates e seus resultados políticos.

Quanto aos objetivos do lado sérvio da Batalha, pode-se traçar três agentes com objetivos distintos que, ao decorrer do conflito se harmonizam: os sérvios-croatas independentistas, o governo sérvio na figura de Milosevic e o JNA. O objetivo mais claro sem dúvidas reside no

¹² Tanto o governo croata era uma identidade secessionista/independentistas em relação à Iugoslávia, quanto os sérvios croatas da RSK eram secessionista/independentistas em relação à Croácia.

grupo de indivíduos de nacionalidade sérvia que residiam no território croata e que movimentaram-se política e militarmente na direção de destacarem-se de uma possível Croácia independente. O referendo organizado por Babić em 19 de agosto de 1990 na região da Krajina, mostrou claramente o interesse das populações sérvias da região de não serem parte da Croácia independente de Tudjman, mas de constituírem uma Região Autônoma (Horncastle, 2015, p. 746). O avanço do SDS e de seu movimento político para as regiões da Eslavônia Ocidental e Oriental que levou à previamente descrita constituição da RSK, mostrou o interesse conjunto dessas regiões que desenvolveu-se em ações violentas como as de Borovo Selo (Ferreira, 2012, p. 40).

O objetivo do governo sérvio na figura de Milosevic, por sua vez, era — intencionalmente — menos claro e se mostrou como um equilibrador dos interesses dos sérvios croatas e do JNA. Baker (2015, p. 48) apresenta o debate acadêmico sobre os objetivos reais de Milosevic na Guerra da Croácia, mostrando que esse não é um lugar comum na literatura, havendo autores que apontam que o líder sérvio tinha como interesse a manutenção da integridade Iugoslávia — sem a Eslovênia — e outros apontando seus interesses ligados com a busca por territórios dentro da Croácia. Publicamente, Milosevic defendeu a recentralização Iugoslava até metade de 1991, quando começou a dar maior apoio para o desprendimento das regiões de maioria sérvia da Croácia.

A ideia de uma “Grande Sérvia”, na qual todos os sérvios da Iugoslávia poderiam viver sobre uma mesma nação e Estado, como balizadora das ações sérvias é bastante comum na literatura (Hoffmann, 1999; Tatalović, 1996; Baker, 2015) e apresentada com diferentes conotações morais, as quais perdem relevância ao considerar o uníssono sobre seu impacto na política da sérvia, que buscando defender os sérvios em outras regiões apoiaram-nos tanto indireta como diretamente entrando nas guerras, como aconteceu. Graaff (2005, p. 166-168) é bastante direto ao apresentar como a perspectiva de uma “Grande Sérvia”, no contexto da dissolução da Iugoslávia, representava um ímpeto à expansão territorial de um Estado sérvio. O mesmo autor aponta que os interesses territoriais — considerados os mais típicos das guerras — poderiam ser a base principal da atuação de Milosevic, mesmo que esse de início apontasse a busca por manutenção da Iugoslávia com o intuito de manter uma melhor imagem política, tanto no plano internacional quanto nacional.

Por fim, o JNA, enquanto representante da Iugoslávia mesmo que em processo de dissolução, tinha como objetivo manter a Croácia como uma de suas repúblicas e não permitir sua independência. Dessa forma, divergindo de Milosevic, o JNA inicialmente tinha como interesse definido tomar toda a Croácia (Hoffmann, 1999, p. 7). Tanner (2001, p. 268-269) aponta que segundo o General Kadijevic, Ministro da Defesa e o comandante do JNA durante a primeira fase da guerra, o plano iugoslavo consistia em provocar a Croácia a um conflito que ela não poderia vencer, no qual o JNA buscava “dividir a Croácia em quatro segmentos, abrindo uma cunha de Gradiska a Virovitica, outra de Bihac a Karlovac e depois a Zagreb, e uma terceira de Mostar a Split” (Tanner, 2001, p. 268-269, tradução própria)¹³.

Destarte, o objetivo dos sérvios com a Guerra da Croácia, de uma maneira geral, poderia ser apresentado de diversas formas variando do total impedimento da independência croata — como buscava o JNA — até a autonomia das regiões de maioria sérvia na croácia — como buscavam os rebeldes sérvio-croatas. Milosevic, por sua vez, apresentava seus objetivos de forma vaga, flutuando do objetivo mais geral do JNA para o mais limitado dos rebeldes, como busca por expansão territorial. Com o decorrer do conflito, porém, é importante notar que os objetivos gerais sérvios cada vez mais culminaram na perspectiva de garantir territórios de maioria sérvia ou de grande minoria sérvia na Croácia. Isso tanto se deu pela transformação constante do JNA em uma força sérvia — tanto com a aproximação das lideranças com Milosevic, como com a remoção dos não sérvios das forças (Bieber, 2007, p. 324-325)¹⁴ —, como também com o desenvolvimento militar da guerra, que forçou o lado iugoslavo a limitar seus objetivos, sendo a Batalha de Vukovar um ponto essencial para essa mudança, como argumentar-se-á a frente.

A Croácia, em contrapartida, tinha como objetivo central garantir a sua independência e sua integridade territorial, mas também havia nela diferentes agentes com perspectivas diferentes de objetivos específicos. Tudjman, sem dúvidas tinha como objetivo a independência da Croácia, tendo tanto feito o referendo responsável pelo início desse processo, como até mesmo tendo se omitido de agir quando a Eslovênia foi atacada pelo JNA após sua declaração de independência, desconsiderando o pacto de defesa mútua firmado entre as repúblicas independentistas, com o

¹³ No original: According to Kadijevic, the army intended to cut Croatia into four segments, by driving a wedge from Gradiska to Virovitica, another from Bihac to Karlovac and then to Zagreb, and a third from Mostar to Split.

¹⁴ De acordo com Baker (2015, p. 47), desde 1990 é claro o aumento da conexão política entre o JNA e Milosevic, o que seria comprovado até mesmo por livros de memórias com chefe do exército; ainda assim, a relação não era de total subordinação, sendo que a tentativa de golpe de março de 1991 planejada por Milosevic, não teve o apoio de Kadijevic e, assim, não ocorreu.

objetivo de evitar maiores tensões com o JNA. Mas não só isso, Tudjman também agia na busca de estabelecer uma “Grande Croácia”, a qual contaria com territórios da Bósnia.

O objetivo de Tudjman e de outros membros do HDZ de uma “Grande Croácia” levou o presidente até mesmo a ter conversas com Milosevic sobre a divisão do território bósnio entre as futuras grandes Croácia e Sérvia (Horncastle, 2015, p. 748). Essa perspectiva tornou-se nublada quando a guerra eclodiu em território croata e as forças sérvias do JNA começaram a atuar de forma a impedir a existência da Croácia, independentemente se grande ou pequena. Com o avanço sérvio, os planos de defesa da integridade croata propostos pelo Martin Spigelj e Aton Tus, Ministro da Defesa e Chefe do Estado-Maior do Exército Croata respectivamente, foram inicialmente ignorados por Tudjman, que via situação como reparável pelo meio político diplomático sem necessitar recorrer ao instrumento belicoso, o que logo tornou-se claramente inviável (Horncastle, 2015; Tatalović, 1996, p. 170).

Em resumo, os objetivos políticos ligados à fase inicial da Guerra da Croácia, eram diversos, não claramente expostos e mutáveis. Em um primeiro momento, considerando a busca por independência da Croácia e a busca por manutenção da integridade da Iugoslávia, poderia-se caracterizar a guerra como sendo ilimitada. Isso porque os objetivos políticos seriam diametralmente opostos. Porém, com o decorrer do conflito, pode-se ver ele sendo lutado de forma mais próxima a uma guerra limitada, na medida em que ambas as partes acordavam em discutir processos de paz intermediários, como foi o caso do Plano Vance. Do lado sérvio-iugoslavo isso pode ser explicado pela presença de mais de um ator relevante com objetivos políticos diversos; se o JNA não poderia negociar a independência da Croácia, Milosevic poderia. Do lado croata, a condução da guerra, como sendo limitada, pode ser fruto da visão de Tudjman de levar uma guerra mais longa, obtendo objetivos de forma intervalada.

Quanto às forças envolvidas na guerra, da parte sérvia, deve-se entender pelo menos três grupos armados: o JNA, os grupos paramilitares sérvios e as forças independentistas sérvio-croatas. O JNA, como exposto anteriormente, era um agente independente que com o tempo cada vez mais tornou-se a força que “iria proteger o regime de Milosevic e seus objetivos militares na Croácia, na Bósnia e, depois, no Kosovo” (Bieber, 2007, p. 324; tradução própria)¹⁵. Após os dez dias de envolvimento na Eslovênia, as forças do JNA foram redirecionadas para atuar na Croácia (Baker, 2015, p. 41). Constituído em 1951 a partir das forças partisanas, o JNA

¹⁵ No original: It slowly became the force that would protect the Milošević regime and its military goals in Croatia, Bosnia, and later in Kosovo.

era composto à época da Guerra da Croácia, por forças terrestres, marinhas e aéreas, sendo a primeira dividida entre Exército e Forças de Defesa Territorial (TO). As TOs, distribuídas localmente no nível das municipalidades em toda a Iugoslávia, possuíam cerca de um milhão e meio de homens, sendo eles voluntários ou reservistas (Ferreira, 2012, p. 54).

Considerando as forças regulares, o Exército era distribuído em quatro distritos militares: o 1º Distrito Militar, em Belgrado, responsável pelo norte da Sérvia, noroeste da Croácia (Eslavônia), Bósnia-Herzegovina e Vojvodina, contabilizava 90 mil homens em seis corpos de exército; o 3º Distrito Militar, em Skopje, responsável pelo sul da Sérvia, Kosovo, Montenegro (continental) e Macedônia, contabilizava sessenta mil homens, em cinco corpos de exército; o 5º Distrito Militar, em Zagreb, responsável pela Eslovênia e oeste da Croácia, contabilizava noventa mil homens em cinco corpos de exército; e o Distrito Militar Naval, em Split, responsável pela Marinha Iugoslava e sua Infantaria Anfíbia, contabilizava vinte mil homens em um corpo de exército (Ferreira, 2012, p. 55). O Exército possuía por volta de dois mil blindados ativos (sendo trezentos M-84 e os demais T-54 e T-55), contando com mais 700 na reserva (entre T-34 e M-4 Sherman). Os principais blindados de transporte eram dos modelos BTR-40, BTR-50 e BRDM-2. Quanto à artilharia, o exército contava com dois mil canhões de campanha e obuses, seis mil morteiros (82 milímetros e 120 milímetros), foguetes (Frog7), rifles e foguetes anti-tanque (AT-3 *Sagger* e AT-4 *Spigot*) e três mil armas de defesa anti-aérea. (Ferreira, 2012, p. 55-56).

A Força Aérea Iugoslava (RV) contava com cerca de oitocentas aeronaves, trezentas e sessenta dessas sendo de combate. Em grande parte ela era composta pelos modelos MiG-21 *Fishbed*, Orao 2, *Jastreb 2*, G-2 *Galeb* e G-4 Super *Galeb*, mas também contava com alguns mais recentes MiG-29 *Fulcrum*. A Marinha Iugoslava (RM), composta por cerca de dez mil homens, era equipada com fragatas Kotor e Koni, com lança-mísseis *Osa* e *Koncar* e submarinos *Heroj* e *Sava*, como também embarcações de menor porte (Ferreira, 2012, p. 56).

Mas para além das forças convencionais da JNA, o lado sérvio do conflito também contou com a atuação de grupos irregulares que chegaram a totalizar cerca de doze mil homens. Financiados e organizados pelo Departamento de Segurança de Estado Sérvio (SDB), sua atuação se dava sobre não-combatentes, mas não só, sendo que grupos como a Guarda de Voluntários Sérvia (SDG), conhecida como Tigres de Arkan, tiveram relevância em ações militares, como no caso do cerco de Vukovar (Ferreira, 2012, p. 65).

Outra força relevante, principalmente na primeira fase da guerra, foram os insurgentes sérvios-croatas, que foram organizados e preparados pelo JNA, recebendo os armamentos das TOs croatas, e que tanto apoiaram as ações da força iugoslava como foram apoiados por ela, para então — como previsto pela doutrina iugoslava — serem transformadas, junto com outros grupos irregulares, em forças convencionais do JNA (Horncastle, 2015, p. 756). Essas forças não eram totalmente desprovidas de treinamento militar, uma vez que muitos dos homens haviam feito ou faziam parte das TOs das regiões sérvias.

A Croácia, por sua vez, ao declarar independência e rumar para o conflito armado, não contava com forças armadas próprias, a não ser as suas TOs e a sua polícia. As TOs croatas, desde maio de 1990, antes mesmo da eleição de Tudjman, tiveram seu arsenal tomado pelo JNA e estavam impossibilitadas de comprar armamento. Por isso o governo croata decidiu armar a sua polícia a partir do Ministério do Interior (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 250; Tatalović, 1996, p. 175-176). O desenvolvimento das forças policiais culminou na criação, em 12 de abril de 1991, da Guarda Nacional Croata (ZNG), sob o Ministério da Defesa, que contava no final de junho com em torno de 10.000 efetivos; número que cresceu rapidamente até 200.000 ao final do mesmo ano, quando a Guarda já havia sido transformada no Exército Croata (HV), que operava em seis zonas de operação, com apoio de forças marinhas e aéreas (Tatalović, 1996, p. 176; Ferreira, 2012, p. 60). O rearmamento das forças croatas, como apontado acima, se deu através das forças policiais, através do Ministro da Defesa Martin Spegelj, que adquiriu as armas da Alemanha e da Hungria, sendo que a primeira até mesmo prestou serviços de treinamento da forças croatas (Severo, 2011, p. 121). Internamente, um fato importante para o estabelecimento de materiais da ZNG e posteriormente do HV foi a ação da tomada de 40 quartéis do JNA dentro da Croácia em setembro de 1991, a partir dos quais o equipamento foi absorvido (Tatalović, 1996, p. 177). Também foi um fato relevante da formação das forças armadas, o êxodo de oficiais croatas do JNA na medida em que esse se tornava mais sérvio; figuras essenciais para a guerra como o Ministro de Defesa Spegelj e o Chefe do Estado-Maior do Exército Croata Antos Tus são exemplos desse processo.

Como do lado sérvio, no lado croata forças irregulares também formaram-se. O grupo com maior sucesso e reconhecimento dentre as milícias que surgiram dos movimentos políticos croatas foi a Força de Defesa Croata (HOS), que derivou do Partido Croata de Direitos, de posicionamento de ultra-direita fascista, que alegou contar com cerca de dez mil homens e que

teve não só atuação ligada com violências contra não-combatentes, mas também com manobras militares relevantes como em Dubrovnik e em Vukovar (Ferreira, 2012, p. 62).

O balanço de força, tal qual apresentado anteriormente, conta com dificuldades inerentes em sua composição, tanto por dificuldade em precisar os números oficiais, como por considerar forças não-regulares, e também por não se tratar de forças estáticas, mas que contaram com mudanças relevantes durante o conflito. Em suma, a principal concepção que pode-se tirar da exposição é que as forças iugoslavas e sérvias eram em sobremaneira mais numerosas, bem estruturadas e devidamente armadas que as forças croatas, ainda em formação. Essa superioridade, sem dúvidas, teve relevância no desenvolvimento do conflito descrito a seguir, mas não pode ser tomado como um determinante de resultado.

A estratégia adotada pelo lado sérvio-iugoslavo na guerra na Croácia foi a abordagem de conflito de baixa e média intensidade, incluindo a estratégia de rebelião. Ao analisar o desenvolvimento da estratégia de ação sérvia, três estágios foram identificados: rebelião latente ou inicial; guerra de guerrilha; e guerra móvel (Tatalović, 1996, p. 170-172).

No início da guerra em 1991, a República da Croácia ainda não havia delineado uma estratégia de defesa (Tatalović, 1996, p. 172). Militarmente, a estratégia adotada por Zagreb envolveu uma defesa estática, trocando espaço por tempo diante do avanço das unidades do JNA (Cigar, 1993, p. 311). Mesmo com a preferência do Ministro da Defesa croata por uma mobilização em massa e o uso de unidades pequenas, móveis e regulares para contra-atacar o JNA o mais rápido possível, a decisão foi priorizar a formação de uma linha de defesa ininterrupta de Vukovar a Dubrovnik. Essa estratégia reconhecia a impossibilidade de evitar a ocupação de partes do território croata até que o exército pudesse ser totalmente formado (Anton Tus, 2001, p. 51).

Diplomaticamente, e muito do foco de Tudjman se deu nessa área, a Croácia visava internacionalizar o conflito com a esperança de que a Comunidade Europeia e os Estados Unidos reconhecessem a independência croata e pressionassem Belgrado a interromper suas operações contra a Croácia. A abordagem refletia a visão constante de Tudjman de que o resto do mundo posicionaria-se a favor de seu país; isso fica claro no registro de seu diálogo com o embaixador dos EUA na Iugoslávia, Warren Zimmermann, que afirmava que sabia mais que o estadunidense sobre o seu país e que esse interviria pela Croácia (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 252-253).

Na fase inicial do conflito, as forças sérvias-iugoslavas avançaram sobre cidades importantes da Croácia, levando à queda de Drniš em 16 de setembro, Hrvatska Kostajnica no dia 19 e Petrinja em 21 de setembro. Muitas outras cidades, como Gospić, Karlovac, Sisak, Šibenik, Zadar, Vukovar e Osijek, estavam diretamente ameaçadas. Os avanços ocorreram de maneira característica, com as forças independentistas sérvio-croatas iniciando as rusgas, seguidas pela entrada do JNA com artilharia e veículos blindados. Em outubro, o JNA chegou a apenas 20 km de Zagreb (Tatalović, 1996, p. 180; Baker, 2015, p. 52).

A inação croata, para além da fé de Tudjman na intervenção internacional, era devida à não existência de uma força militar efetiva, que estava em formação na ZNG. Essa inação, para além de possibilitar o avanço sérvio-iugoslavo, abriu espaço para a formação de milícias armadas croatas, como as Forças de Defesa Croata (HOS), derivadas do Partido Croata da Direita (HSP) (Baker, 2015, p. 52). A HOS, que teve presença no conflito por Vukovar, foi uma milícia de extrema-direita que inclusive utilizava símbolos do antigo NDH, colaboracionista do nazismo (Tanner, 2001, p. 265-266).

O Presidente Tudjman somente tomou a decisão de entrar em guerra direta com o JNA em meados de setembro, ao lançar uma ofensiva com o objetivo de capturar suas instalações e quartéis em toda a Croácia, utilizando-se para isso da recém-formada ZNG. A apreensão de armas e equipamentos foi um elemento-chave nos esforços croatas para expandir a ZNG, e as armas apreendidas foram utilizadas para armar dezenas de brigadas recém-mobilizadas. Essas armas substituíram ou eram as mesmas que o JNA havia confiscado das TOs croatas em maio de 1990. Em setembro, também foi realizado um convite aos soldados e oficiais do JNA, para deixar essa força e lutarem ao lado croata; como citado anteriormente principalmente no que tange os oficiais essa medida foi importante ao possibilitar a organização da forças de defesa (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 252-253; Baker, 2015, p. 52).

Em outubro de 1991, a cidade croata Dubrovnik foi cercada e atacada pelo JNA sem uma clara justificativa militar, pois a cidade não tinha instalações militares iugoslavas ou população sérvia a serem defendidas na cidade, enquanto as forças croatas no local eram demasiadamente fracas para lançar um ataque significativo. O cerco resultou em aumento das críticas internacionais à atuação do JNA. O General iugoslavo Kadijevic convidou o presidente Tudjman a desmilitarizar a cidade sob controle da Comunidade Europeia, oferecendo também a possibilidade de adidos militares estrangeiros visitarem a área; o JNA acreditava que tais visitas

poderiam mudar a opinião internacional. A visita ocorreu no final de outubro, mas teve o efeito contrário, transformando a operação em Dubrovnik em uma grande catástrofe de relações públicas para a JNA, Milošević e todo o bloco sérvio (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 259, 261; Tanner, 2001, p. 261, 263).

Em outubro, a JNA iniciou uma ofensiva estratégica de larga escala para forçar a Croácia a capitulação, a partir da partição do território croata e da retomada de seus quartéis (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 254). Foi nessa ofensiva que o cerco de três meses a Vukovar, na Eslavônia Oriental, foi o fator-chave na resistência croata e no desenvolvimento subsequente do HV. Apesar da queda de Vukovar em 18 de novembro de 1991, a defesa croata infligiu enormes perdas físicas e morais ao JNA e ao seu ritmo. Após Vukovar, o JNA teve avanços contidos na Eslavônia Oriental, enquanto a Croácia conseguiu avanços na Eslavônia Ocidental; como se verá no próximo capítulo (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 255-256).

Diante da intensificação da guerra na antiga Iugoslávia, foram iniciadas tentativas internacionais de refrear o conflito, e em setembro de 1991, o CSNU, por meio da Resolução 713, estabeleceu um embargo à venda de armas e equipamentos militares para a região¹⁶. Após a falha na tentativa de negociação entre Tudjman, Milosevic Kadijevic — respectivamente representantes da Croácia, da Sérvia e da Iugoslávia — no início de outubro, o Secretário-Geral da ONU, Pérez de Cuéllar, enviou Cyrus Vance aos Bálcãs em 8 de outubro (Severo, 2011, p. 128-129; Ferreira, 2012, p. 46).

Em 23 de novembro, durante uma reunião em Genebra, Milosevic concordou com um cessar-fogo proposto pela ONU e aceitou o “Plano Vance” que determinava: a remoção de tropas do JNA e de forças militares sérvias da Croácia; a criação de três Áreas de proteção da ONU (UNPA), uma na Eslavônia Oriental, uma na Eslavônia Ocidental e uma na Krajina, nas quais não poderiam ficar forças armadas a não ser as 10.000 tropas da ONU; a liberação por parte da Croácia dos quartéis e instalações do JNA; e o manutenção de um embargo de armas à Iugoslávia. Este plano, que ainda foi debatido pelas partes, marcou o fim da primeira fase intensa da guerra, com um cessar-fogo assinado em Sarajevo em 2 de janeiro de 1992 (Severo, 2011, p. 128-131; Tanner, 2001, p. 279-280; Baker, 2015, p. 53).

Esse cessar-fogo foi o último de 15 que tentaram para o conflito na Croácia; mesmo não tendo sido perfeito, conseguiu marcar o fim da primeira etapa da guerra, destacando a obtenção

¹⁶ Uma sequência de resoluções e documentos do CSNU abrangeu essa temática, como: ONU (1991a; 1991b; 1991c; 1991d).

da independência croata mesmo que sem unidade territorial, como pode-se ver no Mapa 1 abaixo, que destaca as regiões dominadas pelo RSK em vermelho. A independência também se fez valer a partir do reconhecimento internacional da República da Croácia como um estado independente e soberano. Os primeiros reconhecimentos se deram entre 26 de junho e 14 de dezembro de 1991, partindo de nações também não reconhecidas internacionalmente na época, incluindo a Eslovênia, Lituânia, Ucrânia e Letônia (Croatian Parliament, 2023, p. 1).

Mapa 1 - Os territórios da RSK na Croácia ao fim da primeira fase da guerra



Fonte: elaborado pelo autor com base em CIA (2003) e Tomobe03 (2013) .

O reconhecimento mais relevante veio por parte da UE, que em uma reunião ministerial extraordinária em 16 de dezembro, declarou sua intenção de reconhecer a independência de todas as repúblicas iugoslavas, implementando a decisão em 15 de janeiro de 1992. Antecipando-se a esse prazo, a Alemanha anunciou em 23 de dezembro o reconhecimento da Croácia e Eslovênia, celebrado pelos croatas nas ruas, marcando um ponto significativo na trajetória internacional dessas nações (Baker, 2015, p. 53; Tanner, 2001, p. 273-274).

Essa busca alemã por maior celeridade no reconhecimento da independência croata residia, segundo Coggins (2014, p. 136), na crença de que com o reconhecimento internacional

da independência, a guerra tenderia a cessar. Claramente, essa perspectiva não levava em conta o fato de a Croácia ser um Estado ainda em guerra sem dominar todo o seu pretense território. Thumman (1997, p. 584) complementa, afirmando que o posicionamento alemão, apesar de parecer ser fruto de assertividade política, era uma manifestação de sua política errática e volátil.

Esse posicionamento alemão não deixou de gerar tensões internas à UE. Enquanto a ex-Primeira Ministra Margaret Thatcher expressou seu apoio à concessão de reconhecimento às novas repúblicas por parte da Alemanha, o Reino Unido, de forma geral, posicionou-se bastante receoso em relação a esse reconhecimento, tanto por buscar balancear a posição de liderança alemã na UE, como por contar com opinião popular mais próxima da Sérvia (Tanner, 2001, p. 272-273). A França também posicionou-se de forma contrária ao ímpeto alemão de reconhecer precocemente a independência croata, vendo o movimento como não positivo para a situação nos Balcãs e baseado em maquinações de política interna (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 257).

Outros dois reconhecimentos relevantes para a Croácia vieram da Rússia, em 17 de fevereiro de 1992, e dos EUA, em 7 de abril. A admissão nas Nações Unidas em 22 de maio de 1992 marcou o ponto ápice do reconhecimento internacional da República da Croácia, consolidando seu status como um membro pleno da comunidade internacional (Croatian Parliament, 2023).

Em síntese, a primeira fase da Guerra da Croácia, finalizada no início de 1992 com o estabelecimento do Plano Vance, garantiu para a Croácia a sua independência mas não a sua integridade territorial. Dessa forma, a primeira fase contaria com apenas metade dos objetivos políticos croatas obtidos. Mas junto com a independência, reforçando-a, o reconhecimento internacional concedido à Croácia, deu base para os pleitos militares futuros para recuperar a integridade territorial (Coggins, 2014, p. 135). Dessa forma, a capacidade por parte da Croácia de conter o avanço do JNA e das forças sérvias, possibilitou o fim da primeira fase da guerra, que conteve em si o primeiro passo para a obtenção da completude de seus objetivos políticos na segunda fase.

3.2.3 Segunda fase da Guerra

Já em fevereiro de 1992, as tropas da Força de Proteção das Nações Unidas (UNPROFOR) foram enviadas à Croácia, para monitorar as atividades militares nas UNPA.

Apesar de quarenta e sete novas resoluções do Conselho de Segurança entre abril de 1992 e outubro de 1993 e a criação de novas missões de paz, a atuação das Nações Unidas na Croácia não obteve grande sucesso (Ferreira, 2012, p. 46; Tatalović, 1996, p. 181). O conflito, congelado pelo Plano Vance, voltou a esquentar ainda em 1992, mas com objetivos, forças e dinâmicas distintas, como será apresentado adiante.

O monitoramento da UNPROFOR frustrava, no início do ano de 1992, a população croata, que não via avançar o retorno dos refugiados e, segundo Tanner (2002, p. 281-282), vivia sob um regime de terror imposto pelos sérvios-croatas em cidade como Baranja e Vukovar, onde força chetniks continuavam caçando supostos agentes da Ustasha. Mesmo os diplomatas da ONU não conseguiam negar que UNPAs era um desastre (Tanner, 2001, p. 281-282).

Internamente à Croácia, agora independente mas incompleta, Tudjman fazia concessões à extrema direita — revivendo símbolos do período do NDH —, diminuindo a liberdade de expressão e aumentando o controle sobre a economia. Enquanto essa seguia em recuperação, a Croácia ativamente aumentava seu arsenal, tanto para colocar pressão sobre as forças sérvio-croatas quanto se preparando para a nova fase da guerra (Tatalović, 1996, p. 173). O embargo de armas da ONU mostrava-se extremamente fraco, ao menos para a Croácia, que adquire principalmente material alemão (Tanner, 2001, p. 284).

Naquela época, a guerra na Bósnia se intensificava e consumia cada vez mais a atenção de Belgrado. Após o referendo em março, a Bósnia havia declarado sua independência em 6 de abril de 1992. Assim como na Croácia, o partido SDS sérvio-bósnio, contou com o apoio do JNA para tomar territórios, porém de forma mais efetiva que na Croácia, e em poucas semanas os sérvios-bósnios controlavam quase 70% do território da república e colocaram em cerco a capital, Sarajevo, que não conseguiram tomar (Tanner, 2001, p. 285). Apesar de a Croácia ter reconhecido imediatamente a independência da Bósnia, a relação entre as duas não seria harmoniosa, como depreende-se dos objetivos croatas descritos a seguir. Com 750.000 croatas étnicos na Bósnia-Herzegovina, em grande parte no sul e centro do país, e com objetivos de criar uma Croácia maior — se não uma “Grande Croácia” — as forças croatas viriam a tomar territórios no país vizinho e empreender combates importantes contra as forças bosníacos antes de juntar-se a eles em 1995 para lutar contra o avanço sérvio (Tanner, 2001, p. 286).

Nesse sentido, considerando um cenário tanto alterado pela primeira fase da guerra, quanto pelo eclodir dos confrontos diretos dentro da Bósnia, os objetivos da parte sérvia, como

também da parte croata, no que tange à guerra aqui analisada, alteraram-se. Considerando o lado sérvio, o emprego na Bósnia mobilizava muito da força militar e a derrota total da Croácia já não mostrava-se como uma opção viável, dessa forma o objetivo central dos confrontos vindouros baseou-se na tentativa de preservação da maior extensão possível de territórios ocupados pelas forças sérvias. Com a constituição de uma terceira Iugoslávia, composta somente pela Sérvia e por Montenegro ainda no primeiro semestre de 1992 (Vizentini, 1999a, p.128) e com a incorporação dos efetivos independentistas sérvio-croatas, a constituição de objetivos políticos sérvios na segunda etapa da guerra era bastante mais ligada ao governo de Milosevic.

Considerando o lado croata, o objetivo político buscado por meios militares durante a segunda fase da guerra limitou-se à tomada dos territórios ainda ocupados pelo RSK desde o cessar-fogo do início de 1992. A opinião interna croata também deve ser levada em consideração, sendo que Tudjman, pela atuação na Bósnia mas também pelo aumento dos acenos aos setores mais extremos da direita do país, estava com baixíssima popularidade (Tanner, 2001, p. 291) e assim, a atuação ofensiva contra as forças sérvias ainda em território croata poderia servir como meio de aumentar sua estima política.

Os desenvolvimentos políticos e militares da primeira fase da guerra e dos eventos que ocorriam em paralelo ao conflito na Croácia também alteraram o perfil das forças combatentes presentes na segunda fase. Do lado sérvio, após a formação da terceira iugoslávia, as forças armadas foram reformuladas, sendo que o JNA deu lugar ao Exército da Iugoslávia (VJ), que herdou não só suas capacidades materiais como também organizacionais, doutrinárias e institucionais. Em 1992 o VJ contava com uma força de 135.000 soldados. No mesmo ano também foram compostos a partir do antigo JNA o Exército da República Sérvia (VRS), na Bósnia-Herzegovina e o Exército da Krajina Sérvia (SVK) na Croácia, este último contando com entre trinta e cinco e quarenta mil homens (Ferreira, 2012, p. 57-63; Ejodus, 2018, p. 302).

Do lado croata, ao fim de 1992, o HV já contava com aproximadamente 200.000 soldados em suas fileiras; buscando profissionalização das forças ocorreu uma diminuição desses números para aproximadamente a metade. Para além disso, as forças croatas foram reestruturadas, com a criação de novas brigadas, reestruturação de batalhões e criação de regimentos de defesa nacional; a Marinha contou com aumento de pessoal, chegando a 1.850 homens em 1995, e a Força Aérea também foi reestruturada. (Ferreira, 2012, p. 61-62).

O primeiro grande movimento militar da segunda fase da Guerra da Croácia daria-se, então em 21 de junho de 1992, quando as forças sérvias foram afastadas de Sibenik e Vodice, e sete aldeias no planalto de Miljevac foram tomadas pelas forças croatas, causando várias baixas graças à surpresa do ataque. O CSNU condenou essa operação exigindo a retirada das forças croatas. Porém, essa retirada nunca seria implementada, deixando uma clara mensagem política de impunidade por parte da comunidade internacional, que se seguiria com os ataques futuros aos croatas (Tatalović, 1996, p. 182).

A Operação Maslenica, iniciada em 22 de janeiro de 1993, tinha como objetivo expulsar as forças sérvias de posições estratégicas ao redor de Maslenica, Zemunik (aeroporto) próximo a Zadar e da Barragem de Peruca. Em quatro dias, porém, a operação foi interrompida com pouco sucesso. A condenação do CSNU e da UNPROFOR e ordenação da retirada das forças croatas das regiões tomadas novamente não foi ouvida, e o HV, em 27-28 de janeiro, iniciou uma operação para tomar a Barragem de Peruca e a área circundante (Tatalović, 1996, p. 183).

Ainda em 1993, em setembro, a Ação Medak Pocket conseguiu em cinco horas tomar a região de Medacki Dzep perto de Gospić, resultando em grandes perdas para o lado sérvio, especialmente entre os civis. Dessa vez as forças croatas foram acusadas de cometerem crimes de guerra, mas não foram punidas (Tatalović, 1996, p. 183).

No final de 1994, emergiram perspectivas de um possível acordo de paz entre o governo croata e os insurgentes sérvios, marcadas por medidas de construção de confiança, como a abertura da rodovia Zagreb–Belgrado, oleodutos, redes elétricas e hidráulicas (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 261). Em janeiro de 1995, negociadores ocidentais buscaram um amplo acordo de paz entre os governos croata e da RSK, no que ficou conhecido como o Plano Z-4, que propunha o retorno de refugiados e substancial autonomia para uma área sérvia da Krajina, mas não em sua completude (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 261). O plano acabou sendo desconsiderado por ambos os lados (Tatalović, 1996, p. 185).

Entre o primeiro e o terceiro dias de maio de maio de 1995, o HV realizou mais um ataque surpresa. A Operação Bljesak (relâmpago), se deu na Eslavônia Oriental passando pelo território controlado pelos sérvios ao redor de Okučani. Em um intervalo de 24 horas, as forças croatas alcançaram seus principais objetivos, retomando o controle da rodovia entre Novska e Nova Gradiska, tomando Jasenovac e cercando as forças sérvias próximo a Pakrac (Tanner, 2001, p. 294). Em 2 de maio de 1995, as forças croatas tomaram a região completa, estabelecendo

autoridades civis croatas a partir do dia 3. As forças croatas contaram com algumas dezenas de mortos, enquanto o lado sérvio atingiu de 300 a 400 mortos, em grande parte civis, a maioria sob intenso fogo de artilharia e durante a retirada conjunta de soldados e civis sérvios em direção à Bósnia-Herzegovina. Apesar das claras violações de direitos humanos (Calic, 2009, p. 129-130), as forças da ONU não responderam ao ataque croata, retirando-se de suas posições. A condenação retórica da comunidade internacional foi ainda abafada, na medida em que a retaliação sérvia entre 3 e 4 de maio de 1995, quando foguetes foram lançados sobre Zagreb, resultando em vítimas civis, virou a opinião internacional contra a Sérvia (Tatalović, 1996, p. 184-185).

A operação final da segunda fase da guerra, a Operação Oluja (tempestade, foi fortemente influenciada pela situação na Bósnia-Herzegovina, na qual as forças sérvias ocupavam as zonas de proteção de Srebrenica e Zepa, levando ao aumento do criticismo internacional (Tatalović, 1996, p. 185). O plano croata objetivava tomar o território restante da RSK a não ser a Eslavônia Oriental (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 264-265). Para além das unidades regulares do Exército Croata, foram mobilizados 70.000 soldados adicionais para o ataque, juntamente com 50.000 reservistas, totalizando 200.000 homens, que encontrariam oposição 37.000 na Krajina e aproximadamente 12.000 soldados em Baranja e Sirmia Ocidental (Tatalović, 1996, p. 186).

No dia 4 de agosto, às 5 horas da manhã, a Operação Oluja iniciou, com intensos ataques de artilharia; o lado croata havia notificado a UNPROFOR sobre o ataque uma hora antes de iniciá-lo. Alvos militares sérvios ao longo dos 600 km de frente de batalha foram atacados, incluindo o sistema de comunicação e centros de comando. No primeiro dia da operação, unidades do HV haviam realizado incursões de 5 a 15 quilômetros, marcando um avanço significativo (Tatalović, 1996, p. 186). A Operação Oluja alcançou êxito ao romper as defesas sérvias em todos os lugares, atingindo todos os seus principais objetivos em apenas dois dias. A rápida queda das linhas sérvias foi facilitada pela controversa evacuação da população civil na noite de 4 de agosto. Knin caiu em 5 de agosto, após um bombardeio de artilharia e sem qualquer resistência da infantaria e unidades blindadas sérvias. A instituição militar e política sérvia colapsou tão rapidamente que até mesmo os croatas ficaram surpresos com seus sucessos e a baixa intensidade de resistência encontrada (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 265).

A derrota completa da parte sérvia resultou em um êxodo sem precedentes na região, com 120.000 sérvios tendo de deixar as áreas tomadas pelas forças croatas (Tatalović, 1996, p. 187).

Era o fim da RSK, com a exceção apenas da faixa de terra em torno de Vukovar, na Eslavônia Oriental, que fazia fronteira com a Sérvia propriamente dita (Tanner, 2001, p. 298). De forma previsível, o Reino Unido, França e Rússia condenaram a operação como um todo, enquanto Alemanha e os Estados Unidos não seguiram a mesma linha. O presidente norte-americano Bill Clinton expressou sua esperança de que a ofensiva croata pudesse abrir caminho para uma solução diplomática rápida, evidenciando a maior conexão dos EUA nesta segunda fase do conflito (Tanner, 2001, p. 298).

3.2.4 Resultado da Guerra

O fim da segunda fase da Guerra da Croácia, após a Operação Oluja, representou também o fim da guerra em si. Esse processo iniciou-se com negociações de um cessar-fogo e culminou no Acordo de Erdut, assinado em 12 de novembro de 1995, entre autoridades croatas centrais e sérvias locais. O acordo estabelecia garantias de segurança para todos os grupos étnicos na região, o retorno de refugiados, o direito dos refugiados de recuperarem seus pertences ou receberem uma compensação justa, e a total desmilitarização da área. Prevendo um período transitório de 12 meses, com a opção de prorrogação, o acordo estabeleceu a criação de uma administração provisória pela ONU nas regiões da Eslavônia Oriental, Baranja e Sirmia Ocidental (Tatalović, 1996, p. 186).

O Acordo de Erdut foi mais um passo no processo do restabelecimento da integridade territorial da República da Croácia. O primeiro ano do mandato da ONU demonstrou avanços significativos em todas as áreas, incluindo a segurança (Tatalović, 1996, p. 188). O processo de reintegração pacífica sob a Autoridade Transitória da ONU na Eslavônia Oriental (UNTAES), estabelecida pelo CSNU, teve início em 15 de janeiro de 1996, e foi concluído em 15 de janeiro de 1998, quando as terras ocupadas foram totalmente reintegradas à República da Croácia, marcando o efetivo fim do conflito (Croatian Parliament, 2023).

Estima-se que a Guerra da Croácia tenha causado a morte de aproximadamente 20.000 a 22.000, com 15.000 sendo croatas e 7.000 sérvios (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 263; Hebda, 2020, p. 5). No entanto, há divergências nas estimativas específicas, variando entre 12.000 e 16.000 vítimas croatas, enquanto para os sérvios, o número de mortos é relatado entre 6.000 e 8.000. Além disso, cerca de 300.000 a 350.000 sérvios tiveram de deixar a Croácia durante o período, a

maioria dos quais nunca retornou às suas casas (Hebda, 2020, p. 5). Dessa forma, a guerra alterou drasticamente o padrão demográfico da Croácia, com a redução significativa do número de sérvios, passando de 581.663 — 12,15% da população total croata em 1991 — para 201.631 — 4,54% da população total em 2002 — (Radović, 2005, p. 24).

Outro elemento que não pode deixar de ser levado em consideração ao abordar o saldo da Guerra na Croácia, é a ocorrência de crimes de guerra e contra a humanidade, cometidos por ambos os lados do confronto. As forças sérvias foram responsáveis por uma série de crimes durante o conflito na Croácia, com destaque para as atrocidades cometidas pela RSK. Um dos episódios mais graves ocorreu em Vukovar e arredores, onde, em 20 de novembro de 1991, tropas do JNA e sérvias capturaram cerca de 200 pessoas, executando-as nos arredores de Vukovar, em Ovcara. Para além do assassinato de civis, torturas e violência sexual cometida contra a população croata, as forças sérvias e do JNA também foram responsáveis pela destruição de Patrimônio Mundial da UNESCO em Dubrovnik (Hebda, 2020, p. 3-4).

Nos anos seguintes, foram registrados numerosos crimes de guerra cometidos pelas forças militares croatas. As operações militares conduzidas pelas forças do HV levaram tanto à morte de civis quanto ao deslocamento de 200.000 a 250.000 pessoas, dependendo das fontes de informação. Adicionalmente, é relevante mencionar que, entre 1992 e 1997, o campo de concentração croata em Split permaneceu ativo, onde cerca de mil pessoas, em sua maioria de origem sérvia, foram torturadas, resultando na morte de 25 prisioneiros (Hebda, 2020, p. 3-5). As duas operações que marcaram o fim da guerra, Bljesak e Oluja, são consideradas partes integrantes de uma das maiores operações de limpeza étnica ocorrida no país, tanto devido à morte de civis quanto com relação a sua migração forçada (Calic, 2009, p. 116-117)

Para julgar os crimes cometidos nas guerras de dissolução da Iugoslávia, foi criado o Tribunal Penal Internacional para a antiga Iugoslávia (ICTY), que atuando de 1993 a 2017, emitiu acusações contra 161 pessoas, sendo que a maioria se trata de indivíduos sérvios — 94 pessoas. O menor indiciamento e, principalmente, a punição aos líderes croatas responsáveis por crimes contra a população sérvia-croata é motivo de controvérsias e faz permanecer viva a percepção de perseguição por parte dos sérvios (Allcock, 2009). Enquanto líderes da RSK, como Milan Babić, e o próprio Milosevic foram responsabilizados pelos atos que cometeram na Croácia, Ante Gotovina, comandante na operação Oluja, mesmo sendo condenado acabou sendo

liberto. O líder croata, Tudjman, morreu em 1999 e não chegou a ser indiciado (Hebda, 2020, p. 6-9).

Destarte, até mesmo no pós-guerra o lado croata teve saldo político positivo. Terminada a guerra, a Croácia havia conseguido atingir os seus dois principais objetivos. O fim da primeira fase da guerra se fez possível somente com a oposição ao avanço das forças sérvio-iugoslavas e com o empenho internacional — principalmente da Alemanha — de reconhecer a independência croata. Assim, a partir do Plano Vance, mesmo com territórios ainda sob o domínio da RSK e controle da ONU, a Croácia contava com o aceite e o apoio internacional para o estabelecimento de seu Estado completo (Coggins, 2014, p. 135), como ficou claro com a falta de alguma reação efetiva contra os ataques croata de 1992 a 1995 (Tatalović, 1996, p. 173-188). A capacidade das forças croatas de se rearmar, estabelecerem uma relação positiva com o plano internacional e enfraquecer o avanço do JNA, tem um nexó explicativo conectado diretamente à Batalha de Vukovar, como se apresenta no capítulo que segue.

4 A BATALHA DE VUKOVAR

A Batalha de Vukovar foi uma das mais marcantes na Guerra de Independência da Croácia, com projeções de até 50.000 soldados empenhados na tentativa, por parte das forças do JNA e dos sérvios-croatas, de tomar a cidade que dá nome a esse confronto (Horncastle, 2015, p. 756). Durando de aproximadamente 24 de agosto de 1991 até 18 de novembro do mesmo ano, quando o lado croata rendeu-se, essa batalha, mesmo tendo representado uma derrota tática para o lado defensor, é apresentada como relevante positivamente para a finalização da primeira fase da guerra.

Norman Cigar (1997, p. 35, tradução própria), aponta que se houve de fato uma batalha decisiva na guerra, “essa pode ter sido o cerco de Vukovar”¹⁷. “A batalha de Vukovar pode ter sido o ponto de viragem na guerra”¹⁸, aponta Hoffmann (1999, p. 8, tradução própria). Ela é ainda descrita como “o mais importante evento militar” (Marijan, 2002, p. 401, tradução própria)¹⁹ da guerra. A cidade em si, tornou-se na visão Croata um símbolo de sua busca por independência, sendo uma “cidade heroína” que foi perdida para que a Croácia fosse salva, como descrevem Živić e Degmečić (2016, p. 184-189).

Apesar dessas citações de peso, que engrandecem a relevância de Vukovar, é necessário considerar que a ideia de uma batalha perdida levar a uma vitória numa guerra é tanto contra-intuitiva como também ousada, na medida em que conecta os níveis extremos da análise da guerra — o nível tático ao pensar o lutar da batalha e o nível político ao pensar no resolver da guerra. Nesse sentido, busca-se entender neste capítulo final, como a Batalha de Vukovar teve impacto positivo para a Croácia na sua Guerra de Independência, a partir da compreensão da batalha em seu nível mais próximo ao empírico e seus impactos nos níveis estratégico e político da guerra.

¹⁷ No original: If there was a 'decisive battle' in the war, which can be identified as the turning point, it may have been the siege of Vukovar, the river city on Croatia's eastern border with Vojvodina.

¹⁸ No original: The battle of Vukovar may have been the turning point in the war and therefore is a good illustration of many of the JNA's weaknesses.

¹⁹ No original: The Battle of Vukovar was the most important military event not only of 1991, but in the whole of the Homeland War.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO: A CIDADE, OS ANTECEDENTES E AS FORÇAS

Localizada na região da Eslavônia Oriental, um dos *fronts* principais da Guerra Da Croácia, Vukovar é uma cidade fronteiriça, separada pelo rio Danúbio das terras sérvias da Voivodina a leste. Representando uma conexão entre o centro, o leste e o sudeste da Europa, a cidade de Vukovar e sua região estiverem envolvidas em diversos eventos políticos e armados ao longo do séculos, tendo registros de povoação que datam de mais de cinco mil anos (Živić e Degmečić, 2016, p. 182). Não sendo cercada por montanhas ou colinas, Vukovar localiza-se em uma região de pampas, e concentrou relevância econômica na sua região, sendo que sua posição às beiras do Danúbio no período de expansão do comércio europeu que caracterizou o fim da Guerra Fria estabelecia certa relevância geopolítica à época do conflito (Woodward, 1995, p. 72).

A municipalidade de Vukovar, em 1991, contava com mais de 84.000 pessoas, sendo que delas, 43,8%, ou 36.910, eram de origem croata, enquanto 37,35% da população representava os 31.445 sérvios que compunham a comunidade. Na região central, a presença croata chegava a 47% e a sérvia a 32,3%. As populações de Vukovar não viviam, porém, completamente divididas, sendo que 35% dos casamentos eram etnicamente mistos (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 249).

A preponderância de sérvios nos vilarejos que cercavam a cidade fez-se relevante nos momentos iniciais do conflito. A vila de Borovo Selo, como citado anteriormente, ainda em maio de 1991, foi cenário de escaramuças entre a população sérvio-croata, organizados a partir do SDS, e as forças policiais croatas; as mortes de 14 agentes da polícia podem ser caracterizadas como antecedentes da batalha que viria a ser travada na cidade (Sebetovsky, 2002, p. 17). Nesse período, as forças do JNA buscavam atuar como mantenedoras da paz não enviesados, o que começou a tornar-se menos possível com o avançar das tensões (CIA, 2002, p. 91-93), e evoluiu para um padrão de ação que consistia em: após rebeldes sérvios abrirem fogo e as forças croatas reagirem, o JNA criava uma “zona de separação”, estabelecendo posições nas vilas de maior representatividade sérvia ao redor de Vukovar (Sebetovsky, 2002, p. 23-24).

A antecedência da batalha já era sentida na região e até mesmo o prefeito da cidade, o sérvio Slavko Dokmanovic, não mais voltava para Vukovar, temendo por sua vida. Em julho já ocorriam ataques de morteiro no subúrbio de Borovo Naselje; o que se desenvolveu em bombardeamento esporádico em agosto, mês esse no qual a cidade de Vukovar registrava somente mais 15.000 habitantes (Silber; Little, 1997, p. 176).

Apesar das tensões crescentes na região, as forças croatas — que ainda não contavam com um exército organizado — não tinham grande presença na cidade. Na metade de agosto a ZNG infiltrou cerca de 100 homens nela, fazendo com que a cidade contasse com aproximadamente de 200 a 300 homens dessa força, mais 400-500 homens da política especial do MUP croata. Com a chegada, em agosto, de dois ex-oficiais do JNA agora atuando do lado croata, para organizar as defesas da cidade — o Tenente Coronel Mile Dedakovic e Capitão Branko Borkovic, como comandante e vice-comandante, respectivamente — a defesa foi reestruturada e seus números foram melhor registrados. Segundo Dedakovic, as forças da ZNG, organizadas na 204ª Brigada contavam com 1.500-1.800 homens, as forças da política especial com aproximadamente 500-550 homens, somando assim um total máximo de 2.000-2.350 defensores na cidade. Nos arredores, prestando apoio para a rota de suprimento à cidade cercada, os croatas contavam com pequenas unidades na vila de Nustar e um ou dois batalhões da 109ª Brigada de Vinkovci (CIA, 2003, p. 191-192).

Quanto ao armamento dos defensores, Sebetosvky (2002, p. 20) destaca que contavam com armamento de infantaria, como rifles automáticos e semi-automático e metralhadoras, e algumas peças de artilharia, como morteiros de 120mm, três obuses de 105mm, alguns obuses leves e canhões de 76mm. Os armamentos mais relevantes eram os utilizados contra blindados: centenas de lançadores de foguetes antitanque M80 de 64 mm, “*Zolja*”, e dúzias de M79 de 90mm, “*Osa*”. Na cidade de Vinkovci, o ZNG também contava com 29 peças de artilharia com mais de 100mm, seis canhões divisionais ZIS-3 de 76mm, cinco canhões antitanque 1-12 de 100mm e sete veículos blindados destruidores de tanque M-3690mm; todas as peças contavam com munição limitada (CIA, 2003, p. 192). Dessa forma, para além da baixa potência dos armamentos e munições, as forças croatas contavam com pequenas quantidades.

Do lado iugoslavo — comandado até outubro pelo Coronel General Spirovski, e a partir de então pelo Tenente General Života Panic — as forças empregadas no cerco de Vukovar foram bastante mais numerosas e bem equipadas. Aproximadamente de 30.000 a 44.000 homens foram empregados no esforço para tomar a cidade, contando com 1.600 veículos blindados de combate e em torno de 1.300 itens de artilharia (Sebetovsky, 2002, p.18; Marijan, 2002, p. 401) organizados em:

[...] 25 batalhões blindados mecanizados, quatro batalhões de infantaria motorizados, quatro batalhões policiais militares ou antiterroristas (usados como infantaria de elite),

um batalhão de infantaria, três a seis batalhões de infantaria partisanos, até 13 batalhões de artilharia de campanha e 3 batalhões de lançadores múltiplos de foguetes. Além disso, o JNA provavelmente colocou em campo três ou quatro batalhões ou 'destacamentos' de infantaria voluntários (que em breve se juntariam a várias outras unidades voluntárias), além dos 'Tigres' da Guarda Voluntária Sérvia (SDG) de elite de Arkan e até sete unidades de baixa qualidade da TO do tamanho de batalhões. Elementos da 63ª Brigada Aerotransportada de elite do JNA — uma formação de operações especiais — também podem ter sido enviados ao teatro de operações para fornecer tropas de choque. (CIA, 2003, p. 196, tradução própria)²⁰.

O JNA também contava com suporte aéreo garantido a partir do aeroporto de Batajnica, na Sérvia (há 111 quilômetros de Vukovar), com atuação de um esquadrão de caça, um esquadrão misto de caça-bombardeiro e um grupo de transporte misto.

Com esses números em mente, e considerando que a cidade de Vukovar não contava com nenhuma fortaleza militar constituída para sua defesa, pode-se considerar, como consideraram as forças do JNA, que a cidade cairia em questão de dias. Ainda assim, não foi esse o resultado do conflito. Para compreender melhor o desenrolar da batalha, considerando a contextualização geográfica, política e militar aqui apresentada, na próxima seção buscar-se-á apresentar os objetivos ligados a ela.

4.2 ANÁLISE DOS FINS: A IMPORTÂNCIA DA CIDADE PARA A GUERRA

A grande quantidade de forças agressoras sérvio-iugoslavas empregadas na tomada de Vukovar e a resistência insistente dos defensores croatas têm de ser consideradas em um determinado contexto estratégico e político que torne-as compreensíveis. Mesmo sendo que não necessariamente os objetivos políticos convergem em proporcionais esforços estratégicos, que por sua vez podem não ter relação direta com os esforços táticos, a compreensão dos níveis anteriores torna possível uma melhor avaliação dos posteriores.

Considerando que o “primeiro momento em que o JNA manifestou-se abertamente a favor dos sérvios foi em um conflito na região de Vukovar, contra a Guarda Nacional Croata” (Severo, 2011, p. 125), pode-se entender que aí havia uma maior carga do objetivo político ligado

²⁰ No original: Those units comprised up to 25 armor-mechanized battalions, four motorized infantry battalions, four military police or antiterrorist battalions (used as elite infantry), one infantry battalion, three to six partisan infantry battalions, up to 13 field artillery battalions, and 3 MRL battalions.⁴⁶ In addition, the JNA probably fielded three or four volunteer infantry battalions or 'detachments' (soon to be joined by several more volunteer units) plus Arkan's elite Serbian Volunteer Guard (SDG) 'Tigers,' and as many as seven low-quality battalion-sized TO units. Elements of the JNA's elite 63rd Airborne Brigade - a special operations formation - may also have been sent to the theater to provide shock troops.

às seções iugoslavas do movimento sérvio-iugoslavo. Nesse sentido, o conflito por Vukovar deve ser pensado considerando o plano original do JNA: a partir de Vukovar, tomar outras cidades da Eslavônia Oriental, como Vinkovci e Osijek, para avançar pela a Eslavônia Ocidental e chegar até Zagreb (CIA, 2003, p. 207; Sebetovsky, 2002, p. 16). Vale aqui observar o Mapa 1.

Tanner (2001, p. 266) aponta que ao entrevistar o Chefe do Estado-Maior croata, General Anton Tus, este descreveu que em sua percepção, os sérvios haviam tomado Vukovar em si como uma cidade politicamente relevante para uma Eslavônia Oriental sérvia, mas que estrategicamente, a cidade não tinha relevância tamanha para os objetivos gerais dos atacantes. Essa informação é interessante na medida em que revela um possível motivo adicional para o interesse por Vukovar, mas também deve ser questionada, principalmente no que tange à questão estratégica. Considerando o plano iugoslavo de avançar da Eslavônia Oriental até o oeste croata, em Zagreb, Vukovar figurava em um ponto de conexão com outras cidades da região como Osijek e Vinkovci.

Sendo Vukovar um caminho tão relevante como apontavam as forças sérvias, ou uma aposta incorreta como aponta Tus, de qualquer forma cabia à defesa croata manter a cidade de forma a interromper o avanço das forças atacantes (Sebetovsky, 2002, p. 18). Dessa forma, a defesa de Vukovar compreende os dois principais objetivos croatas na guerra: a defesa de sua integridade territorial, na medida em que perder Vukovar poderia representar perder parte da Eslavônia Oriental, e a defesa da independência da Croácia, na medida em que o avanço após Vukovar rumaria, segundo o plano inicial do JNA, até Zagreb na busca pela subjugação completa do recente país. Entender a forma pela qual esse plano da Iugoslávia de manter seu território foi frustrado, mesmo tendo sido tomada a cidade de Vukovar, depende de uma maior compreensão do desenrolar da batalha no nível tático, para além da dicotomia de vitória e derrota, como busca-se fazer na seção que segue.

4.3 ANÁLISE DOS MEIOS: A BATALHA

Como apresentado anteriormente na contextualização da batalha, pode-se traçar seus antecedentes a partir dos assassinatos de policiais croatas em Borovo Selo, que foram seguidos por seguidos pela montagem de barricadas nas vilas sérvias nos arredores da cidade e pelo bombardeamento do subúrbio de Borovo Naselje no começo do julho (Silber; Little, 1997, p. 18).

O primeiro momento de ataque do JNA sobre a cidade viria de fato a partir de 24 de agosto, quando a cidade foi colocada sob intenso fogo de artilharia e ataque aéreo, seguidos pelo avanço da infantaria.

A intensidade dos ataques, porém, não surtiu o efeito desejado. Havendo sido planejada para durar apenas um dia, como afirma Ferreira (2012, p. 69), a primeira tentativa de tomada da cidade pelas forças do JNA falhou, com a defesa croata tendo abatido duas aeronaves e destruindo dez blindados iugoslavos nos primeiros dias. O avançar dos ataques até o dia 28 de agosto mostrou-se igualmente infrutífero, configurando assim um fiasco para as forças que atacavam uma cidade com a sua defesa ainda não estruturada (Sebetovsky, 2002, p. 24-25).

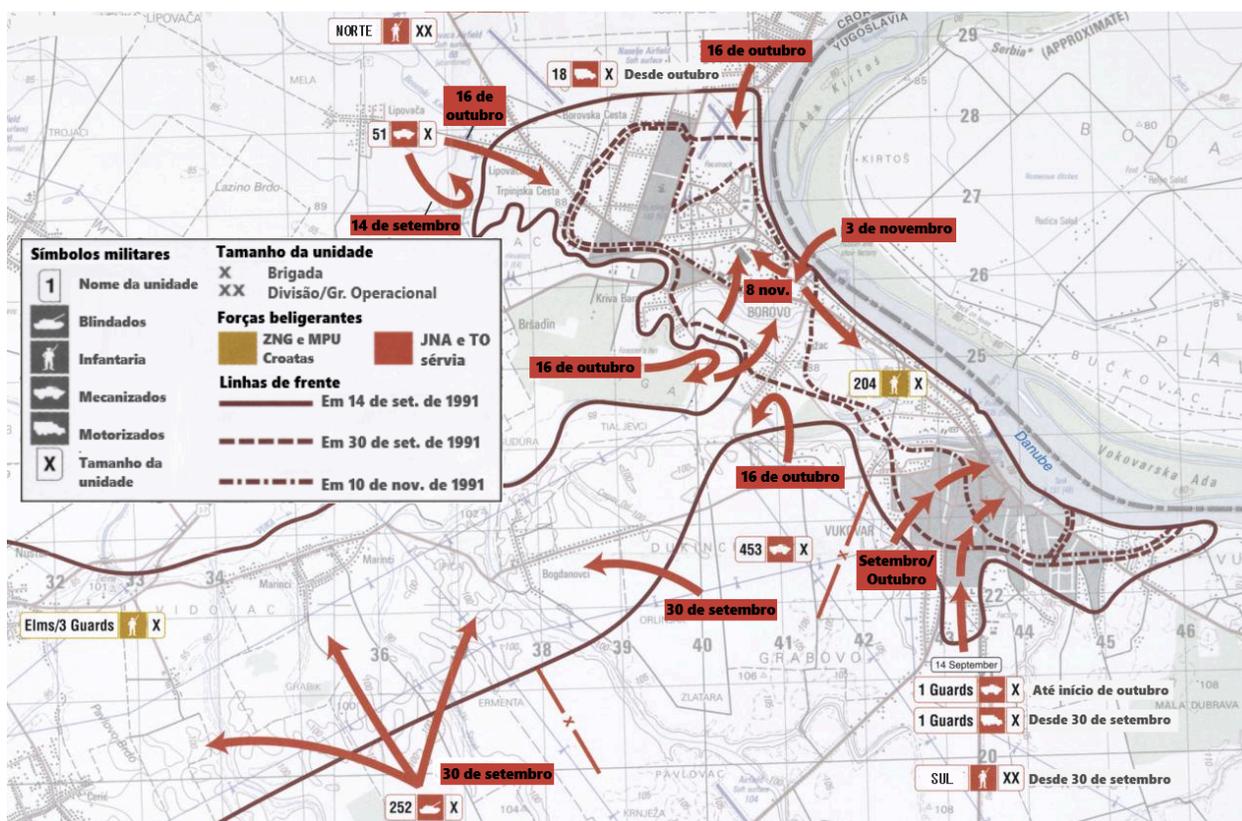
Em 31 de agosto, foram enviados pelo Estado-Maior croata dois agora oficiais das forças croatas, que antes haviam sido parte do JNA: o Tenente Coronel Mile Dedakovic como comandante e o Capitão Branko Borkovic, como vice-comandante. Os novos comandantes da cidade organizaram um perímetro de defesa, criando setores a partir das comunidades locais da cidade. Também foi criada a 204ª Brigada do ZNG agrupando as forças até então dispersas. O conceito de defesa ativa empregada por Dedakovic, no contexto de avanço fortemente mecanizado das forças iugoslavas sobre a cidade parcamente armada, conectou-se diretamente com o ambiente urbano da batalha. As forças croatas buscavam utilizar os armamentos que tinham de formas diversas, como com a preparação de armadilhas, o uso de foguetes climáticos (*weather rockets*) com a intenção de fazer parecer que a cidade estava armada com melhores equipamento, e a criação de times especiais de ataque de dez homens, que buscavam agir de forma a surpreender as forças inimigas interceptando os blindados e as colunas inimigas com sua maior mobilidade pelo terreno urbano, cada vez mais redesenhado pelos escombros dos ataques de artilharia (Sebetovsky, 2002, p. 28-30).

No mês de setembro, enquanto as forças do ZNG agiam de forma a bloquear os quartéis do JNA no território croata, o JNA planejou um ataque para liberar o quartel de Vukovar, que havia sido capturado pelos croatas em 25 agosto, e “provavelmente esperavam intimidar os croatas com seus blindados e ocupar rapidamente a cidade” (CIA, 2003, p. 194, tradução própria)²¹. O ataque começou no meio do dia 14 de setembro com uso de artilharia e ataques aéreos, seguidos por avanço de brigadas mecanizadas pelas regiões de Bogdanovcim, Dukinci e Borovo Naselje, contabilizando cerca de 2.000 soldados do JNA — somente 350 de infantaria —

²¹ No original: The JNA probably expected to overawe the Croats with their armor and quickly occupy the town.

e até 1.600 homens da TO sérvia. A operação chegou ao fim em 22 de setembro, com as forças atacantes tendo conseguido chegar até o quartel e limpado parcialmente seus arredores, ainda assim não conseguindo avançar para o resto da cidade, sendo repelidos pela defesa croata (CIA, 2003, p. 194-195). As incursões e avanços nos territórios tomados pelas forças iugoslavas e sérvio-croatas em Vukovar podem ser analisadas no Mapa 2.

Mapa 2 - A Batalha de Vukovar



Fonte: modificado pelo autor com base em CIA (2003).

As forças iugoslavas e sérvias sofriam com uma estrutura sem liderança de pequenas unidades, resultado de uma estrutura de comando e controle defasada. Tanto os oficiais quanto os soldados atacantes aparentavam ter pouca experiência real com o combate urbano, aqueles organizando unidades de blindados sem quantidade suficiente de infantaria para protegê-los, estes sem conhecimento para lidar com armadilhas e uma defesa elástica. Sebetovsky descreve a forma como os croatas agiam nas falhas técnicas sérvio-iugoslavas:

Os sérvios avançavam ao longo de uma rua em tanques e veículos blindados de transporte de pessoal, com cinco, seis e muitas vezes até mais veículos, todos numa coluna, seguidos pela sua infantaria desmontada. Para contrariar esta situação, um pequeno número de defensores posicionados na rua abriam fogo contra os tanques a uma distância de algumas jardas de um dos lados da rua. No entanto, eles agiam apenas como isca para dar a outros defensores, armados com armas anti blindados, a oportunidade de se posicionarem do outro lado da rua para que pudessem atingir os tanques dianteiros e traseiros da coluna. Assim, incapaz de manobrar, a coluna inimiga ficava presa na estreita rua da cidade. (Sebetovsky, 2002, p. 34, tradução própria).²²

A técnica utilizada contra blindados mais modernos como os M-84²³ era diferente:

Contra esses tanques mais novos, nós usávamos, por exemplo, equipes *'hunter-killer'* de três homens, consistindo de um atirador cuja tarefa era destruir o periscópio do tanque, enquanto um segundo homem, armado com um *"Osa"* ou *RPG*, tentava acertar o tanque, com o terceiro integrante da equipe pronto para acabar com a tripulação com tiros de rifle automático quando eles abandonassem o veículo. (Sebetovsky, 2002, p. 35, tradução própria).²⁴

Também eram utilizadas minas antipessoal e antitanques, que se mostravam bastante efetivas, sendo plantadas em todos os prédios, posições e linhas de comunicação possíveis. Os efetivos croatas utilizavam a cidade a seu favor, atuando sob o chão em porões e túneis e também sobre o chão em andares superiores de prédios, utilizando a seu favor, assim, o elemento da surpresa (Sebetovsky, 2002, p. 32).

Em 26 de setembro, após resultados erráticos no campo de batalha, o JNA em Vukovar contou com duas mudanças: o recebimento de reforços tanto para o 12º Corpo quanto para a 1ª Divisão de Guardas e a troca de comandante para o Primeiro Distrito Militar (responsável por Vukovar). O Chefe do Estado Maior Blagoje Adzic, após os insucessos consecutivos, removeu o Coronel General Spirokovski do cargo, substituindo-o pelo General Zivota Panic, que ao chegar ao campo de batalha, encontrou uma situação caótica, na qual a cadeia de comando não era claro

²² No original: The Serbs would advance along a street in tanks and APC's, with five, six, and often even more vehicles all in a column, followed by their dismounted infantry. To counter this, a small number of defenders positioned in the street would open fire on the tanks from a distance of a few yards from one side of the street. However, they were only acting as a decoy in order to give other defenders, armed with anti-armor weapons, the opportunity to take a position on the other side of the street so that they could hit the lead and rear tanks in the column. Thus rendered unable to maneuver, the enemy column was trapped in the narrow city street.

²³ Apesar de Sebetovsky (2002) citar duas vezes o veículo como "T-84" esse é um modelo ucraniano desenvolvido somente após à Guerra da Croácia; dessa forma, considera-se o veículo iugoslavo "M-84", citado por Cigar (1993, p. 321) e por CIA (2003, p. 108).

²⁴ No original: Against such newer tanks, we used, for example, three-man "hunter-killer" teams consisting of a sharpshooter whose task was to destroy the tank's periscope, while a second man, armed with an "Osa" or RPG, attempted to hit the tank, with the third member of the team set to finish off the crew with automatic rifle fire when they abandoned the vehicle.

e não havia controle efetivo sobre as unidades do JNA, da TO e das unidades irregulares, com soldados sem saber quem eram seus oficiais e forte deserção. Com o objetivo de reorganizar a estrutura, em 30 de setembro, Panic, dividiu as operações em dois grupos operacionais, Norte e Sul, comandados pelo Major General Mladen Bratic e pelo Coronel Mile Mrskic, respectivamente, que agora contavam com setores e responsabilidades delimitadas (CIA, 2003, p. 196; Silber; Little, 1997, p. 177).

O próximo ataque do JNA, planejado para 30 de setembro, envolvia diretamente o grupo operacional do Sul, e tinha como objetivos centrais, aumentar o controle ao redor do quartel, avançar em direção ao centro da cidade e cortar o contato da cidade com o exterior completamente. Composta por dois batalhões mecanizados, dois batalhões da TO e policiais militares de elite, a força atacante, em três dias de conflito conseguiu ganhar terreno no centro da cidade, sendo porém refreados pelas minas colocadas no caminho. Um contra-ataque croata em 3 de outubro, porém recuperou grande parte do território conquistado. Quanto ao objetivo de isolar a cidade, o ataque de tropas do JNA às vilas de Marinci e Ceric foi mais efetivo (CIA, 2003, p. 197), “privando a cidade de sua última rota terrestre para seus exterior” (Silber; Little, 1997, p. 176), restando somente uma arriscada trilha por meio de um milharal.

Após esse ataque ocorreu, entre os dias 12 e 13 de outubro, uma das duas únicas tentativas croatas de libertar a cidade de seu cerco. Partindo de Vinkovci — cidade a sudoeste de Vukovar que representava seu último contato com o exterior —, com dois batalhões de reforço, o ataque se deu após ataques de artilharia e avançou até Marinci — distrito entre Vukovar e Vinkovci —, mesmo tendo contado com relevantes baixas (CIA, 2003, p. 205). De acordo com Anton Tus, no comando da operação, porém, entre a manhã e a tarde do dia 13 de outubro, Tudjman o contactou ordenando que o ataque fosse interrompido para que um comboio dos Médicos Sem Fronteiras pudessem chegar à cidade. Apesar da oposição inicial de Tus, que afirmava que a ação estava sendo bem sucedida, Tudjman reafirmou seu ponto; assim as forças da JNA conseguiram retomar o caminho até Vinkovci no dia 14 de outubro (Tus, 2001, p. 57).

Mesmo não havendo outras fontes que confirme o relato de Tus sobre a operação sendo impedida pela intervenção do presidente croata, o possível ocorrido é verossímil e levanta duas características centrais da ação de Tudjman durante a primeira fase da guerra: a busca por apoio internacional, que sofreria um baque principalmente por parte da UE caso o comboio humanitário fosse impedido de alguma forma, e ignorar das visões dos líderes militares croatas pelo líder

político, que supostamente desconsiderava a conexão entre a estratégia e o campo político (Horncastle, 2015, p. 751-753). Porém, levando em conta a relevância do apoio internacional tanto para o reconhecimento político da Croácia, como para vista grossa feita na segunda fase da guerra, pode-se avaliar que Tudjman, na realidade, tinha compreensão bastante precisa da guerra, entendendo o papel determinante do nível político.

Em 16 de outubro foi a vez da grupo operacional Norte liderar o ataque à cidade. Partindo de Borovo Selo, forças do JNA e da TO conseguiram avançar até Borovo Naselje em 17 de outubro, porém com uma profundidade de apenas um quilômetro e meio. Ao sul, no dia 26 de outubro foi feito um ataque contra o distrito de Mitnica, no qual as forças do JNA e da TO conseguiram avançar, mas sem grandes ganhos territoriais (CIA, 2003, p. 197-198).

Para o que seria o último ataque do JNA contra Vukovar, no final de outubro, as forças atacantes parecem ter conseguido lidar com as dificuldades táticas com as quais vinham enfrentando. O ataque foi planejado de forma detalhada, identificando objetivos táticos seccionados no tempo, considerando as características do ambiente, sendo realizadas, para isso, preparações de inteligência e reconhecimento.

Também a questão de falta de treinamento no ambiente urbano foi corrigida com a utilização de maior número de formações de infantaria de elite, utilizando infantaria em quantidade suficiente para garantir uma combinação efetiva das armas, com grupos de infantaria e unidades de engenharia tomando a frente em relação aos blindados e à artilharia móvel (CIA, 2003, p. 202). Sebetovsky (2002, p. 36) descreve que as unidades de blindados começaram a atuar de forma diversa da anterior, com os veículos movimentando-se em zigue-zague e destruindo os prédios por onde passavam, assim evitando a possibilidade de defensores escondidos.

A organização geral do ataque contou com três frentes: as forças do Sul atacariam em direção ao quartel, enquanto pelo Danúbio forças cruzariam da sérvia até a região portuária entre o centro de Vukovar e o distrito de Borovo Naselje, e as forças do Norte atacariam Luzac, cortando a cidade em duas entre o centro e o distrito supracitado. O ataque começou entre 30 e 31 de outubro, inicialmente pelo sul e conseguiu avançar, sendo que em 10 de novembro a região central da cidade havia sido tomada e em 16 de janeiro Borovo Naselje também caíra, acabando então até mesmo com a trilha pelo milharal, última possibilidade de evacuação da cidade (CIA, 2003, p. 203-204; Silber; Little, 1997, p. 178-179).

A derradeira tentativa de liberar a cidade por forças do ZNG e do MUP croatas se deu em 12 de novembro, assim sendo, durante a ofensiva do JNA que tomaria Vukovar. Tus (2001, p. 60) aponta que a operação tinha como principal linha de ação a rota Nustar-Marinci, a oeste da cidade, contando com suporte de fogo a partir de Vinkovci. A capacidade blindada do JNA, porém, manteve a ofensiva incapaz de recriar a conexão com Vukovar, e entre 14 e 17 de novembro foi realizada uma ação para a fuga da cidade. Mesmo com alguns soldados resistindo até 20 de novembro (Živić e Degmečić, 2016, p. 185), as forças do ZNG e do MUP croatas renderam-se no dia 18 de novembro de 1991, finalizando assim a Batalha de Vukovar.

O saldo da batalha, porém, não foi positivo para as forças vitoriosas: entre 5.000 (valor mais baixo de fontes sérvias) e 14.500 (valor mais alto das fontes croatas) homens das forças do JNA e dos paramilitares foram mortos, com mais de uma centena de baixas de oficiais. O saldo material contou com aproximadamente 300 blindados destruídos, dentre eles por volta de 50 tanques M-84²⁵, T-55 e T-34, e 29 aeronaves abatidas (Sebetovsky, 2002, p. 39). Do lado croata a batalha resultou na destruição da 204ª Brigada, criada por Dedakovic ao organizar a defesa da cidade, que teve pelo menos 60% de seu efetivo de 1.800 soldados mortos — o outro terço conseguiu fugir da cidade enquanto ela era tomada. No total, contando as forças do ZNG e do MUP, dos 2.000-2.350 que defendiam a cidade cerca de 1.500 morreram, número próximo ao de 1.131 civis que tiveram sua morte confirmada em Vukovar, aos quais se somam mais de 2.500 que foram declarados desaparecidos (CIA, 2003, p. 204-205).

Parte dessa população desaparecida se deve ao imediato pós-batalha. Mesmo com representantes do JNA tendo acordado com o comando de Vukovar que seria realizada uma evacuação dos civis e hospitalizados que estavam na cidade, com a supervisão de monitores da UE e da Cruz Vermelha Internacional, na manhã de 19 de novembro, as forças do JNA entraram no complexo hospitalar de Vukovar, sem supervisão estrangeira, e iniciaram a evacuação. Sendo dada a opção de serem levados para a Sérvia ou para a Croácia, aqueles que escolhiam a primeira opção foram liberados ou receberam transporte para fora da cidade, já os que escolheram a segunda foram levados a Voivodina, de onde foram entregues às autoridades croatas. Parte desse grupo, porém, não foi levada para onde havia sido acordado; esses, em grande parte, foram parte do massacre de Ovčara (Silber; Little, 1997, p. 21, 179-180).

²⁵ Mesmo que nota 23.

Descoberta em 1996 na fazenda de Ovcara nos arredores de Vukovar, a grande vala comum continua os restos mortais de por volta de 200 pessoas, tanto militares quanto civis e membros da equipe do hospital da cidade. A execução dessas pessoas foi realizada por forças iugoslavas do JNA e sérvias paramilitares, e foi julgada pelo TPII que condenou dois indivíduos (Mile Mrksic e Veselin Sljivancanin), absolveu dois (Miroslav Radic and Vojislav Seselj), enquanto três outros acusados morreram antes de receberem a sentença (Slobodan Milosevic, Slavko Dokmanovic and Goran Hadzic) (Mechanism, [20??]).

Para além do custo material e humano, de soldados e civis, que marcaram a Batalha de Vukovar, a intensidade dos ataques de artilharia e dos avanços de forças blindadas fazem com que outra vítima seja destacada: a própria cidade. Com 90% do estoque habitacional da cidade destruída, Živić e Degmečić (2016, p. 185) trazem à baila o conceito de “urbicídio” para abordar a deliberada destruição da cidade e de sua configuração demográfica, tanto a partir da destruição material descrita, como também pela destruição de elementos imateriais da cultura e herança da cidade e de suas populações.

Destarte, a Batalha de Vukovar findou-se com um vencedor: as forças sérvias e iugoslavas que tomaram a cidade. Ainda assim, a tomada da cidade ocorreu somente com o consumo de grande quantidade de tempo — a operação planejada para durar por volta de um dia durou meses —, de recursos físicos (com grande número de baixas e de perda de material bélico) e de recursos morais (com a queda das expectativas dos comandantes e do empenho das forças). É apenas com essa compreensão completa do resultado da batalha para além da percepção binária de vitória e derrota que pode ser acessada a forma como a Vukovar figurou no cenário mais amplo da Guerra da Croácia, desde características do nível tático até objetivos políticos, como será abordado na seção seguinte.

4.4 AVALIAÇÃO: O COMBATE URBANO, A VITÓRIA PÍRRICA E OS OBJETIVOS DA GUERRA

Tendo descrito os objetivos ligados à batalha de Vukovar — seus fins — e a forma como as forças foram empregadas pelo lado agressor e pelo lado defensor de modo a atingi-los — os meios —, faz-se necessário agora avaliar a batalha no que tange o seu impacto na guerra. Isso será feito a partir de uma divisão baseada nas categorias analíticas de Clausewitz dos níveis da

guerra, iniciando pela compreensão das características táticas que delinearam a forma que o combate ocorreu, para então compreender como a batalha pôde ser manipulada no nível da estratégia, para, por fim, apresentar como o nível político contou com mudanças nos objetivos das forças beligerantes. Dessa forma, buscar-se-á apresentar a forma como os níveis da guerra interagem não só do mais amplo para o mais diminuto mas também no caminho contrário, de forma a responder a pergunta central desta pesquisa.

4.4.1 O nível tático: combate urbano

O nível tático é aquele mais próximo do combate, da empiria da guerra, no qual são tomadas decisões sobre o emprego das forças no campo de batalha, sobre o momento e a forma que o combate será travado dentro, obviamente, do ambiente em que ele ocorrerá. No caso de Vukovar, o ambiente urbano em que a batalha ocorreu destaca-se como uma interveniente sobre a forma que o combate foi travado entre as forças croatas e sérvio-iugoslavas, tornando relevante abordar seis elementos afetados e/ou determinados pelo ambiente urbano e que levaram a batalha a ter o resultado que teve: comando e controle, a técnica das operações, armas combinadas, moral e disciplina, treinamento e logística.

A abordagem desses elementos destaca a dinâmica da superioridade da defesa como forma de combate sendo realçada pelo ambiente em questão, como já destacado anteriormente (Dimarco, 2012, p. 18). Como Ferreira (2012, p.13) descreve, o cenário de Vukovar — repetido em outras batalhas das guerras de dissolução da Iugoslávia e nas campanhas americanas no Iraque e no Afeganistão — continha em si a complexidade múltipla das cidades, tanto física, quanto humana e informacional, o que é característico de um ambiente urbano. Dessa forma, elementos essenciais de qualquer combate tornam-se ainda mais intrincados em seu tratamento.

A estrutura de comando e controle na Batalha de Vukovar foi um elemento importante para compreender o seu desenvolvimento. Como descrito anteriormente, ao ser nomeado para comandar o ataque sobre Vukovar pelo comando do JNA, Panic encontrou as forças as quais comandaria em um estado de caos, com soldados até mesmo sem saber quem eram seus comandantes (Silber; Little, 1997, p. 177). Porém, mesmo com maior organização partindo do comandante das forças atacantes, Sebetovsky (2002, p. 32) identifica a existência de um problema na falta de liderança de pequenas unidades, que seria um requerimento do terreno em

que as forças estavam alocadas e da atuação de seus adversários que aproveitavam tal terreno. As forças de defesa croata, por sua vez, eram menores e assim não tinham a mesma complexidade para lidar com seu pessoal, e contavam com uma organização dividida por vezes em pequenas unidades que atuavam de forma autônoma (Sebetovsky, 2002, p. 34-35). Assim, os croatas conseguiam agir de forma mais efetiva no terreno complexo da cidade, sem ter tantos problemas ligados à linha de comando.

Essa atuação croata era parte constituinte de suas positivas de suas técnicas de operações conduzidas em uma espécie de

defesa em profundidade modificada, utilizando a terra de ninguém repleta de destroços e minas entre as forças federais e croatas como uma “zona de batalha” para desgastar uma unidade do JNA. Se os defensores croatas não conseguissem parar o JNA nesta área avançada, poderiam esperar que, quando chegassem aos principais pontos fortes, os atacantes estivessem demasiado fracos para penetrar na linha principal de defesa, ou que um contra-ataque de flanco que os empurrasse para fora da “zona de batalha”. (CIA, 2003, p. 193).

Para além disso, os defensores croatas criavam uma espécie de “fortaleza” utilizando os aglomerados de prédios, que tanto possibilitam melhor defesa como também ponto de partida para seus contra ataques. Esses tornavam-se eficientes na medida em que as formações sérvias avançavam sem a devida defesa de infantaria à frente das unidades blindadas, possibilitando a separação das unidades atacantes a partir de iscas (CIA, 2003, p. 193-194).

É nesse sentido que pode-se notar a como as forças sérvias e iugoslavas realizaram operações — exceto a final — no sentido oposto à conduta esperada no ambiente urbano, colocando unidade mecanizadas e blindadas expostas ao fogo croata sendo seguidas por pequenas forças de infantaria que não conseguiam lidar com a defesa ativa inimiga, a qual utilizava-se também da não-ação dos atacantes em relação à limpeza e ocupação dos territórios pelos quais eram feitos avanço — e nesse caso até mesmo dos prédios — para realizar contra ataques pelos flancos (CIA, 2003, p. 201-202).

Não só o baixo emprego de infantaria nas incursões pela cidade fazia a grande força de veículos de guerra iugoslavos ser inefetiva, como também a utilização de armas combinadas não fora realizada a contento. Horncastle (2015, p. 757-758) cita Zivota Panic explicando que o JNA tomou a decisão de não lutar de casa em casa em Vukovar, mas de tomá-la com armamento pesado (*heavy weapons*). Essa perspectiva se mostrou equivocada, por não considerar a

relevância da infantaria na tomada do território ocupado e por aplicar a força da artilharia e das unidades blindadas de forma desmedida, levando à destruição do terreno, dificultando o avanço e causando impacto na percepção política do conflito. Para além disso, mesmo sendo clara a relevância do emprego da artilharia para a tomada da cidade, o suporte oferecido por essa arma não tinha a precisão necessária (CIA, 2003, p. 201). Quanto às forças blindadas e mecanizadas, nota-se que o seu emprego massivo na cidade não foi o ponto que tornou-as inefetivas, sendo que o último ataque à cidade, vitorioso, contou com sua presença; o que problema esteve ligado à forma que essas forças foram inicialmente empregadas, sem o devido apoio predecessor da infantaria. Nesse sentido, as forças iugoslavas não levaram em conta as considerações que advém, ao menos, desde os tempos de Clausewitz, sobre a maior efetividade do combate cerrado em conluio com o combate à distância. O foco dado por Panic em tomar a cidade com armas pesadas mostrou-se falho na medida em que não empregava forças de infantaria suficientes para realizar o combate cerrado, o que é o mais penoso a ser decisivo (Garard, 2021).

A baixa utilização de forças desmontadas dentro da cidade foi complementada pelos problemas com os quais comandantes do JNA passaram ligados à moral e disciplina dessas forças. Sendo um desafio comum em todo o contexto das guerras da dissolução da Iugoslávia, a baixa moral das tropas iugoslavas, cada vez mais sérvias, era baixa também na croácia e, como Horncastle (2015, p. 759) aponta, o empenho no combate era ainda mais baixo na Croácia do que havia sido na Eslovênia. A baixa identificação das tropas com os objetivos pouco claros da guerra na qual estavam morrendo foi sentida também em Vukovar, na qual o ambiente complexo humanamente faz os custos morais do combate se tornarem mais elevados (Ferreira, 2012, p. 74), sendo que um soldado empregado no cerco à cidade “tomou um tanque no fronte e dirigiu-o até o Parlamento Federal” (Silber; Little, 1997, p. 177, tradução própria)²⁶.

Sendo os problemas de empenho no conflito mais proeminentes em outras etnias, o JNA começou a contar mais com o emprego de forças somente sérvias, sendo cada vez mais importantes as unidades irregulares, como os ultra-nacionalistas — chetniks à sua maneira — do SDG que foram empregados em Vukovar. Tendo menos problemas em estabelecer o combate cerrado com as forças croatas, contando com treinamento derivado da política de TND, sendo ideologicamente alinhados ao conflito com outros grupos étnicos e tendo liderança interna forte, esses grupos não eram apenas gangues nacionalistas paralelas à mobilização militar, na verdade

²⁶ No original: Another took a tank from the front and drove it all the way to the Federal Parliament.

tornaram-se soldados eficientes. Porém, permanecia com esses grupos o problema da disciplina externa a eles, sendo que o JNA tinha dificuldade de controlá-los, o que ficou claro com os relatos de agressão a civis por parte dessas unidades irregulares (Horncastle, 2015, p. 756-757; CIA, 2003, p. 199-201).

O treinamento derivado da política de TND iugoslava, que tornava os voluntários sérvios soldados possíveis, era ligado a uma doutrina altamente mecanizada, que enfatizava formações de blindados e emprego de artilharia em detrimento do emprego da infantaria, o que se mostrou uma perspectiva errada para o ambiente urbano no qual as forças combinadas se fazem ainda mais necessárias (Horncastle, 2015, p. 757). Durante o conflito, as forças reservistas do JNA contavam com de quatro a cinco dias de treinamento, o que mostrou-se ineficiente, com as tropas tendo até mesmo dificuldade de manusear seus armamentos. Mas considerando o por vezes nulo treinamento das forças croatas em Vukovar, pode-se inferir que o principal problema com o treinamento do lado atacante era sua falta de foco nas dinâmicas características do meio urbano. Isso fazia-se sentir no nível dos oficiais, que tinham um conhecimento no máximo teórico do cenário, planejando operações inefetivas, e no nível dos soldados, que não conseguiam avançar em meio aos escombros, minas e armadilhas (Cigar, 1993, p. 321-322; Sebetovsky, 2002, p. 32).

Um último elemento que se fez sentir de ambos os lados do conflito pela cidade de Vukovar foram as dificuldades de logística. No caso croata, obviamente a perspectiva de um cerco leva a um cenário extremo de incapacidade de comunicação com o exterior, tornando a cidade exógena à logística do resto da guerra, e tendo que contar com uma dinâmica própria para estender o tempo até o fim dos recursos. No caso do lado atacante, a logística também se mostrou um fator problemático, sendo que as linhas estendidas que traziam os recursos para o fronte eram atacadas por pequenas unidades croatas que partiam as colunas, levando ao desagrado por parte das tropas (Sebetovsky, 2002, p. 49).

O último elemento descrito acima conecta-se, por ser homônimo, com a categoria analítica derivada de mas não discriminada por Clausewitz e proposta por Proença e Duarte (2005), que tem valor para a presente análise. A logística enquanto categoria analítica, porém é mais ampla que o elemento citado acima, sendo que aborda e de certa forma conecta todos os seis elementos entre si e com os outros níveis da guerra, na medida em que as forças sérvias e iugoslavas não poderiam ser tomadas como dadas para além da simples mas relevante quantidade de tropas, sem considerar-se questões relacionadas à sua manutenção — pensando na logística e

na moral —, e principalmente à sua formação — pensando no treinamento devido ao ambiente urbano.

Dessa forma, os seis elementos descritos acima, que dentro do cenário da batalha, influenciaram seu decorrer e seu resultado, são fatores necessários para pensar as possibilidades de utilização, por parte das forças agressoras, da vitória tática na busca pelo sucesso estratégico. Nesse sentido, apesar de tratar-se de uma vitória das forças atacantes, que por fim tomaram a cidade, estes o fizeram em muito mais tempo do que fora planejado inicialmente, desgastando força física (humana e material) e força moral, em uma batalha que não necessariamente converteria-se em um resultado estratégico bem-sucedido. A avaliação do nível estratégico em seu papel de conector da tática com a política será feito na seção seguinte.

4.4.2 O nível estratégico: vitória pírrica

O nível estratégico da guerra é aquele no qual os comandantes das forças atacantes e defensoras buscam estruturar a ordem da guerra de modo a tornar, a partir dos combates no nível tático, os resultados políticos possível, assim tomando decisões quanto a que batalhas travar e quanta força empregar em cada batalha. Nesse sentido, nesta seção busca-se apresentar como a dispendiosa vitória tática do JNA e dos sérvios pôde não levar ao sucesso nos objetivos políticos desse lado do conflito, considerando para isso: o papel estratégico de um cerco a Vukovar, o tempo ganho pelas forças croatas e novo cálculo de expectativas servo-iugoslavas. Também será trazido à baila o desempenho de ambas as forças no período posterior a batalha, para levantar por fim o conceito culminante do ataque.

De início, faz-se importante apontar que o papel estratégico de um cerco Vukovar, considerando os objetivos das forças atacantes com a tomada de Vukovar — que seria um ponto inicial para o avanço através das Eslavônia para cortar a Croácia — pode ser questionado. O “desnecessário cerco à Vukovar” (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 256) contando com total foco na ofensiva iugoslava na região é apontado como um erro central dos atacantes, que poderiam apenas cercado a cidade e continuado a avançar no eixo Vinkovci-Osijek (Sebetovsky, 2002, p. 27). O Chefe do Estado-Maior croata, General Anton Tus, conforme Tanner (2001, p. 266) aponta que este deslize na lógica militar se daria pelo valor político dado à cidade pelas forças sérvias. Novamente, como apontado na seção de análise dos fins da batalha, faz-se a ressalva de

que Vukovar tinha alguma relevância estratégica para o avanço do JNA na medida em que conectava a fronteira com outras cidades importantes na Eslavônia Oriental. No que tange a empregar um cerco, e não desistir da cidade até que ela caísse, mesmo considerando que a força empregada pelo JNA foi desproporcional, não se pode esquecer que avançar com um foco de resistência na retaguarda poderia ser um problema para o JNA se tivesse deixado Vukovar para trás.

A defesa croata, por sua vez, com pouco pessoal e poucos recursos, impediu o avanço da ofensiva iugoslava, configurando um precioso tempo ganho com um relativo baixo empreendimento em uma perspectiva pragmática. O desenvolvimento do HV, a partir da ZNG, em um exército estruturado ocorreu de forma simultânea à Batalha de Vukovar, no quadrimestre final do ano de 1991. O tempo ganho pela Batalha de Vukovar possibilitou não só que as forças armadas da recém independente Croácia se organizassem, mas também que se armassem, considerando as tomadas dos quartéis iugoslavos, que foram a base para o armamento e municiação forças de defesa da Croácia (Silber; Little, 1997, p. 187-188). Assim, o saldo de uma batalha perdida foi positivo estrategicamente para a resistência croata na medida em que conseguiu fortalecer-se.

O difícil cenário enfrentado em Vukovar também fez com que as forças iugoslavas tivessem que recalcular suas expectativas com relação ao ataque às cidades croatas, diminuindo-as — o que até mesmo contou com reflexos nos objetivos políticos da guerra descritos adiante. Cigar (1997, p. 35, tradução própria) apresenta que a “equipe do JNA, por exemplo, avaliou os prospectos de atacar Gospic, outra cidade na Croácia, nos termos de ‘uma segunda Vukovar’”²⁷. Essa perspectiva mostra como a dificuldade da batalha afetou a moral das forças atacantes e logo suas perspectivas estratégicas de avanço.

Em paralelo à consideração dessas resultantes da Batalha de Vukovar que incidiram sobre as ponderações estratégicas de ambos os lados na Guerra da Croácia, é importante voltar-se para a empiria dos campos de batalha. Só assim pode-se compreender como o período que seguiu a queda de Vukovar se desenrolou para as forças atacantes e defensoras.

Após a queda de Vukovar, já no dia 20 de novembro as forças do JNA e dos paramilitares sérvias avançaram em direção da cidade de Osijek, terceira maior da Croácia e capital da Eslavônia Oriental, para partir a linha de defesa croata entre essa cidade e Vinkovci, para então

²⁷ No original: JNA personnel, for example, evaluated the prospects of attacking another city in Croatia, Gospic, in terms of 'a second Vukovar'.

avançar o plano de marchar até Zagreb como o próprio General Panic aponta, segundo relatório (CIA, 2003, p. 208). Esse avanço conforme o planejado, porém, estava atrasado em dois meses ao menos devido à demora do JNA em tomar Vukovar e isso, como apontado anteriormente possibilitou que as forças croatas tivessem se reorganizado e se rearmado.

Se na quase deserta Osijek as tropas atacantes conseguiram ter sucesso, assim posicionando-se bem para a tomada da Eslavônia Oriental, na Eslavônia Ocidental as forças croatas empregaram uma bem sucedida contra ofensiva, que contiveram as forças do JNA e sérvias, recapturando grande parte da região e assim diminuindo o ímpeto principalmente das forças sérvias (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 259; CIA, 2002, p. 102). Como Marijan (2001, p. 122) aponta, a perspectiva de completa virada de maré militar pode ser exagerada, sendo que mesmo com prevalência na Eslavônia Ocidental, os *fronts* da Eslovênia Oriental e da Krajina não eram positivos para os croatas, que não tinha armamento suficiente para expulsar o JNA de seu território. Ainda assim, foi após Vukovar que a Croácia contou com seu primeiro momento de resistência e avanço sobre as forças atacantes, o que de fato marcou uma mudança no padrão da guerra.

O embate estratégico entre as forças de Panic e dos croatas na busca iugoslava de cortar a Croácia e impedir a sua independência, porém, não pode ser analisado na figura de alguma grande campanha ofensiva final, pois antes disso as forças atacantes abdicaram desse objetivo. Panic, citado nos trabalhos de Silber e Little (1997, p. 186-187) e de Tanner (2001, p. 282) afirmava que suas forças conseguiriam avançar através das eslavônias para alcançar a capital, mas que foi comandado por Milosevic, na presidência iugoslava, a parar o avanço onde estavam. O Chefe do Estado Maior do Exército Iugoslavo à época, General Blagoje Adzic que havia dado ordens a Panic para seguir, assistiu à dissolução da Iugoslávia do JNA a partir dos objetivos internos, cada vez mais sérvios na medida em que:

Milosevic tinha chegado ao fim de sua paciência com o JNA e agora forçava o alto comando a mandar o General Panic a parar. A Iugoslávia do JNA estava morta e o presidente sérvio não iria permitir que o exército intensificasse a guerra por questões que considerava invencíveis (CIA, 2002, p. 101-102, tradução própria)²⁸

²⁸ No original: Milosevic had come to the end of his patience with the JNA, and now he forced the high command to call off General Panic. The Yugoslavia of the JNA was dead, and the Serbian President was not going to let the army escalate the war for stakes he considered unwinnable.

Hoffmann (1999, p. 9, tradução própria) escreve que em Vukovar o “JNA perdera o ‘vento em suas velas’ ao ter falhado em reunir seu poder de combate esmagador contra uma força muito inferior”²⁹. Em outro trabalho, lê-se:

Quando Vukovar caiu, em meados de novembro, o calendário para a ofensiva estratégica do JNA tinha sido totalmente deslocado, através da ruptura completa daquilo que o General Kadijevic chamou a sua "principal força de manobra". A firme defesa croata de Vukovar assegurou que o plano ofensivo estratégico intrinsecamente concebido do JNA estivesse morto no momento em que os tanques do JNA partiram para libertar o seu quartel em Vukovar, em 14 de Setembro (CIA, 2003, p. 207; tradução própria)³⁰.

É Norman Cigar que utiliza um conceito presente no tratado de Clausewitz para descrever o momento no qual as forças atacantes se encontravam após a queda de Vukovar, no fim do ano de 1991: “[...] a situação geral no campo de batalha indicava fortemente que o JNA/Sérvia tinha atingido o seu ponto culminante [...]” (Cigar, 1997, p. 36, tradução própria)³¹. O conceito de ponto culminante, como discorrido no capítulo primeiro deste trabalho, diz respeito ao momento durante uma guerra no qual o lado atacante, tendo perdido força moral e física com suas vitórias perde a superioridade necessária para continuar avançando e tem como melhor opção negociar a paz a partir dos sucessos até então obtidos. No caso de Vukovar, os custos dos atacantes foram maiores que os custos dos croatas para defender uma pequena cidade pouco guarnecida. As baixas sérvio-iugoslavas podem ter sido até dez vezes maiores que as croatas, as instalações fixas de Vukovar não eram de grande valor, como também não era o terreno, a coesão interna não foi perdida, e os aliados dos defensores aumentaram seu papel na guerra após a batalha³². Dessa forma, mostra-se como a Croácia esteve favorecida em sua posição de defesa em relação ao JNA.

Assim sendo — e levando em consideração o apresentado sobre o papel estratégico do cerco a Vukovar, o tempo decorrido em favor das forças defensoras, o recalculas das expectativas

²⁹ No original: The JNA had lost "the wind in its sails" when it failed to mass its overwhelming combat power against a far inferior force.

³⁰ No original: By the time Vukovar fell in mid-November, the timetable for the JNA's strategic offensive had been utterly dislocated, through the complete disruption of what General Kadijevic called his "main maneuvering force." The staunch Croatian defense of Vukovar ensured that the JNA's intricately contrived strategic offensive plan was dead in the water the moment JNA tanks set off to relieve their Vukovar barracks on 14 September.

³¹ No original: After the fall of Vukovar, and certainly by the end of 1991, the overall situation on the battlefield indicated strongly that the JNA/Serbia had reached their culminating point, that is that point in time and space when the belligerent on the offensive, using the means he has devoted up to then, has reached his apogee and begins to lose momentum to the opponent.

³² Estes últimos dois elementos que favoreceram a defesa croata em relação ao ataque sérvio-iugoslavo serão melhores tratadas na secção seguinte ao considerar fatores políticos como a coesão interna à Croácia e o envolvimento estrangeiro na guerra.

servo-iugoslavas, e a empiria dos avanços limitados iugoslavos após a Batalha de Vukovar — considera-se que a batalha representa correlação no tempo e na lógica da Guerra da Croácia com o ponto culminante do ataque do JNA. Isso conta com impacto na abertura de ambos os lados para a negociação de um cessar-fogo, como será abordado na seção seguinte.

4.4.3 O nível político: objetivos da guerra

É somente no nível político de análise que uma guerra é de fato finalizada. Em se tratando de uma guerra com objetivos políticos por vezes disfarçados e mutantes — como descreveu-se no capítulo anterior — as decisões sobre a resolução ou não resolução do conflito armado tornam-se ainda mais complexas na medida em que devem considerar as inferências dos níveis tático, estratégico e político em relação com uma pluralidade de possíveis fins. Enquanto o lado croata buscava tanto consolidar sua independência como também preservar a sua integridade territorial, o lado sérvio-iugoslava buscava desde a não independência croata até a garantia de regiões de maioria sérvia no país em formação. A obtenção e a mudança desses objetivos aos final da primeira fase da Guerra da Croácia, bem como sua correlação com os níveis tático e estratégico, a partir do papel central de Vukovar, serão abordados nesta seção.

Apesar de a guerra na Croácia ter contado com diversos cessar-fogo, aquele que marcou o fim de sua primeira fase foi construído em grande medida no fim do ano de 1991 para ser assinado no início de 1992 pelas partes. Após mais de uma dezena de acordos não efetivos, em 23 de novembro de 1991, o estadunidense Cyrus Vance, enquanto enviado pessoal do Secretário-Geral da ONU para a Iugoslávia, conseguiu fazer com que Milosevic, Tudjman e Lord Carrington — Presidente da Conferência da Comunidade Europeia sobre a Iugoslávia — acordassem a necessidade de um imediato cessar-fogo e de uma missão de manutenção de paz na Croácia (Trbović, 2008, p. 299). A discordância entre Tudjman e Milosevic sobre onde as tropas da ONU deveriam ser posicionadas, se na fronteira sérvia como queria aquele ou se nas linhas dos *fronts* como estavam como queria este, porém, fez com que a assinatura de um acordo fosse atrasada, ficando Vance responsável pela resolução da questão (Severo, 2011, p. 128-131). O cessar-fogo foi assinado então, por um representante croata e um iugoslavo na cidade bósnia de Sarajevo, de forma a entrar em vigor no dia 03 de fevereiro de 1992 (Sudetic, 1992).

O Plano Vance, como ficou conhecido o acordo, determinava: a completa remoção de tropas do JNA e de forças militares sérvias da Croácia; a criação de três UNPA, uma na Eslavônia Oriental, uma na Eslavônia Ocidental e uma na Krajina, nas quais não poderiam ficar forças armadas a não ser as 10.000 tropas da ONU; a liberação por parte da Croácia dos quartéis e instalações do JNA; e o estabelecimento de um embargo de armas (Severo, 2011, p. 131; Tanner, 2001, p. 279-280).

A Croácia, com isso, dava mais um passo em direção à sua admissão às Nações Unidas, que ocorreria em 22 de maio de 1992, tendo sua independência tacitamente reconhecida no plano que se desenvolveu no âmbito do Conselho de Segurança; ainda assim, a indefinição do futuro da soberania sobre os territórios croatas ocupados e com a administração monitorada pela Força de Proteção da ONU (UNPROFOR), que representavam quase um terço do território era um desafio para o país, que não saia do conflito com sua integridade territorial garantida e ainda liberava os equipamentos e armamentos iugoslavos tomados nos quartéis (Severo, 2011, p. 131; Tanner, 2001, p. 279-280). A Iugoslávia e as forças sérvias, por sua vez, perdiam a oportunidade de atingir o objetivo de impedir a formação independente da Croácia, como também limitavam os territórios os quais haviam tomado não avançando sobre todas as partes do país com população sérvia a ser englobada em uma “Grande Sérvia”.

A decisão do lado atacante de entrar em negociações e, por fim, aceitar as determinações do Plano Vance, era baseada em dois cálculos principais. O primeiro dizia respeito à situação estratégica na guerra. Como afirma Tanner (2001, p. 280) as forças sérvias tinham tomado tanto território quanto poderiam controlar, chegava-se ao momento do ponto culminante do ataque contra a Croácia, e, enquanto cada vez mais o JNA tornava-se um agente dependente do financiamento e mobilização sérvias somente, os objetivos de manter a Iugoslávia unida — mesmo que sem a Eslovênia — ruíram. Com Milosevic na presidência iugoslava, vozes como a do General Adzic do JNA que buscava a manutenção da Iugoslávia à força perderam espaço (Silber; Little, 1997, p. 187) na medida em que o “JNA finalmente havia abrido mão da Iugoslávia” (CIA, 2003, p. 208, tradução própria)³³.

O segundo cálculo, era ligado à uma questão política exógena à Guerra da Croácia, mesmo que não desconectada: a Guerra da Bósnia. Antes mesmo de o Presidente bósnio Alija Izetbegovic ter realizado um referendo em dezembro de 1991 determinando a independência da

³³ No original: The JNA had finally given up on Yugoslavia.

Bósnia em relação à Iugoslávia, em novembro de 1991 o SDS no país já havia realizado um plebiscito entre a população sérvia-bósnia que se mostrou a favor da independência para as regiões autônomas sérvias no país. Nesse ínterim, enquanto Milosevic e o líder bósnio-sérvio Radovan Karadzic, já mantinham contato constante, os militares sérvios informavam destacar força para os embates na Bósnia enquanto o conflito na Croácia se mantivesse (Tanner, 2001, p. 280; Cigar, 1997, p.42- 43). Dessa forma, as forças atacantes viam-se em um momento em que já haviam obtido o máximo de avanço que poderiam em território croata, enquanto viam possibilidade de intervir no conflito bósnio caso desvinculassem-se do primeiro.

Do lado croata, a decisão de parar a guerra parecia prematura para os comandantes militares que, no final de 1991 e no início de 1992, diziam ver-se em uma situação positiva no campo de batalha, experienciando uma mudança na superioridade de forças como viu-se na Eslavônia Ocidental. Cigar (1997, p. 45) coloca parte da explicação em uma desconexão entre a parte militar da guerra e sua parte política, devido a características pessoais do Presidente Tudjman, que para além de admitidamente não confiar de forma plena nos oficiais croatas que haviam sido parte do JNA, também considerava-se mais capaz que seus assessores militares em entender o conflito que lutava, devido a sua experiência na Segunda Guerra Mundial.

Porém, antes de considerar a decisão croata como um erro político causado pela personalidade do presidente, é importante considerar que o conflito armado não teve seu fim último no cessar-fogo do Plano Vance, sendo possível considerar que Tudjman já tinha em mente futuros confrontos. Não só isso, como Marijan (2001, p. 122) aponta, a perspectiva de completa virada de maré militar em favor da Croácia tem de ser considerada com cuidado, na medida em que é carregada com objetivos dos militares que estavam ligados ao conflito, não sendo possível determinar que a Croácia teria capacidade de eliminar as forças iugoslavas de seu território. O conflito que se desenvolvia na Bósnia também tem de ser levado em consideração na tomada de decisão de Tudjman, sendo que este tinha interesses territoriais na república vizinha, na qual bósnio-croatas já atuavam e sobre a qual ele havia debatido com o próprio Milosevic (Cigar, 1997, p. 45-53). Não só isso, no momento do cessar-fogo não havia uma perspectiva de finalização total da guerra por parte da Croácia, que beneficiaria-se de sua independência para conseguir armamentos no exterior para tomar o território ainda ocupado pela RSK na segunda fase da guerra (Marijan, 2001, p. 122)

Por fim, os últimos agentes a serem considerados no tocante às negociações de paz da primeira fase da Guerra da Croácia, são os entes internacionais como países e a própria ONU. Enquanto Vukovar resistia, a cidade foi um símbolo de resistência e liberdade para a Croácia, despertando a paixão da população croata (Tanner, 2001, p. 265; Živić e Degmečić, 2016, p. 189). Quando caiu, porém, causou tensões na coesão interna do comando militar, com Dedakovic acusando o governo de Zagreb de abrir mão da cidade, e desespero crescendo na população. O que Tudjman afirmou ao povo croata, uma semana após a queda de Vukovar, foi que eles haviam sido bem sucedidos, mesmo não tendo vencido a batalha, em internacionalizar o conflito, atingindo sucesso nas negociações diplomáticas. “A afirmação de Tudjman de ter internacionalizado o conflito era justificada” (Silber; Little, 1997, p. 188) na medida em que de fato, o cessar-fogo da primeira fase da guerra se deu no plano do Conselho de Segurança da ONU, no qual os líderes do lado atacante aceitaram negociar, num processo que no futuro próximo mostrou-se bastante favorável.

O reconhecimento internacional da independência do país também contou com a ação de outros países, sendo o mais destacado — como apresentado anteriormente — a Alemanha, que estimulou a União Europeia a reconhecer a independência das duas primeiras repúblicas a se descolarem da Iugoslávia. Nesse sentido, Vukovar foi um ponto central na opinião pública internacional, sendo que as imagens da cidade destruída e dos habitantes tendo de sair dela, somadas às imagens que vinham de Dubrovnik, mudaram a visão do em outros países cada vez mais em favor da Croácia. Em específico, como Tanner (2001, p. 272) e Vizentini (1999a, p. 127) apontam, a violência em Vukovar foi um ponto decisivo na movimentação da Alemanha, a partir da figura de seu Ministro de Relações Exteriores, Hans-Dietrich Genscher, que ficou impactado com a violência perpetrada na cidade.

Em resumo, no nível político, no qual a primeira fase da Guerra da Croácia teve seu fim, as tomadas de decisão croata e servo-iugoslava se deram em parte informadas pelo nível estratégico e em parte por considerações estritamente políticas, ligadas à diplomacia. Ambos os níveis superiores da análise da guerra, porém, só podem ser completamente compreendidos considerando a forma como foram informados pelo nível tático — em específico, pela Batalha de Vukovar. As características táticas da batalha descritas anteriormente fizeram com que ela atrasasse as forças da JNA em seu ataque, com que ela tivesse de desprender forças físicas e morais excessivas, possibilitando a reestruturação das forças croatas e levando a uma

reconsideração das expectativas iugoslavas quanto a facilidade das batalhas vindouras, levando as forças atacantes a chegarem ao ponto culminante, a partir do qual os custos dos ganhos possíveis no campo de batalha tornaram-se altos demais e a perspectiva de negociações de paz fez-se mais apazível. De outra perspectiva, nota-se que até mesmo o nível político internacional foi afetado, a princípio, diretamente pelo nível tático, na medida em que a devastação da cidade de Vukovar foi base para o aumento do apoio diplomático internacional, no caso alemão ao menos.

O lado croata, que foi derrotado em Vukovar, não recebeu essa derrota tática como uma maior perda no nível estratégico, tendo ganho tempo para organizar e armar suas forças, que foram positivamente empregadas no *front*; ainda assim os defensores não necessariamente contavam com uma superioridade de forças o suficiente para seguir o conflito e tinham no momento apoio político suficiente para garantir em parte seus objetivos. Mesmo tendo conseguido apenas um de seus dois objetivos centrais com a guerra — a independência mas não a integridade territorial — Tudjman não foi impossibilitado de alcançar a completude de seus objetivos na segunda fase da guerra, que finalizada em 1995 com a retomada de grande parte do território dominado pelas forças sérvias e mantido sob monitoração da UNPROFOR, levou, em 1998, após à reintegração pacífica da Eslavônia Oriental, à completa integridade territorial da Croácia agora independente.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como ignitor a identificação de uma lacuna na literatura acadêmica sobre a Guerra da Croácia. A Batalha de Vukovar, mesmo tendo sido perdida pelos croatas, é apontada como um ponto decisivo e positivo para a vitória da Croácia na guerra (Cigar, 1997, p. 35; Marijan, 2002, p. 401; Hoffman, 1999, p. 8; Živić; Degmečić, 2016, p. 184-189). Dessa forma, para averiguar se a Batalha de Vukovar teve impacto positivo para a Croácia em sua Guerra de Independência, o trabalho buscou conectar aquela a esta através de uma análise crítica, utilizando os níveis da guerra como conectores lógicos do combate à política. Nesta conclusão, propõe-se a revisão do conteúdo de cada capítulo do trabalho, para reforçar o resultado obtido, os ensinamentos percebidos e as possibilidades de avanço futuro.

No capítulo segundo do trabalho, buscou-se apresentar a sua base metodológica e teórica. De início, foi apresentado como a teoria da Guerra de Clausewitz pode ser aplicada a conflitos contemporâneos como os que compuseram a dissolução da Iugoslávia (Smith, 2005, p. 36-38; Ferreira, 2012; Graaff, 2005). Então, foi apresentado um resumo do arcabouço teórico elaborado por Clausewitz, o qual traz ideias essenciais para o trabalho, como a centralidade do combate na análise da guerra e a função instrumental da guerra para a política (Clausewitz, 1976, p. 88). Para além disso, apresentam-se as categorias analíticas dos níveis tático, estratégico e político da guerra, que tratam do manejo de forças para obter vitória no campo de batalha, da utilização das vitórias na busca do objetivo político da guerra e da constituição e consideração dos objetivos da guerra respectivamente (Duarte 2013a, 74-75; Garard, 2016, p.5-6). Também é ressaltado a relevância de considerar a logística como uma categoria analítica, de modo a explicar a constituição das forças para o combate. Por fim, ressalta-se como o combate em cenário urbano é relevante ao longo da história e concentra em si elementos que aumentam a vantagem da defesa em relação ao ataque (DiMarco, 2012, p. 11-18; Sullivan e Elkus).

Na primeira seção do capítulo terceiro, foi apresentado o processo de dissolução da Iugoslávia a partir do enfraquecimento da autoridade política federal e da influência de mudanças sistêmicas (Woodward, 1995, p. 20). Não só isso, como também mostra-se como durante este processo foi possível delinear mudanças no comportamento de potências no SI, com os Estados Unidos posicionando-se como hegemonia internacional cada vez mais autônoma em suas ações, a União Europeia se tornando menos relevante na parceria euro-atlântica e a Rússia sendo mantida

em posição de fraqueza em relação aos EUA, mesmo que agora com uma relação mais combativa (Cepik, 2004, p. 167; Coggins, 2014, p. 136; Hadžić, 2003, p. 59; Thumann, 1997, p. 575-584; Vizentini, 1999a; Vizentini, 1999b)

Na segunda seção do capítulo foi apresentada a Guerra da Croácia. Iniciada a partir da busca por independência croata em relação à Iugoslávia e da busca por autonomia das regiões sérvias em uma possível Croácia independente, essa guerra contou com duas fases. Na primeira, as forças iugoslavas e sérvias avançaram desde meados de 1991 até serem contidas ao fim desse ano, aceitando um acordo no início de 1992 (Severo, 2011, p. 128-131; Tanner, 2001, p. 279-280; Baker, 2015, p. 53). Com esse acordo a Croácia conseguiu sua independência, contando com apoio internacional, e pôde preparar-se para a segunda fase da guerra. A fase final foi caracterizada pelo avanço croata sobre os territórios sob o governo sérvio-croata e o controle da ONU. Para além de não sofrer repreensões internacionais efetivas pelo avanço sobre território protegido pela ONU e pelos crimes cometidos, a Croácia conseguiu garantir a sua integridade territorial ao fim da segunda fase em 1995 — que foi totalmente completa de forma pacífica em 1998. Dessa forma, a jovem república atingiu seus dois objetivos originais: independência e integridade territorial (Bjelajac; Žunec, 2009; Tatalović, 1996; Coggins, 2014)

O quarto capítulo do trabalho abordou a Batalha de Vukovar. A cidade de Vukovar apresentava-se como um ponto inicial no caminho das forças iugoslavas para a supressão da busca independentista croata; para a Croácia, então, era relevante defender a cidade. As forças do JNA iniciaram seu ataque pesado em 24 de agosto, esperando tomar a cidade em dias, o que não foi possível. Somente após três meses de combate e muitas perdas de homens e material, o JNA conseguiu fazer os croatas renderem-se em Vukovar no dia 18 de novembro de 1991 (CIA, 2003; Sebetovsky, 2002).

A demora e a dificuldade tática para tomar a cidade se deu em grande parte pelo seu terreno urbano. No nível tático as forças atacantes sofreram principalmente seis elementos: comando e controle ineficientes e não preparados para o cenário urbano, onde unidades pequenas autônomas seriam mais relevantes que as empregadas pelo JNA (Sebetovsky, 2002, p. 34-35; Silber; Little, 1997); a técnica das operações de ataque era mal adaptada, deixando blindados indefesos ao ataque da defesa ativa croata que utilizava o terreno para esconder-se e criar armadilhas; a utilização de armas combinadas não foi feita de forma coordenada, sendo que a artilharia causava tamanha destruição na cidade de dificultava o avanço dos blindados, os quais

eram acompanhados por pouca infantaria para avançar e tomar o território (CIA, 2003, p. 193-194; Horncastle, 2015, p. 757-758); a moral e a disciplina das forças iugoslavas também era baixa e sofria especialmente com a complexidade de sua atuação no ambiente urbano (Silber; Little, 1997, p. 177); grande parte desses desafios se deram devido ao treinamento não especializado dado às forças atacantes (Cigar, 1993, p. 321-322; Sebetovsky, 2002, p. 32); e por fim a logística iugoslava em Vukovar, como em outras regiões em que a guerra foi travada, era deficiente, tendo suas longas linhas cortadas por ataques pequenos e direcionados (Sebetovsky, 2002, p. 49). A logística enquanto categoria analítica (Proença; Duarte, 2005) de certa forma conecta todos os seis elementos acima citados entre si, na medida em que as forças sérvias e iugoslavas não poderiam ser tomadas como dadas, sem considerar-se questões relacionadas à sua manutenção — pensando na logística e na moral —, e principalmente à sua formação — pensando no treinamento devido ao ambiente urbano.

Esse cenário tático fez com que a batalha fosse mais demorada do que o JNA esperava, mais custosa e assim fizesse com que a facilidade dos combates futuros fosse repensada (Cigar, 1997, p. 35). Assim, no nível estratégico, a batalha representou o ponto culminante do ataque, a partir do qual as forças iugoslavas — atrasadas em seu plano de cruzar a Croácia, enfraquecidas física e moralmente pela batalhas — viam-se de frente com forças croatas agora melhor estruturadas e armadas. Apesar de contar com algum avanço após Vukovar, as forças iugoslavas logo foram paradas pelas forças croatas e ambos os lados aceitaram negociar um cessar-fogo (Bjelajac; Žunec, 2009, p. 259; CIA, 2003; Marijan, 2001).

No nível político, foi firmado um cessar fogo a partir do Plano Vance, que entrou em vigor em fevereiro de 1992, finalizando a primeira fase da guerra. Esse plano marcou o fim do objetivo iugoslavo de evitar a independência da Croácia. Os reconhecimentos internacionais da Croácia, influenciados também pelas imagens da violência em Vukovar, mostraram como no plano internacional a nova república contava com forte apoio, que foi essencial para a sua atuação na segunda fase da guerra, na qual atingiu a plenitude de seus objetivos (Tanner, 2001, p. 272; Vizentini, 1999a, p. 127; Tatalović, 1996; Thumann, 1997).

Dessa forma, fica claro o impacto da Batalha de Vukovar no resultado da Guerra de Independência da Croácia. Mesmo tendo sido perdida pelo lado croata, a forma como o combate foi travado, levou as forças sérvias e iugoslavas a perderem força física e moral e atrasar seu avanço, possibilitando a reestruturação das defesas croatas. Com as forças de um lado

enfraquecidas e de outro fortalecidas, a opção política de cessar-fogo que ocorreu no início de 1992 mostrou-se mais interessante para ambos os lados, garantindo a independência da croata e abrindo espaço para a sua busca de integridade territorial entre 1992 e 1995.

Para além desta conclusão, considera-se que o trabalho trouxe à baila ensinamentos relevantes em três eixos. O primeiro diz respeito à conexão entre eventos regionais e sistêmicos. Iniciando como um dilema interno e crescendo para um contexto regional, as guerras de dissolução da Iugoslávia informaram a dinâmica de poder internacional (Cepik, 2004; Nogueira, 1999; Vizontini, 1999a; Martins, 2004), mostrando a importância de atentar-se aos conflitos e desenvolvimentos regionais para entender o plano internacional. O segundo ensinamento liga-se à busca por entender a guerra enquanto fenômeno central no estudo das relações internacionais. Apesar de seguir a lógica da política, a guerra tem sua própria gramática, que não pode ser compreendida sem pensar a sintaxe do combate. Ao avançar o estudo até o nível tático foi possível acessar como a compreensão aprofundada melhora a compreensão geral do fenômeno da guerra; ainda mais em se tratando de um conflito por vezes apontado como incompreensível como a Guerra da Croácia (Bjelajac; Žunec, 2009). Por fim, o terceiro ensinamento diz respeito à importância da preparação das forças armadas para combates urbanos, muito relevante ao pensar cenários atuais. Por exemplo, a Rússia sofreu com a mesma dificuldade iugoslava em relação ao uso de blindados na Ucrânia, devido ao baixo emprego de infantaria para defendê-los (Ukraine, 2022). Em Gaza, Israel também encontrou a complexidade de combater os que usam a cidade a seu favor — com túneis, por exemplo — e teve de lidar com o impacto político da destruição causada pelo combate na cidade (Kusovac, 2023).

Este trabalho, mesmo completo em si, deixa também caminhos abertos para aprofundamento e avanço dos estudos. Uma primeira possibilidade de avanço seria aprofundar o entendimento dos interesses e ações dos agentes internacionais na Guerra da Croácia. Apesar de apresentada a atuação política alemã no esforço para o reconhecimento internacional da independência croata (Tanner, 2001) e na venda de armamento para o país (Severo, 2011), ainda parece haver espaço para maior compreensão da motivação alemã e da extensão de sua colaboração militar. Outra possibilidade de avanço diz respeito à compreensão da Guerra da Croácia como um todo. Sendo aqui apresentada de forma breve, a guerra como um todo carece de um estudo aprofundado de matriz clausewitziana, que sem dúvidas ajudaria dirimir mais lacunas da literatura. Por fim, uma última possibilidade diz respeito ao combate urbano, que poderia ter

seus padrões de reconhecimento mais bem delimitados na experiência de Vukovar em uma pesquisa que se propusesse a avançar nesse debate tão relevante para a atualidade. Poderia-se buscar tanto características táticas do combate urbano, como sua relação com outros tipos de combate ou ainda sua conexão com o nível político das guerras, por exemplo a partir da cobertura midiática.

Um exemplo dessa conexão a partir da mídia, é do jornalista britânico Michael Nicholson, que cobriu *in loco* a queda de Vukovar. Dentro do abarrotado hospital da cidade, refletindo sobre a memória e o significado da batalha, ele sugeriu que:

[q]uem quer que acabe governando este país, pode muito bem manter esta cidade como está, tal como está hoje, totalmente demolida, totalmente devastada, como um monumento talvez da loucura da tentativa croata de romper com a Federação iugoslava ou um monumento à vingança punitiva do exército sérvio e federal, indignado só de pensar nisso. (Vukovar, 1991, transcrição e tradução própria)³⁴.

Ocupando sua posição profissional como jornalista ou, ainda, apenas impactado com a realidade que encontrou, Nicholson coloca a culpa da devastação da cidade na “loucura” e na “vingança”. Prevalece assim a visão da irracionalidade do conflito, que como visto anteriormente não resiste à avaliação acadêmica. O que este trabalho buscou mostrar foi que um olhar para Batalha de Vukovar revela não só um vislumbre de destruição e sofrimento, mas também permite o avanço da compreensão sobre um fenômeno político recorrente na experiência humana, a guerra.

O estudo das Relações Internacionais, impulsionado pelo interesse de entender a guerra para evitá-la, não pode considerar esse fenômeno de forma desconexa da realidade na qual ele se estrutura. Sendo assim, não cabe àquele que busca entender a guerra deixar seu olhar e sua razão somente no plano político, social ou econômico, devendo voltá-los também para a empiria do combate — mesmo em sua desolação —, pois

[a]ssim como algumas plantas só dão frutos se não crescerem muito, também nas artes práticas as folhas e flores da teoria devem ser podadas e a planta mantida perto do solo adequado - experiência. (Clausewitz, 1976, p. 61, tradução própria)³⁵

³⁴ No original ouve-se: Whoever it is that ends up governing this country, might well keep this town the way it is, just as it is today, totally demolished, totally devastated, as a monument perhaps of the lunacy of the Croatians attempt to break away from the Federation of Yugoslavia or a monument to the serbian and federal army's punitive vengeance outraged to the very thought of it.

³⁵ No original: Just as some plants bear fruit only if they don't shoot up too high, so in the practical arts the leaves and flowers of theory must be pruned and the plant kept close to its proper soil - experience.

REFERÊNCIAS

- ALLCOCK, John B (ed.). The International Criminal Tribunal for the Former Yugoslavia. *In*: INGRAO, Charles W.; EMMERT, Thomas Allan (org.). **Confronting the Yugoslav controversies: a scholars' initiative**. West Lafayette, IN: Purdue University Press, 2009. p. 346-389. (Central European studies).
- ANGSTROM, Jan. Debating the nature of modern war. *In*.: ANGSTROM, Jan; DUYVESTYEN, Isabelle. **Rethinking the Nature of War**. London: Routledge, 2005. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/9781134257508>. Acesso em: 28 ago. 2023. p. 1-27
- BAKER, Catherine. **The Yugoslav Wars of the 1990s**. London: Macmillan Education UK, 2015. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-1-137-39899-4>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- BIEBER, Florian. The Role of the Yugoslav People's Army in the Dissolution of Yugoslavia: The Army without a State? *In*: COHEN, Lenard J.; DRAGOVIĆ-SOSO, Jasna (org.). **State Collapse in South-Eastern Europe: New Perspectives on Yugoslavia's Disintegration**. West Lafayette: Purdue University Press, 2007. p. 301–332. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.2307/j.ctt6wq21x>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- BJELAJAC, Mile; ŽUNEC, Ozren. The War in Croatia, 1991-1995. *In*: INGRAO, Charles W.; EMMERT, Thomas Allan (org.). **Confronting the Yugoslav controversies: a scholars' initiative**. West Lafayette, IN: Purdue University Press, 2009. p 230-271. (Central European studies).
- BULAU, Doris. 1995: Acordo de Dayton encerra Guerra da Bósnia. **Deutsche Welle**, online, 21 nov. 2015. História. Europa. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1995-acordo-de-dayton-encerra-guerra-da-b%C3%B3snia/a-332295>. Acesso em: 24 jan. 2024.
- CALIC, Marie-Janine. Ethnic Cleansing and War Crimes, 1991–1995. *In*: INGRAO, Charles W.; EMMERT, Thomas Allan (org.). **Confronting the Yugoslav controversies: a scholars' initiative**. West Lafayette, IN: Purdue University Press, 2009. p. 346-389. (Central European studies).
- CASTRO, Thales. **Teoria de Relações Internacionais**. Brasília: FUNAG, 2012.
- CEPIK, Marco. Guerra na Iugoslávia. *In*: CEPIK, Marco; MARTINS, José Miguel. **Política Internacional**. Belo Horizonte: Newton Paiva, 2004.
- CIA. Central Intelligence Agency. **Balkan Battlegrounds: A Military History of the Yugoslav Conflict, 1990-1995 Volume I**. Washington: BBC Worldwide Limited, 2002.
- CIA. Central Intelligence Agency. **Balkan Battlegrounds: A Military History of the Yugoslav Conflict, 1990-1995 Volume II**. Washington: BBC Worldwide Limited, 2003.
- CIGAR, Norman. Croatia's war of independence: The parameters of war termination. **The Journal of Slavic Military Studies**, United Kingdom, v. 10, n. 2, p. 34–70, 1997.

CIGAR, Norman. The Serbo-Croatian war, 1991: Political and military dimensions. **Journal of Strategic Studies**, United Kingdom, v. 16, n. 3, p. 297–338, 1993.

CLAUSEWITZ, Carl von. Guide to Tactics, or the Theory of the Combat. *In.*: GARARD, Olivia A. (ed.). **An annotated Guide to tactics: Carl von Clausewitz's Theory of the combat**. Quantico, Virginia: Marine Corps University Press, 2021.

CLAUSEWITZ, Carl von. **On war**. Princeton: Princeton University Press, 1976.

CROATIAN PARLIAMENT. **15 january – day of the international recognition of the Republic of Croatia and the day of peaceful reintegration of the Croatian Danube Region**. Zagreb, 2023. Disponível em:

<https://www.sabor.hr/en/about-parliament/history/important-dates/15-january-day-international-recognition-republic-croatia#:~:text=On%2015%20January%201992%2C%20all,Spain%20and%20the%20United%20Kingdom>. Acesso em: 21 dez. 2023.

DIMARCO, Louis. **Concrete Hell: Urban Warfare From Stalingrad to Iraq**. Oxford: Osprey Publishing, 2017.

DUARTE, Érico E. **A Independência Norte-Americana: guerra, revolução e logística**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2013a.

DUARTE, Érico. E. Uma análise preliminar da estratégia do SURGE no Iraque, 2007-2010. **Conjuntura Austral**, [s. l.], v. 4, n. 15–16, p. 32, 2013b. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.20624>. Acesso em: 2 dez. 2023.

DUARTE, Érico Esteves; MENDES, Flávio Pedroso. A Ciência da Guerra: Epistemologia e Progresso nos Estudos Estratégicos. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, Brasil, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em: <https://rbed.abedef.org/rbed/article/view/61742>. Acesso em: 2 set. 2023.

FARIA, Carlos; CEPIK, Marco. Otan para quê? *In.*: CEPIK, Marco; MARTINS, José Miguel. **Política Internacional**. Belo Horizonte: Newton Paiva, 2004.

FERREIRA, Thiago Borne. **Guerra Irregular Complexa: Aspectos conceituais e o caso da Batalha de Vukovar**. Artigo (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 90. 2012.

FRIEDMAN, A. B. Preface. *In.*: GARARD, Olivia A. (ed.). **An annotated Guide to tactics: Carl von Clausewitz's Theory of the combat**. Quantico, Virginia: Marine Corps University Press, 2021.

GARARD, Olivia. **Tactical and Strategic Interdependence**. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://thestrategybridge.org/the-bridge/2016/12/18/tactical-and-strategic-interdependence>. Acesso em: 2 set. 2023.

GARARD, Olivia A. Unlocking Guide to Tactics. *In.*: GARARD, Olivia A. (ed.). **An annotated Guide to tactics: Carl von Clausewitz's Theory of the combat**. Quantico, Virginia: Marine Corps University Press, 2021.

GAT, Azar. Clausewitz on defence and attack. **Journal of Strategic Studies**, United Kingdom, v. 11, n. 1, p. 20–26, 1988.

GRAAFF, Bob de. The wars in former Yugoslavia in the 1990s bringing the state back in. *In.*: ANGSTROM, Jan; DUYVESTYEN, Isabelle. **Rethinking the Nature of War**. London: Routledge, 2005. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/9781134257508>. Acesso em: 28 ago. 2023. p. 159-176

GUHA, Manabrata. **Reimagining War in the 21st Century: From Clausewitz to network-centric warfare**. Abingdon: Routledge, 2011.

HEBDA, Wiktor. Croatian and Serbian War Crimes, the International Criminal Tribunal for the Former Yugoslavia, and the Judicial Systems of Serbia and Croatia. **Sprawy Narodowościowe. Seria nowa**, Poland, n. 52, 2020. Disponível em: <https://journals.ispan.edu.pl/index.php/sn/article/view/sn.2050>. Acesso em: 13 jan. 2024.

HOFFMANN, Raymond F. **The Serbo-Croatian War: a failure of the principles of war**. Newport: Naval War College, 1999. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA370638.pdf>. Acesso em: 3 set. 2023.

HOPF, Ted. Polarity, the Offense-Defense Balance, and War. **American Political Science Review**, United States, v. 85, n. 2, p. 475–493, 1991.

HORNCastle, James. Croatia's bitter harvest: Total National Defence's role in the Croatian War of Independence. **Small Wars & Insurgencies**, United Kingdom, v. 26, n. 5, p. 744–763, 2015.

HOWARD, Michael. **Clausewitz: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KALDOR, Mary. **New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era**. New York: Cambridge University Press, 1999.

KING, Anthony. **Urban warfare in the twenty-first century**. Cambridge, UK ; Medford, MA: Polity Press, 2021.

KORNBERGER, Martin; ENGBERG-PEDERSEN, Anders. **Reading Clausewitz, reimagining the practice of strategy**. Strategic Organization, United Kingdom, v. 19, n. 2, p. 1-13, 2021.

HADŽIĆ, Miroslav. The controversies of Euro-Atlantic interventionism in the Balkans. *In.*: SIANI-DAVIES, Peter (org.). **International Intervention in the Balkans since 1995**. Abingdon: Taylor & Francis, 2003.

KRASNER, Stephen D. **Sovereignty: organized hypocrisy**. Princeton, N.J: Princeton University Press, 1999.

KUSOVAC, Zoran. Analysis: Why Israel will continue its deadly push into Gaza city centres. **Al Jazeera**, online, 17 dez. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/12/17/analysis-why-israel-will-continue-its-deadly-push-in-to-gaza-city-centres>. Acesso em: 23 jan. 2024.

MARIJAN, Davor. The Sarajevo Ceasefire – Realism or strategic error by the Croatian leadership? **Review of Croatian History**, Zagreb, v. 7, n. 1, p. 103–123, 2001.

MARIJAN, Davor. Bitka za Vukovar 1991. **Scrinia Slavonica**, Croatia, v. 2, n. 1, p. 367–402, 2002

MARTINS, José Miguel. Nem a guerra e nem a paz. *In*: CEPIK, Marco; MARTINS, José Miguel. **Política Internacional**. Belo Horizonte: Newton Paiva, 2004.

MEARSHEIMER, John J. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: W. W. Norton & Company, 2001.

MECHANISM INFORMATION PROGRAMME FOR AFFECTED COMMUNITIES. **Vukovar Crimes**. [S. l.], [20??]. Disponível em: <https://www.irmct.org/en/mip/features/vukovar>. Acesso em: 14 jan. 2024.

NATO. **NATO member countries**. [S. l.], 2023. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_52044.htm. Acesso em: 21 dez. 2023.

NOGUEIRA, João Pontes. A Guerra do Kosovo e a desintegração da Iugoslávia: notas sobre a (re)construção do Estado no fim do milênio. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 44, 2000.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Security Council. **Resolution 713 (1991)** / adopted by the Security Council at its 3009th meeting, S/RES/713(1991), 25 set. 1991a. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/126827>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Secretary-General. **Letter dated 24 November 1991 from the Secretary-General addressed to the President of the Security Council**, S/23239, 24 nov. 1991b. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/132435>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Security Council. **Resolution 721 (1991)** / adopted by the Security Council at its 3018th meeting, S/RES/721(1991), 27 nov. 1991c. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/126827>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Security Council. **Resolution 724 (1991)** / adopted by the Security Council at its 3023rd meeting, S/RES/724(1991), 15 dez. 1991d. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/133569>. Acesso em: 18 jan. 2024.

PARET, Peter; MORAN, Daniel. **Carl Von Clausewitz**: Two Letters on Strategy. Fort Leavenworth, Kansas: U.S. Army Command and General Staff College, 1984.

PECEQUILO, Cristina S. **Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PROENÇA, Domício; DUARTE, Érico E. The concept of logistics derived from Clausewitz: All that is required so that the fighting force can be taken as a given. **Journal of Strategic Studies**, United Kingdom, v. 28, n. 4, p. 645–677, 2005.

RADOVIĆ, Borislav. A brief retrospective on the problem of refugees in the Yugoslav Wars 1991-99. In: OPAČIĆ, Goran; VIDAKOVIĆ, Ivana; VUJADINOVIĆ, Branko (org.). **Living in Post-war Communities**. Beograd: IAN International Aid Network, 2005. p. 11–28.

SEBETOVSKY, M. **The battle of Vukovar**: The battle that saved Croatia. 2002. 67 f. Dissertação (Master of Military Studies) - United States Marine Corps: Command and Staff College, Marine Corps University. Quantico, 2002. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/citations/ADA407751>. Acesso em: 23 jan. 2024.

SEVERO, Marília Bortoluzzi. **Determinantes sistêmicos na criação e na dissolução da Iugoslávia (1918-2002)**. 2011. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/34678>. Acesso em: 8 dez. 2023.

SILBER, Laura; LITTLE, Allan. **Yugoslavia**: death of a nation. Rev. and updated ed. New York: Penguin Books, 1997.

SIMIC, Predrag. Russia and the conflicts in the former Yugoslavia. **Southeast European and Black Sea Studies**, United Kingdom, v. 1, n. 3, p. 95–114, 2001.

SHARMA, Vivek Swaroop. A social theory of war: Clausewitz and war reconsidered. **Cambridge Review of International Affairs**, Cambridge, v. 28, n. 3, p. 327–347, 2015.

SMITH, Hugh. The womb of war: Clausewitz and international politics. **Review of International Studies**, United Kingdom, v. 16, n. 1, p. 39–58, 1990.

SMITH, Michael R. Strategy in an age of ‘low-intensity’ warfare: why Clausewitz is still more relevant than his critics. *In.*: ANGSTROM, Jan; DUYVESTYEN, Isabelle. **Rethinking the Nature of War**. London: Routledge, 2005. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/9781134257508>. Acesso em: 28 ago. 2023. p. 28-64

SUDETIC, Chuck. **Yugoslav factions agree to U.N. plan to halt civil war**. The New York Times, New York, 3 jan. 1992. World. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1992/01/03/world/yugoslav-factions-agree-to-un-plan-to-halt-civil-war.html>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SULLIVAN, John P; ELKUS, Adam. **Command of the Cities: Towards a Theory of Urban Strategy**. Small Wars Journal, 2011. Disponível em: <https://smallwarsjournal.com/jrnl/art/command-of-the-cities-towards-a-theory-of-urban-strategy>. Acesso em: 2 set. 2023.

TANNER, Marcus. **Croatia: a nation forged in war**. 2 ed. New Haven: Yale Nota Bene, 2001.

TATALOVIĆ, Siniša. **Military and Political Aspects of the Croato-Serbian Conflict**. Politička misao: časopis za politologiju, Zagreb, v. 33, n. 5, p. 166–190, 1996.

THE ECONOMIST. In the Balkans, NATO has outmuscled Russia. **The Economist**, 2015. Disponível em: <https://www.economist.com/europe/2015/12/11/in-the-balkans-nato-has-outmuscled-russia>. Acesso em: 21 dez. 2023.

THUDIUM, Guilherme. **A Alemanha e sua política exterior e de segurança na República de Berlim: entre o leste e o oeste, o global e o regional**. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/192979>. Acesso em: 13 dez. 2023.

TOMOBE03. Frontlines in Croatian War of Independence (approximate, January 1992). **Wikimedia Commons**, 2013. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cro-occup-lines-Jan92.svg>. Acesso em: 20 jan. 2024.

TRBOVIĆ, Ana S. **A legal geography of Yugoslavia's disintegration**. New York: Oxford university press, 2008.

UKRAINE conflict: Why is Russia losing so many tanks?. **BBC**, online, 11 abr. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-61021388>. Acesso em: 27 jan. 2024.

VIZENTINI, Paulo. A fragmentação da Iugoslávia: paradigma da afirmação das estruturas hegemônicas de poder. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 124–136, 1999a.

VIZENTINI, Paulo. A guerra da Otan contra a Iugoslávia. **Extra Classe**, Porto Alegre, Brazil, 28 maio 1999b. Opinião, p. 23.

VUKOVAR 1991: The Hospital. Publicado por: Steve Gaunt, texto por: Michael Nicholson, 1991. 1 vídeo (30 minutos e 52 segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Hs6u3wyNpU>. Acesso em: 22 jan. 2024.

WOODWARD, Susan L. **Balkan tragedy: chaos and dissolution after the Cold War**. Washington, DC: Brookings Institution, 1995.

ŽIVIĆ, Dražen; DEGMEČIĆ, Iva Šušić. The Battle of Vukovar: A Turning Point in the Croatian “Homeland War”. **Témoigner. Entre histoire et mémoire**, Belgium, n. 123, p. 182–191, 2016.